





## FICHA TÉCNICA

*Título:* Movimento Cultural

Ano 3 - N.º 5, Dezembro de 1988

*Edição e Propriedade:* Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal

*Redacção e Administração:* Av. Manuel Arriaga, 6, 2.º Esq.- 2900 Setúbal - Telefones: 34 221 - 34 232 - 34 268

*Director:* Eufrázio Filipe

*Conselho Redactorial:* António Durão, António Matos, Alexandre Flores, Arlindo Mota, Eufrázio Filipe, João Faria, Joaquina Soares e Luís Marques

*Colaboradores:* – Ana Duarte, António Durão, Alexandre M. Flores, Arlindo Mota, Arnaldo António Pereira, Carlos Alberto Fernandes Pesinho, Ezequiel Lino, João Carlos L. Faria, José Jorge Letria, José Manuel Mendes, Laura Reis Marques, Luis Filipe Oliveira, Manuel Eduardo dos Santos, Manuel Lima, Maria Helena Salgado, Maria José Dias, Mário Vieira, Marisol A. Ferreira, Miguel Boieiro, Robertina Pereira Pinela, Rui Canas, Urbano Tavares Rodrigues, Valdemar Santos, Vera Silva.

– Centro Cultural Emmérico Nunes.

*Capa e separadores:* Carlos António de Oliveira e Sousa

*Arranjo gráfico e revisão tipográfica:* António Durão

*Tiragem:* 5000 exemplares

*Composição, montagem e Impressão:* Litomarco Artes Gráficas, Lda. Ap. 34 - Casal do Marco - 2840 Seixal

Depósito Legal n.º 25399/89

Preço: Esc. 500\$00

A AMDS agradece ao Dr. José Manuel da Silva Passos o empréstimo dos Bilhetes-postais ilustrados que constam da contracapa.

NOTA: As opiniões formuladas nos vários artigos nem sempre serão coincidentes com as da AMDS, sendo, por isso, da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| <b>Introdução — Cultura e Paz para um mundo melhor</b>                                      |    |
| <i>Urbano Tavares Rodrigues</i> .....   | 5  |
| <b>Feitas as contas, a paz vale a pena</b>  |    |
| <i>Ezequiel Lino</i> .....  | 7  |
| <b>Um Distrito como o País e o Mundo: pela paz</b>  |    |
| <i>Valdemar Santos</i> .....  | 12 |
| <b>O trabalho pela paz no concelho de Palmela</b>   |    |
| <i>Rui Canas e Carlos A. F. Pesinho</i> .....   | 16 |
| <b>Educação para a paz: algumas notas</b>   |    |
| <i>Arnaldo António Pereira</i> .....  | 18 |
| <b>Movimento ZLAN: o Poder Local em luta pela paz</b>                                       |    |
| <i>António Durão</i> .....  | 22 |
| <b>PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL</b>  |    |
| <b>1.<sup>as</sup> Jornadas de História e Património da Freguesia da Cova da Piedade</b>    |    |
| <i>Alexandre M. Flores</i> .....  | 27 |
| <b>Descoberta de duas sepulturas romanas na vila do Torrão</b>                              |    |
| <i>João C. L. Faria e Marisol A. Ferreira</i> .....   | 29 |
| <b>Prémio 'Almeida Carvalho' — Regulamento</b> .....  | 36 |
| <b>Na Moita — Latoaria, uma profissão em vias de extinção</b>                               |    |
| <i>Boletim Municipal — C. M. da Moita</i> .....   | 38 |
| <b>Pequeno subsídio para a ampliação do conceito de reserva natural do estuário do Tejo</b> |    |
| <i>Miguel Boieiro</i> .....   | 39 |
| <b>As falésias da Arrábida-Espichel</b>   |    |
| <i>Luís Filipe Oliveira</i> .....   | 41 |
| <b>Os golfinhos do Sado, uma riqueza insuspeitadamente preciosa</b>                         |    |
| <i>Manuel Eduardo dos Santos</i> .....  | 51 |
| <b>Viveiros de peixe em Corroios</b>  |    |
| <i>Manuel Lima</i> .....  | 54 |

## ANIMAÇÃO CULTURAL

|  |    |
|--|----|
| <b>Centro Comunitário da Quinta do Conde</b>   |    |
| — Uma experiência de desenvolvimento comunitário                                       |    |
| <i>Robertina P. Pinela</i> .....   | 63 |
| <b>A biblioteca e a comunidade — a urgência de uma relação diferente</b>               |    |
| <i>Vera Silva</i> .....  | 65 |
| <b>O projecto 'História ao Vivo' na Fortaleza de S. Filipe — Setúbal, Maio de 1988</b> |    |
| — Experiência comunitária e solidariedade internacional                                |    |
| <i>Ana Duarte</i> .....  | 69 |
| <b>Sesimbra e a sua vocação turística</b>  |    |
| <i>Laura Reis Marques</i> .....  | 74 |
| <b>Retalhos dum quotidiano ainda próximo</b>   |    |
| <i>Maria José Dias</i> .....   | 77 |
| <b>Passaporte Cultural — Um passe para a Cultura, o Desporto e os Tempos Livres</b>    |    |
| <i>Arlindo Mota</i> .....  | 81 |

## ARTES E LETRAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Uma relação epistolar inédita</b>  |    |
| <i>Mário Vieira</i> .....   | 85 |
| <b>Poema de José Manuel Mendes</b> .....  | 90 |
| <b>Poemas de Maria Helena Salgado</b> .....                                     | 92 |
| <b>C.M.S. — Prémio Literário 'Maré Viva' 88 — Regulamento</b> .....             | 93 |
| <b>A.M.D.S. — Prémio de Poesia 'Bocage'</b> .....                               | 94 |
| <b>Bocage — Municípios do Distrito de Setúbal assinalam nascimento do Poeta</b> | 95 |
| <b>C.M.S. — Fomento da criação intelectual e artística</b> .....                | 96 |
| <b>FESTRÓIA — Um grande acontecimento cinematográfico</b> .....                 | 97 |

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

|   |     |
|---|-----|
| <i>Arlindo Mota e José Jorge Letria</i> ..... | 101 |
|---|-----|

## NOTICIÁRIO SOCIO-CULTURAL

|   |     |
|---|-----|
| <b>Alcácer do Sal, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal e Sines</b> ..... | 124 |
|---|-----|

## INTRODUÇÃO

# CULTURA E PAZ PARA UM MUNDO MELHOR

*Urbano Tavares Rodrigues\**

Se há um espaço em Portugal onde tem sentido invocar a palavra PAZ, é bem o distrito de Setúbal, onde vários municípios são já hoje zonas livres de armas nucleares, tais como Almada, o Seixal, Grândola.

A luta que neste distrito tem vindo a travar-se contra o Campo de Tiro de Alcochete, campanha tão ampla e profunda que mobiliza já entidades e forças de todo o País, ilustra bem o espírito de defesa da natureza e da qualidade de vida que preside às grandes iniciativas que nesta revista têm tido acolhimento e que reflectem uma maneira nova de querer estar no mundo.

O clima de paz e o florescimento da cultura estão desde sempre intimamente ligados. E raras vezes, ao longo dos tempos, houve uma perspectiva internacional de paz duradoura tão luminosa e espraçada como a que hoje se nos oferece, graças à política de abertura de uma União Soviética que, no plano interno, se empenha na restauração do leninismo (o socialismo feito pelo povo e não só para o povo) e, no plano exterior, luta pela vida contra a morte, propondo e conseguindo acordos que, pelo menos reduzem e recuam consideravelmente a ameaça, antes tão pesada, de um conflito nuclear, ou seja, da destruição do globo terrestre.

É claro que não desapareceram da face da terra as atrocidades, as zonas de confronto, os absurdos monstruosos. Nem será fácil extingui-los enquanto se não verificar a independência da Namíbia, enquanto — digamo-lo sem reservas — a política do *apartheid* imperar na África do Sul; enquanto Israel não largar mão do solo palestino.

Reconhecendo, porém, a gravidade desses e doutros conflitos sangrentos, temos de admitir que o desanuviamento nas relações da União Soviética com os Estados Unidos, a já comprovada possibilidade de negociações entre os dois grandes com vista à extinção de armamento nuclear marcam um período novo da história da Humanidade, por muito que possam ainda afligir-nos situações como a da Nicarágua, tolhida no seu desenvolvimento por criminosas agressões pagas e governadas do exterior. E não é único o caso da Nicarágua, que suscita naturalmente indignação.

O panorama geral, porém — e isso torna-se evidente —, sofreu alterações benéficas no decurso do último ano. As reformas radicais, a verdadeira revolução que em boa hora se deu na U.R.S.S., partindo da direcção do próprio Partido Comunista e logo irradiando para os intelectuais e para as massas trabalhadoras, para os jovens, traduziu-se no plano da cultura num entusiasmo,

\* *Escritor, ensaísta e professor universitário.*

numa qualidade de produção, numa revitalização que já deram frutos admiráveis (obras de Damiil Granin, de Aitmatov, etc., o renascer das artes plásticas, o surto de um novo teatro) e, internacionalmente, num claro reverdecer da esperança no socialismo.

A liberdade é condição primeira da cultura. Sabemo-lo bem, nós, portugueses, que temos a experiência do grande salto qualitativo operado entre nós depois do 25 de Abril. E não só a nível puramente estético como no tocante à recepção da arte e da literatura, à democratização dos circuitos. Muito há ainda, todavia, a fazer em Portugal na amplificação da oferta cultural no domínio autárquico e no da regionalização que nos é prometida, tão rica de potencialidades.

Falávamos da paz como condição que é também da vida cultural e do seu progresso. E não podemos deixar de lembrar que não existe paz onde a guerra civil está no coração humilhado

de povos como o Chile ou o Paraguay sob a opressão de ditaduras retrógradas e cruéis.

Num plano obviamente muito distinto, teremos de reconhecer que mesmo em países democráticos como o nosso se verificam situações pontuais que afrontam a democracia e os direitos humanos (focos de miséria, desemprego, violência patronal nas relações de trabalho. A tentativa em curso (pacote agrícola) de destruição do que resta da Reforma Agrária, é, aliás, expressivo exemplo de atentados governamentais à paz social.

A paz entre as nações e a paz como expressão da justiça social no seio dos povos são pois os alicerces de uma vida melhor e mais bela, em que a cultura, sob todas as suas formas, da alta literatura ao mais modesto artesanato, da criação musical ao folclore, do teatro participado pela colectividade à *performance* visual, surja limpidamente à luz do dia.

## FEITAS AS CONTAS, A PAZ VALE A PENA

*Ezequiel Lino\**

Houve um tempo — e tal teoria ainda tem partidários, basta recordar a linha política do primeiro mandato do presidente norte-americano R. Reagan — em que se defendeu o recurso à guerra como forma de desenvolvimento da civilização.

Há paradoxos que são fecundos e nos permitem focar a realidade com outra nitidez, vê-la numa perspectiva que, por ser diferente, enriquece o conhecimento global dessa realidade. Mas outros há que valem apenas como insulto à inteligência. São jogos de conceitos sem objectivo de clarificar uma situação, antes encobri-la com estratégias cuja função é afunilar a discussão para atitudes de força.

Sobre este paradoxo da guerra como motor do desenvolvimento da civilização vale a pena recordar a intervenção do filósofo espanhol Miguel Unamuno, quando, em plena guerra civil espanhola, recebeu na sua “casa” — a Universidade de Salamanca — uma assembleia de partidários franquistas.

O pretexto para a realização da assembleia foi a defesa dos ideais hispânicos de que Unamuno era um paladino. O objectivo inconfessado, legitimar, naquele “templo” do saber universal, e na presença do seu “sumo-sacerdote”, o golpe de estado que Francisco Franco dera e trouxera a

guerra civil para os povos de Espanha.

Estavam presentes os chefes de fila do franquismo e até a própria esposa do caudilho. Os discursos foram-se sucedendo, cada qual mais fanático que o anterior nos seus apelos à guerra e no extermínio dos opositores.

Os aplausos passaram a ser pontuados com estribilhos como estes: “Viva a guerra!” e “Abaixo a inteligência!”. Foi neste contexto de furor bélico que Unamuno, já ancião, se ergueu e pronunciou o seu breve discurso.

Disse ele que, sendo um filósofo de inspiração socrática, o estudo do paradoxo fora uma das constantes do seu pensamento. Havia situações, porém, em que o paradoxo podia ser fonte de equívocos. Pior ainda, podia permitir confusões. Por exemplo — acrescentou — acabara de escutar duas exclamações paradoxais que, por mais esforço interpretativo que se fizesse, não podiam deixar de ser consideradas como disparates, se não fosse a gravidade do seu conteúdo.

Clamar “Abaixo a inteligência!” dentro dos muros de uma escola universitária não era uma atitude crítica relativamente a uma linha de pensamento. Era simplesmente um apelo à barbárie. Nada tinha a ver com o esforço civilizacional que acompanhava a história da humanidade e para o qual os povos

\* *Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra.*

hispânicos tinham notavelmente contribuído.

Clamar “Viva a morte!” não era só um absurdo necrofilista; mais grave que isso, era um apelo aos instintos mais bestiais do ser humano.

Há alturas em que não se pode ficar calado. Há alturas em que o falar tem que ser directo e o pensamento transparente. Aquele era um desses momentos e, ao proceder da maneira que o fez, Unamuno sabia que era a sua própria vida que punha em risco. Os franquistas, com efeito, não lhe perdoaram e, se dada a sua prolecta idade e prestígio internacional, temeram a ordem de execução, não hesitaram em pô-lo com residência fixa até ao fim dos seus dias.

Imobilizaram o homem, mas não puderam apagar do tempo a sua atitude.

\*  
\*   \*  
\*

Quando, a 12 de Abril de 1983, a Assembleia Municipal de Sesimbra tomou a deliberação unânime de proclamar o Concelho zona livre de armas nucleares por vontade da população, deliberação que a Câmara logo fez decisão sua, estávamos a ser pioneiros de um movimento que sabíamos ser justo e necessário para a salvaguarda não só dos nossos conterrâneos como de toda a humanidade.

A nossa atitude não se revestiu do heroísmo que teve Unamuno, mas, ressalvadas as devidas proporções, também nós fizemos na altura figura quixotesca.

Os tempos são outros e felizmente podemos hoje recordar esse acontecimento com um suspiro de alívio e, sobretudo, respirando ar puro (pelo menos não radioactivo...). Mas, reflectir sobre acontecimentos passados, sobretudo se deles podemos extrair lições presentes, é um bom exercício

pedagógico, não despropositado nesta altura de início do ano lectivo.

Quando, há cinco anos, a Assembleia Municipal de Sesimbra fez a sua histórica declaração, as forças defensoras da paz lutavam não só contra o absurdo de uma estratégia política que afirmava ser inevitável a utilização de armas nucleares tácticas no teatro da guerra. Elas debateram-se com um pesado muro de silêncio quando quiseram demonstrar à opinião pública o absurdo — e sobretudo a ameaça para toda a humanidade — que continha a política armamentista seguida na primeira metade dos anos 80, precisamente o primeiro mandato de Ronald Reagan como presidente dos EUA.

Os grandes meios de comunicação de massa — e a televisão é, como se sabe, o mais poderoso deles — utilizaram a omissão para iludir a opinião pública. Enquanto eram divulgadas todas as afirmações dos que pugnavam pela corrida armamentista, que a justificavam com argumentos mirabolantes — quem esqueceu a trampolinice da propalada “pista búlgara”? — os defensores de uma política de desarmamento e desanuviamento internacionais tinham que lutar contra a censura encapotada que se instalou nos órgãos de comunicação de maior impacte.

Cito, a título de exemplo, o caso de filmes como “Day After” e “A Teia”, cuja divulgação foi objecto de restrições, a tal ponto que a nossa RTP os relegou para o 2.º canal com o pretexto de serem demasiado “violentos” e, mesmo assim, só quando a pressão da opinião pública se tornou inultrapassável e quando esses documentos conheciam já larga divulgação nos circuitos paralelos.

A vontade em esclarecer a opinião pública quanto aos argumentos das duas partes era tão pouca (por parte do poder político que controlava a RTP e outros importantes meios de comunicação) que significativos documentários sobre o assunto continuam inéditos em Portugal. É o

caso de uma excelente reportagem feita por uma agência jornalística da Alemanha Democrática, tendo por eixo as entrevistas feitas a antigos generais europeus da NATO, entre os quais figura, com particular evidência, o marechal Costa Gomes. Pois apesar de nele constar o depoimento de um português e de ter sido projectado em vários países europeus nas cadeias televisivas estatais — casos da Áustria, da Grã-Bretanha, Holanda, entre outros — ainda não foi divulgado em Portugal.

O caso do filme soviético "Cartas de um homem morto" é igualmente significativo. Este filme, que chegou a passar numa das edições do Festival de Tróia, já legendado em português, permanece ignorado da quase totalidade do nosso público. Por causa da sua origem, certamente, os responsáveis da direcção da RTP devem ter receio de o visionar, quanto mais de o divulgar. Se o tivessem visto, no entanto, concluiriam que se trata de um filme de autor, por sinal um realizador que a *perestroika* veio pôr em evidência, e se alguns laivos de propaganda política terá não é com certeza a favor do seu país.

Os tempos são outros, felizmente. É próprio da memória humana esquecer o que a magoou, e essa qualidade — às vezes defeito — leva-nos a valorizar o prazer do momento. Sob pena de ser desagradável, acho que não devemos esquecer a ameaça nuclear que tão iminente esteve de nós. Não devemos esquecer as brutais cargas policiais contra as manifestações pacifistas, manifestações que nos eram apresentadas como se fossem arruaças. Não devemos esquecer a força que teve a opinião pública no desmontar da estratégia armamentista, nem o papel mobilizador que nessa opinião pública tiveram os organismos e os movimentos defensores da paz — dos quais distingo, como é normal, o momento dos municípios ZLAN (Zonas Livres de Armas Nucleares).

Quando em Sesimbra se iniciou este

movimento, logo apareceram alguns querendo neutralizá-lo com acusações de "politização". Aqui temos outro paradoxo irresolúvel. Não se trata, sequer, de evidenciar o disparate que é querer esmagar o adversário, apontando-lhe o vício de que padecemos. Há um ditado popular que diz que esperto é o ladrão que depois do furto aponta para a vítima gritando: "agarra que é ladrão!". Foi esse o estratagemma que os adversários da paz escolheram para intimidar os seus defensores.

É aqui, de facto, que o paradoxo se revela. Ser contra ou a favor da guerra / ser contra ou a favor da paz são, à partida e por definição, orientações políticas que condicionam toda e qualquer decisão executiva — toda e qualquer política. Defender a guerra como sendo a continuação da política por outros meios é um princípio político. Defender que os arsenais nucleares só podem ser elementos dissuasores num conflito internacional é outro princípio político. Defender uma política de desmantelamento dos arsenais nucleares e a utilização da energia nuclear para fins pacíficos é, ainda, um outro princípio político.

Como é evidente, estes princípios norteiam políticas diferentes. E aos olhos da opinião pública a prova está feita de que para o bem da humanidade — independentemente de credos, etnias e ideologias — é preferível canalizar os créditos públicos para o combate a doença, à ignorância, à pobreza e à poluição do que para o aperfeiçoamento de novos e sofisticados engenhos de destruição maciça.

\*  
\*   \*  
\*

É este, quanto a mim, o cerne da questão. Porque razão continuam a aparecer arautos da guerra, quando a prova está feita de que as pessoas preferem a paz?

O que faz levar certas pessoas,

indubitavelmente inteligentes, a inventarem teorias como aquela de que as civilizações enfermavam de um mal congénito que era a sua tendência para a auto destruição?

O que fez que governantes adultos e experientes, como é o caso nos países que formam a NATO, tenham aceite, no primeiro quinquénio de 80, a proposta do então secretário de estado da Defesa norte-americana, Caspar Weinberger, de aumentar anualmente de 3 a 5 por cento os orçamentos estatais destinados à “modernização” das forças armadas? Isto numa altura em que a economia dos respectivos países estava em recessão e, para evitar aumentar o défice orçamental, se praticaram arrepiantes cortes nas rubricas destinadas à saúde, à educação, à habitação e equipamentos sociais!

Como é possível explicar uma conduta tão irracional e ao mesmo tempo tão coerente?

Os negócios feitos com a fabricação, compra e venda de armamentos de destruição maciça são tão vultuosos que dão para tudo: para comprar consciências e inteligências, submeter nações e aniquilar povos. Dizem que o dinheiro não tem cor...

Os preços dos engenhos de morte são tão fabulosos que um organismo internacional como a UNICEF (organismo das Nações Unidas para a protecção da infância) se pôs a fazer contas do dinheiro que se gastava com a produção de material de guerra e os fundos que obtinha para levar a bom termo as suas missões.

Recordo, a título de exemplo, que uma campanha de exercícios de um batalhão blindado — e Portugal tem um, integrado na força NATO — dava para construir 28 jardins de infância. A título de exemplo, também, acrescento que um concelho como o de Sesimbra — por sinal, nem dos piores equipados — dispõe de alguns jardins de infância privados, mas só um pertence à rede do ensino oficial.

O nosso sistema de assistência à maternidade fez sensíveis progressos desde o 25 de Abril de 1974. Eramos, então, um dos países de maior taxa de mortalidade infantil de todo o mundo. Havia um distrito, o de Vila Real, que detinha o recorde da maior taxa de mortalidade infantil da Europa! Hoje, segundo as estatísticas dos serviços oficiais, a taxa de mortalidade infantil situa-se nos 15 por mil, o que não nos afasta dos padrões dos países da Europa desenvolvida.

Conseguimos, também, sensíveis progressos na prevenção às doenças que mais vitimam no período infantil, através de um eficaz sistema de vacinação. Uma das doenças epidémicas mais terrível, a varíola, está mesmo erradicada.

O panorama português permite-me uma extrapolação. Se aqui se conseguiu, porque não se conseguirá a nível mundial? A UNICEF é também da mesma opinião e, em conjunto com a Organização Mundial de Saúde, lançou um projecto de vacinação universal contra as cinco doenças que maior taxa de mortalidade provocam.

A vacinação das crianças em todo o mundo permitiria — segundo diz a UNICEF — proteger da morte mais de 80 por cento dos 14 milhões de seres que por ano morrem sem ter chegado a sair da meninice.

O mais surpreende neste projecto tão ambicioso (!?) é o seu custo. No seu relatório de 1987 sobre o estado da infância, sublinhava, para que este projecto seja realidade antes do ano 2000, bastar que se canalizasse para a Organização Mundial de Saúde o dinheiro que anualmente se gasta com 10 aviões de combate, tipo caça, F-14.

Não é só para combater a doença e a pobreza que podiam utilizar-se as verbas desviadas da corrida armamentista. Ainda há muito pouco tempo — a 16 de Setembro deste ano — um dos principais líderes políticos da cena

internacional e, por sinal, dirigente máximo de uma das grandes super-potências, M. Gorbatchov, indicava outros caminhos que podiam ter as estações e bases militares. Refiro-me, concretamente, à proposta que ele fez para a estação de radar de Krasnoiarsk, actualmente destinada a fins militares. Propôs ele que se tornasse numa base de estudos interplanetários, totalmente aberta à cooperação internacional, com os fundos geridos pela comunidade científica internacional.

Dentro de dias — de 13 a 17 de Outubro — vou participar, em Reggio de Calabria (Itália), num encontro dos Municípios ZLAN que tem por tema a desnuclearização do Mar Mediterrâneo. Este mar, que foi cenário e berço das civilizações mais brilhantes da história da humanidade, e das quais nos orgulhamos de ser herdeiros, deve

tornar-se uma zona de paz, onde seja garantida a livre circulação naval, segundo a observância do Direito Marítimo e Direito Internacional.

Mas, além do mar pacífico, ele podia também tornar-se um modelo de mar interior despoluído. Hoje em dia, o Mediterrâneo é um mar quase morto, devido à poluição e à destruição bélica a que foi submetido, sobretudo durante a 2.ª Guerra Mundial. Já lá vão mais de quatro décadas sobre o final desse conflito e o Mediterrâneo continua a ser um mar quase inerte, onde continuam a processar-se experiências da marinha de guerra, tão explosivas como as que ali ocorreram entre 1939/45.

É minha opinião que as somas gastas nestas experiências bélicas seriam melhor empregues na recuperação ecológica do grande Mar Mediterrânico. Quem tem opinião contrária?

# UM DISTRITO COMO O PAÍS E O MUNDO: PELA PAZ

Valdemar Santos\*

O mês de Dezembro não mais será, doravante, para uma grande parte dos habitantes do planeta, um período particularmente festivo, mas apenas marcado por tradições seculares. A menos que a Humanidade *toda ela* pudesse esquecer o 8 de Dezembro, data em que, em 1987, a URSS e os EUA assinaram um acordo relativo à liquidação de mísseis nucleares de alcance médio.

1.

Um democrata residente no distrito de Setúbal relatou-nos um dos aspectos de que se revestiu a emoção sentida face à transmissão em directo, via TV, daquêle tão transcendente acontecimento. Virou-se para o filho, uma criança, e perguntou-lhe: *“Lembras-te de termos ido à Marcha da Paz, em Lisboa?... Foi para que isso viesse a acontecer”*.

Com efeito, o movimento da paz, em Portugal, pése o facto de ainda não estar ao nível das ameaças que subsistem, mantendo e reforçando as suas características amplamente unitárias, consolidando e alargando as suas estruturas próprias, revelou, em geral, capacidade e prontidão de intervenção sempre que a agudização da situação internacional e a sua correspondente nacional — por força

das políticas governamentais até hoje seguidas — assim o exigiam.

A Marcha da Paz realizada em Lisboa a 21 de Junho de 1986, na qual, tal como em iniciativas anteriores, o Conselho Português para a Paz e a Cooperação teve papel de relevo, ocorreu precisamente quando muitos se questionavam da sua validade, perante a instalação de mais Pershing's norte-americanos em inúmeros países da Europa Ocidental. Sendo a sua palavra de ordem: *“Não às armas nucleares a leste e oeste, em todo o Mundo!”* (e *“Não às armas nucleares em Portugal!”*), afinal, a jornada de 21 de Junho estava apenas a ano e meio do acordo que estabeleceu a liquidação dos mísseis nucleares de alcance médio e intermédio (entre 500 e 5500 Km) dos EUA e da URSS, fixando os prazos, os meios de verificação e os procedimentos que assegurarão a destruição progressiva de cerca de 3800 ogivas nucleares!

Pondo em causa tão somente 3 a 4% do enorme potencial nuclear hoje existente no mundo, a verdade é que se abriram as portas para que cheguemos enfim ao desarmamento nuclear global, que os governos e os estados mais consequentes na defesa da paz propõem que venha a concretizar-se *no limiar do século XXI*.

2.

O movimento da paz no distrito de

\* Activista do movimento da paz. Membro do CPPC.

Setúbal é uma componente importante do movimento da paz em Portugal.

Decerto, ele prolonga para depois do 25 de Abril os sentimentos patrióticos e antifascistas da sua população laboriosa, que aos sentimentos juntou a luta mais tenaz. Decerto, quem lhe dera, ao movimento da paz do distrito de Setúbal, não ter de se preocupar (mais que não fosse) com a existência de bases aéreas, bases marítimas e instalações várias da NATO nos concelhos de *Almada, Barreiro, Grândola, Montijo, Sesimbra e Setúbal*, citados pelos governantes portugueses como autêntica moeda de troca graças à qual se obteriam dos países da NATO "*facilidades de grande diversidade e valor*" (Ministro da Defesa, em 1984). Quem lhe dera não ter de se preocupar com os submarinos e navios de guerra nucleares que sistematicamente fundeiam na Trafaria, zona, aliás, da qual parte um oleoduto que liga ao Montijo e que a imprensa nacional e estrangeira chegou a identificar como ponto forte do desenvolvimento de um outro oleoduto, cerrando num braço de morte Sines, Matosinhos e Madrid.

Tudo isto contraria o disposto na Constituição da República e está em oposição às responsabilidades assumidas por Portugal ao assinar a Acta Final de Helsínquia, com a agravante do silêncio do governo português nesta matéria corresponder, só por si, a um monstruoso crime!

Mas quando os partidários da paz do distrito de Setúbal realizaram, por exemplo, o seu IV Encontro a 17 de Novembro de 1984, em Sesimbra, a sua Resolução, aprovada por unanimidade e aclamação, não se limitou à denúncia dos factos mais gravosos. Antes deu conta da sua própria evolução organizativa e em particular de acontecimentos de grande alcance político e perspectivas de trabalho, em defesa da paz e da vida, da soberania e integridade territoriais; assim,

lembrava que a Assembleia

Municipal de Sesimbra, pioneira no país nesta matéria, havia declarado em Abril de 1983 o território municipal como "*zona desnuclearizada*",

acto que, no ano seguinte, foi seguido por muitos outros órgãos autárquicos até que, em Março de 1984, coubesse à própria Assembleia Distrital de Setúbal o assumir de tal opção;

e recomendou a prossecução de medidas e acções pela paz, designadamente "*a sua mais íntima interligação às estruturas nacionais do CPPC, entre outros, às autarquias locais, ao movimento sindical e popular, às associações culturais e desportivas, de defesa do património cultural e natural, ao movimento ecológico, às escolas, às organizações religiosas, de mulheres, de jovens, às instituições e outras formas de organização e representativas das populações tradicionalmente empenhadas na discussão da problemática e na defesa da paz*".

3.

Valerá fazer a cronologia do movimento, depois daquela IV Assembleia, mas circunscrito às acções mais significativas.

Em 9 de Maio de 1985, comemorando o 40.º Aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo na II Guerra Mundial, a cidade de *Setúbal* acolheu um veterano soviético e um democrata norte-americano, diversificou iniciativas que tiveram como suporte a Comissão Coordenadora dos Partidários da Paz do Distrito, a Comissão de Paz de Setúbal, o Movimento Democrático das Mulheres, a União dos Sindicatos de Setúbal, a Comissão de Trabalhadores da Setenave, a Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Setúbal, a Comissão Municipal da Juventude, os Bombeiros Municipais, a Sociedade Musical Capricho Setubalense (e a sua Banda), a União dos Resistentes Antifascistas

Portugueses, etc., conseguiu um efeito de grande impacto, afinal graças a um tão singelo cordão humano à volta do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Avenida dos Combatentes.

A 9 de Agosto, *Sesimbra* evocava o 40.º Aniversário do lançamento das primeiras bombas atómicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

Já em 1986, a 6 e 7 de Junho, o MDM promoveu em *Sines* o Acampamento da Paz, o qual, a par do Festival Dois Dias pela Paz, no *Seixal*, logo uma semana depois, foi mola real para a mobilização do distrito para a Marcha da Paz do dia 21 do mesmo mês (que naturalmente contou ainda com o apoio das autarquias locais e do movimento sindical unitário do distrito, na linha da frente);

Enquanto, a 21 de Junho, em Lisboa, a Liga Operária Católica (LOC) do distrito se fazia representar e garantia uma intervenção no comício de encerramento da Marcha, culminando um processo de adesão de estruturas religiosas à Comissão Coordenadora dos Partidários da Paz do Distrito, o MJAAIP (Movimento da Juventude de Alcochete para o Ano Internacional da Paz) lançava-se num outro êxito, a 15 de Agosto: o Festival da Juventude e da Paz.

A 13 de Dezembro, no *Barreiro*, decorreu V Encontro Distrital da Paz (com a palavra de ordem "*Sim à Desnuclearização da Península Ibérica!*").

Um ano mais tarde (não se fala aqui de uma incomensurável cadeia de pequenas e médias iniciativas, que jamais relegaram para o segundo plano, note-se, a componente da *solidariedade activa com os povos em luta*), a 7 de Dezembro, em *Sarilhos Grandes* (Montijo), pontuava-se o acordo Gorbachov-Reagan.

4.

O movimento da paz, em Portugal, de há

muito tempo balizou a sua orientação na consciência de que a sua luta é inseparável da luta em defesa de Abril, e não deixou igualmente de extrapolar uma outra convicção: ele tem de contribuir activamente para a recusa do envolvimento do país, das Forças Armadas portuguesas e do território nacional em quaisquer sistemas ou acções que contrariem ou dificultem o caminho para a paz e para a segurança (designadamente, com a recusa do agravamento de encargos militares, do alargamento de bases estrangeiras, da instalação de novos esquemas de incidência militar, ou da instalação, estacionamento ou trânsito de armas nucleares).

Eis a razão pela qual, desde o início do segundo semestre de 1987, o movimento de opinião pública contra o pretendido *alargamento do Campo de Tiro de Alcochete* (em cujo perímetro de alargamento, na zona de Santo Isidro de Pegões, iniciaram-se já *obras clandestinas!*) volta a reunir forças e esforços, sintetisa exemplarmente a unidade patriótica na defesa do valor supremo da vida ("*Não pode ser a morte a dar razão à luta pela vida e pela paz*"), porquanto em órgãos eleitos pelas populações tem prevalecido a unanimidade do repúdio de tais medidas governamentais, reactivando-se hoje todo um plano de iniciativas que, em 20 de Março de 1988, teve o seu primeiro ponto alto na Caminhada-Protesto que percorreu o troço de estrada entre Alcochete e as imediações das instalações do CTA.

Não é, pois, por acaso, que se tenha escolhido a data de 5 de Novembro para uma vigília em Alcochete, seguida por uma semana de outras acções: nesse mesmo dia, o Presidente da edilidade participará em mais um Encontro dos Municípios ZLAN (*Zonas Livres de Armas Nucleares*), em Lagos, outra componente do movimento da paz em Portugal, de cujo Secretariado Nacional faz parte (o que é de toda a oportunidade salientar num artigo escrito

para a Revista Movimento Cultural, da Associação dos Municípios do Distrito

de Setúbal) a Câmara Municipal do Seixal.

Carlos Alberto Fernandes Patrão

alterar as consciências e mobilizar as populações na luta pela paz.

A semana mundial do desarmamento realizou-se na Alcazaba em Alcochete de 1987, as marchas da paz e encontro distrital das paróquias da paz do Distrito e a recente campanha e marcha contra o alargamento do campo de tiro de Alcochete, são exemplos significativos de capacidades mobiladoras e empenhadoras do movimento da paz.

há na consciência dos povos, o risco do conflito nuclear, dos conflitos regionais e de outros, embora, senão, que nos países a paz e o desenvolvimento das nações e dos povos.

Também em Portugal, especialmente no distrito de Setúbal, se acompanharam, com interesse e expectativa, os esforços empreendidos para o desarmamento e a redução da missão e o nível nuclear no "país de omeças", na Europa.



Caminhada de protesto, a 20 de Março, em Alcochete, contra o alargamento do Campo de Tiro.

# O TRABALHO PELA PAZ NO CONCELHO DE PALMELA

Rui Canas \*

Carlos Alberto Fernandes Pesinho \*\*

Há, na consciência dos povos, o risco do conflito nuclear, dos conflitos regionais e de outros, embora menores, que ameaçam a paz e o desenvolvimento das nações e dos povos.

Também em Portugal, especialmente no distrito de Setúbal, se acompanham, com interesse e expectativa, os esforços empreendidos para o desanuviamento e a redução de mísseis e ogivas nucleares no "palco de operações" na Europa, decorrentes das negociações realizadas, especialmente nas cimeiras Reagan-Gorbatchov.

No entanto, a ameaça nuclear mantém-se presente e os conflitos regionais, embora recentemente com alguns avanços a nível de negociação política, estão ainda longe do seu terminus.

As perspectivas animadoras existentes são essencialmente fruto da luta persistente dos povos e organizações pacifistas por todos os cantos do mundo.

Também em Portugal o movimento da paz tem contribuído com grande incremento e proliferação de organizações diversas que têm realizado alguma acção e iniciativa no sentido de

alertar as consciências e mobilizar as populações na luta pela paz.

A semana mundial do desarmamento realizada na Aula Magna em Outubro de 1987, as marchas da paz, o encontro distrital dos partidários da paz do Distrito e a recente campanha e marcha contra o alargamento do campo de tiro de Alcochete, são exemplos significativos da capacidade mobilizadora e empreendedora do movimento da paz, quer no país quer no distrito.

No concelho de Palmela, têm sido as autarquias e a juventude que, até ao momento, têm desenvolvido trabalho neste sentido. Assim, a Câmara Municipal de Palmela e a Comissão Municipal de Juventude (M.M.J.) têm participado há alguns anos no Conselho dos Partidários da Paz do Distrito e em todas as acções realizadas a nível distrital e nacional acima referidas.

De concreto, a C.M.J. tem realizado nos dois últimos anos o "Acampamento da Paz", que este ano vai ter a sua terceira edição.

Decisão importante foi também a da Câmara e da Assembleia Municipal ao declarar *Palmela concelho desnuclearizado*.

Embora o balanço do trabalho no concelho seja positivo, pensamos que no movimento têm lugar e podem participar outros sectores e camadas da população

\* Animador responsável, na Câmara Municipal de Palmela pelas questões relacionadas com o movimento da paz.

\*\* O Vereador do Pelouro Socio-cultural e de Informação.

e das suas organizações como, por exemplo, as colectividades populares, as comissões de moradores, as cooperativas, os artistas, as mulheres e os reformados.

Neste sentido, está neste momento em fase de embrião uma Comissão de Paz no concelho, à qual todas as estruturas

acima mencionadas, ou quem quiser, podem desde já aderir. Em breve irão ser contactadas as forças vivas do concelho para, em conjunto, se discutir e avançar com esta comissão, que concerteza vai ser uma realidade, enriquecendo assim a contribuição da população para o movimento nacional e internacional da Paz.

# EDUCAÇÃO PARA A PAZ : ALGUMAS NOTAS

*Arnaldo António Pereira \**

Facto paradoxal: constituindo a paz uma profunda aspiração dos povos e um requisito indispensável da própria sociabilidade humana, a história da humanidade tem basicamente consistido num desfilar ininterrupto de conflitos mais ou menos devastadores. Os momentos de paz não têm passado de intervalos fugazes, acalmias sempre precárias no turbilhão de tumultuosas discórdias civis, irreduzíveis antagonismos étnicos e religiosos, sangrentas campanhas militares de conquista e de extermínio.

Apesar de as guerras terem atingido já vastas proporções na Antiguidade e Idade Média, quer no contexto da formação dos grandes impérios, quer na sequência de periódicas migrações em massa, foi a partir do séc. XVI, com o início do chamado “desencravamento planetário”, que elas passam gradualmente de uma escala local e regional para uma escala planetária. Com efeito, a unificação do mundo em termos de mercado e o processo da expansão europeia, sinais e factores de modernidade, irão provocar uma crescente internacionalização dos conflitos, reproduzindo-se a pouco e pouco as rivalidades e contendas entre as potências do velho continente no mundo inteiro. Mas é apenas no século XX que se assiste à completa

internacionalização da guerra e à elevação do seu potencial destruidor até limites nunca vistos. Esta deixa de se circunscrever no espaço, nos objectos e nas vítimas para assumir uma dimensão planetária integral, atingindo deliberadamente populações civis e provocando gigantescas destruições materiais. Entretanto, com o progresso científico e tecnológico (designadamente a descoberta da energia atómica), os sistemas de armas atingiram níveis de desenvolvimento e sofisticacões tais, que é hoje ponto assente que uma nova guerra mundial representaria o fim, porventura irremediável, da aventura humana na Terra, cumprindo as catastróficas profecias do Apocalipse. Na verdade, nas condições técnicas e sociais existentes, toda a guerra mundial tem de ser uma guerra de extermínio.

Cabe, pois, perguntar: se os perigos da guerra são tão evidentes que a eclosão de uma nova conflagração mundial representaria um absurdo (uma vez que não haveria vencedores nem vencidos), porque motivo a luta pela paz continua na ordem do dia? Haverá poderes ou governos tão insensatos que não hesitem em desencadear uma guerra para alcançarem objectivos que considerem vitais? A resposta pode ser, infelizmente, afirmativa. A história tem demonstrado de forma eloquente que, ao mesmo tempo que proclamam a excelência da paz, os homens utilizam

\* *Chefe do Departamento da Cultura, Desporto e Juventude da Câmara Municipal do Seixal.*

sistematicamente a violência para alcançarem determinados fins; por outro lado, numerosas guerras têm resultado de equívocos ou erros de cálculo relativamente às forças ou intenções dos adversários. Parece, portanto, que independentemente das aspirações e vontade dos homens, existem causas objectivas que estão na origem das guerras. É uma vez que a possibilidade de uma extensão incontrolada dos chamados conflitos regionais que continuam a assolar o mundo em que vivemos está longe de se poder considerar excluída, justifica-se mais do que nunca reflectir sobre as respectivas causas, demonstrar a sua inutilidade e antecipar as suas terríveis consequências, contribuindo assim para que prevaleçam os valores e a consciência da paz. A materialização do velho sonho do homem de viver em concórdia é tanto mais urgente quanto é certo que constitui agora a condição da sua própria sobrevivência. Pode dizer-se que o futuro da humanidade ou será pacífico ou simplesmente *não será*.

### As origens da guerra

É conhecida a célebre máxima de um dos mais conhecidos teóricos militares alemães do séc. passado, K. von Clausewitz, segundo a qual “a guerra é a continuação da política por outros meios”. Esta frase tem sido invocada para justificar a utilização da força, tida como praticamente inevitável, na medida em que exprimiria a própria essência das relações socio-políticas. Dado que essas relações visariam estabelecer situações de domínio, organizar uma determinada ordem que, tornando viável a vida comunitária, institui necessariamente uma oposição entre quem manda e quem obedece, entre povos mais “fortes” e povos mais “fracos”, a guerra corresponderia à dimensão brutal da política e seria mesmo o motor da história. Não apenas seria “natural”, como também útil e, em certos casos, desejável: para “civilizar” as sociedades

mais atrasadas, para corrigir os excessos demográficos, para forjar as “virtudes” patrióticas de heroísmo e abnegação, para garantir a sobrevivência ou o domínio dos povos mais “dotados”. Ou então, como sucede com as guerras de religião, para que a “verdade” prevaleça sobre o “erro”. Trata-se de perspectivas irracionais, pessimistas ou dogmáticas, embora assentem numa ampla base factual. Com efeito, o devir histórico tem sido marcado por oposições sociais, religiosas e nacionais que têm degenerado em confrontos armados cíclicos. Estes traduzem, por um lado, uma ordem injusta que leva os oprimidos à revolta; e, por outro lado, a incapacidade de derimir os conflitos e lutas de interesses através do direito e da política, ou seja, de certas formas de sublimação da violência física, que instituem normas e regras de convivência, embora estas busquem a sua legitimidade em pressupostos tantas vezes arbitrários e unilateralmente impostos. Entretanto, e apesar da guerra ser tão velha como a própria civilização — a ponto de ser considerada como uma instituição indissociável da mesma —, certo é que não existe nenhuma fatalidade biológica ou imperativo nacional que a torne inevitável, nem ela pode ser identificada como a consequência automática da conflitualidade inerente à própria história. Aliás, outras instituições que representaram flagelos não menos dolorosos com que a humanidade se tem afligido a si mesma, como a escravatura, os sistemas de castas (de que o *apartheid* constitui a última aberração), as gritantes injustiças económicas, têm sido progressivamente erradicados ou estão em agonia. A valorização do épico, o culto exacerbado das chamadas “virtudes militares”, a concepção da vida como teatro de luta em que os mais fortes devem ditar a lei, preconizadas por certas correntes filosóficas irracionais e vitalistas, estiveram na origem do desenvolvimento de ideologias chauvinistas e racistas, cujas consequências nefastas estão à vista: os

fascismos e nacionalismos de diversos matizes constituem os exemplos mais flagrantes. Por isso o ideal da paz é inseparável da luta pela democracia, pela igualdade entre os povos, pela justiça social. O pacifismo tem que se tornar uma autêntica força política (para ser eficaz), um objectivo educativo (para promover os valores da paz entre a juventude), em suma, um elemento fundamental de cultura, inseparável da sua dimensão humanista.

### Uma pedagogia da paz

Pode caracterizar-se a transição para a contemporaneidade, entre outros aspectos, pelo entendimento do papel da ciência como base de sustentação gnoseológica e ética para uma correcta transformação do mundo, e pela importância da pedagogia (num sentido mais lato, da cultura) para a construção consciente e participada do futuro.

Significa isto que o homem contemporâneo pode ser capaz de adequar o que é ao que deveria ser. Torna-se indispensável um conhecimento tanto quanto possível objectivo da realidade social a fim de poder agir correctamente sobre ela, “dominá-la” de acordo com determinados fins racionais e consensualmente aceites. Sendo assim, a subordinação da ciência à ética e a promoção dos valores racionais em todas as esferas da actividade humana são fundamentais para erradicar o flagelo da guerra e da violência. Importa criar uma cultura da paz, que difunda e promova os ideais da paz, que crie uma mentalidade da paz. Neste contexto, os objectivos educacionais básicos não podem — não devem — ser indiferentes a estas questões, com base em pretextos tais como a liberdade de ensino ou a ilegitimidade de programar a educação segundo certas directrizes filosóficas, políticas ou religiosas. Os planos curriculares de certas disciplinas — nomeadamente da história —, a informação veiculada pelos *media*, os padrões difundidos que influenciam as

atitudes e comportamentos, não podem ser neutrais entre a paz e a guerra.

Assiste-se nas sociedades contemporâneas a preocupantes surtos de violência cujas causas se podem atribuir em grande medida (embora não exclusivamente) ao demissionismo, indiferença ou cumplicidade perante as ideologias belicistas ou que fazem a apologia da violência. O holiganismo, as brutais ondas de violência urbana (tão bem caracterizadas em filmes como *Taxi Driver*), independentemente das causas sociológicas que estão na sua origem, encontram expressão e acolhimento numa cultura mercantil, despojada de valores, que inventa um Rambo como paradigma heróico. Uma educação para a paz não pode permitir que o ensino, a arte, o desporto, difundam e promovam esses valores.

Num momento em que se propõe a *escola cultural* como devendo realizar a cultura na sua integridade, deve sublinhar-se que a inclusão do produto material e técnico tem que articular-se com uma avaliação moral permanente dos saberes e das práticas ensinadas, dos modelos culturais dominantes, dos comportamentos e atitudes sociais. Além da vertente curricular, e no quadro da sua dimensão cultural, a escola não pode abdicar de valorar a vida e de uma reflexão ética sobre a ciência, a política e a sociedade.

### O caso da história

O caso da história — os seus conteúdos e função curricular — pode ser considerado exemplar para a questão que nos ocupa. Deverá o ensino da história limitar-se a meros conteúdos descritivistas, em nome de uma discutível imparcialidade e objectividade, sem procurar extrair ensinamentos do passado? E que ensinamentos podem ser extraídos? Todos aqueles que um determinado professor, em nome da liberdade da ciência e do ensino — valores, de resto, incontestáveis —, entenda legítimos?

Embora continuem a existir determinadas correntes científicas e pedagógicas que encaram com grandes reservas aquilo a que chamam uma concepção “utilitária” da história, parece evidente que cabe desempenhar a esta um papel social que impõe uma avaliação ética dos factos passados. Citando um conhecido historiador deste século (Lucien Febvre), a história pode transmitir-nos outros reflexos que não os do medo num mundo em estado de permanente instabilidade. Por outras palavras: pode, ajudando-nos a compreender o que se passa à nossa volta, contribuir para erradicar o pessimismo e o irracionalismo; a construir um mundo pacífico, ao “ensinar-nos” as causas e mecanismos das guerras e as suas consequências destruidoras.

Se observarmos a história da Europa, verificamos que as guerras não são calamidades excepcionais, mas fazem parte duma série. E quando se considera esta série no seu conjunto, descobre-se que não é somente uma série, mas também uma progressão. Na fase mais recente da história do designado Ocidente, as guerras têm-se sucedido, uma após a outra, numa ordem crescente de intensidade, restando saber

se a de 1939-45 constitui o ponto culminante deste movimento ascendente. Se a série continuar, a progressão atingirá, indubitavelmente, termos cada vez mais elevados, até que este processo de intensificação da guerra termine um dia pela auto-aniquilação da sociedade bélica. A grande lição da história, o seu inestimável contributo para uma educação para paz, constitui em provar que o aumento da eficácia da actual sociedade técnica já atingiu um ponto em que se torna possível uma mobilização mortal das suas energias e dos seus recursos para fins militares, convertendo a guerra num autêntico cancro da humanidade que a levará à morte certa. A necessidade de evitar este suicídio prova também a superioridade dos valores da solidariedade, relativamente aos da competição cega; dos valores da igualdade entre os povos e respeito entre estados relativamente aos do racismo e hegemonia mundial; dos valores da tolerância democrática relativamente ao dogmatismo fanático; da humildade perante a natureza relativamente à irresponsável arrogância depredadora. Do pacifismo em relação ao belicismo.

A escola deve ensinar e viver estes valores.

# MOVIMENTO ZLAN: O PODER LOCAL EM LUTA PELA PAZ

António Durão \*

Para o Poder Local Democrático, a luta pela paz constitui uma das expressões mais concretas e naturais da sua própria razão de ser, da sua actividade e objectivos. Ao identificar-se com os anseios e preocupações das populações que representa, o Poder Local jamais se poderia alhear da construção e da procura de uma das condições básicas do bem-estar da população: a paz. Poder-se-á mesmo afirmar que a total capacidade de acção e intervenção do Poder Local assim como a materialização integral dos seus objectivos democráticos apenas se poderão realizar plenamente em tempo de paz.

Nesta perspectiva, as Câmaras Municipais de Beja, Amadora, Figueira da Foz, Fafe, Santarém, Seixal, Lagos e Régua, e o Movimento “Não às Armas Nucleares em Portugal” constituíram, no dia 22 de Janeiro de 1988, em Beja, a ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO ZLAN — ZONAS LIVRES DE ARMAS NUCLEARES — que contou com o apoio de noventa municípios.

A escritura celebrada em Beja foi o coroloário de vários anos de trabalho, iniciado em 1982 na sequência do exemplo da cidade britânica de Manchester, dois anos antes.

Na consolidação e alargamento do Movimento ZLAN, cabe destacar o 1.º

Encontro Nacional de Municípios ZLAN realizado na Figueira da Foz, em 1 de Junho de 1987. Nele participaram 57 Câmaras Municipais, 27 Assembleias Municipais, 2 Juntas de Freguesia e outras organizações. Por unanimidade, foi eleito o Secretariado Permanente: as Câmaras Municipais da Amadora, Beja, Fafe, Figueira da Foz, Lagos, Santarém, Seixal, Peso da Régua e o Movimento ‘Não às Armas Nucleares em Portugal’.

Na Proclamação, o Encontro da Figueira da Foz traçou as linhas gerais de orientação e estabeleceu os objectivos do Movimento. Entre outros considerandos, o documento afirmava “*que o Poder Local, não obstante a ausência de capacidade vinculativa da sua decisão de considerar os seus espaços territoriais declarados zonas livres de armas nucleares, constitui uma sólida e indiscutível força com representatividade junto do Poder Central*” e proclamava “*a necessidade e o propósito de: concentrar esforços no sentido de tornar Portugal um país livre de armas nucleares; promover, com esse objectivo, a cooperação e o diálogo internacional...; promover encontros com os municípios espanhóis, nomeadamente os fronteiriços, sobre a problemática das armas nucleares e seus vectores, e da defesa do meio ambiente no âmbito da Península Ibérica; ... exigir uma informação correcta e capacitada sobre a instalação de centrais e lixeiras nucleares*

\* Técnico da Câmara Municipal do Seixal.



*junto da fronteira portuguesa e apoiar as acções de municípios que, directa ou indirectamente, são afectados pelos perigos decorrentes dessa instalação."*

A justeza da Proclamação veio a confirmar-se rapidamente na questão da lixeira nuclear de Aldeadavilla (localidade espanhola junto à fronteira portuguesa, no Vale do Douro), em que os protestos das autarquias da região e a acção do Movimento ZLAN contribuíram decisivamente para que o governo espanhol desistisse dos seus desígnios.

Durante o ano de 1988, dois acontecimentos há a salientar na actividade do Movimento ZLAN: o 2.º Encontro Nacional, a 21 de Maio, em Santarém, e o 1.º Encontro Ibérico, a 5 de Novembro, em Lagos.

O 1.º Encontro Ibérico culminou uma série de várias reuniões preparatórias realizadas no Seixal, Córdova (Espanha) e Lagos. Estiveram presentes mais de duas centenas de autarquias portuguesas e espanholas, e entre os convidados destacavam-se representantes de grupos parlamentares, movimentos e associações da Paz, assim como personalidades militares dos dois países.

O Encontro reforçou consideravelmente a colaboração entre o Movimento ZLAN, que em Portugal é composto por cerca de 100 municípios, e o Comité de Municípios Não-Nucleares do Estado Espanhol, que aglutina cerca de 400.

No Apelo-Proclamação, o 1.º Encontro Ibérico realçou o envolvimento dos dois

países na grande descoberta do nosso tempo — a Paz, reafirmou a vontade em estreitar a cooperação e desenvolver a acção conjunta e apelou aos órgãos de soberania, em especial aos governos dos dois países, para que declarem publicamente os respectivos territórios como zona livre de armas nucleares, não permitindo, em qualquer momento, o estacionamento, trânsito ou instalação de armas nucleares na Península Ibérica.

O Encontro aprovou igualmente o Plano de Acção para 1989, sendo de realçar a intervenção junto dos respectivos governos no sentido de impedirem a presença de armas nucleares na Península Ibérica, os contractos com os municípios das potências nucleares para que insistam com os seus governos na questão da eliminação das armas nucleares, e a preparação do 2.º Encontro Ibérico em 1989, com ainda maior participação.

No Movimento ZLAN, o Poder Local demonstra, inegavelmente, a sua capacidade de intervenção e mobilização junto das populações, de expressão orgânica dos ideais e aspirações das comunidades que representa e de construção da unidade entre opiniões diferentes na defesa do interesse geral e colectivo.

No Movimento ZLAN, o Poder Local revela-se, de forma incisiva, como um baluarte do regime democrático e manifesta claramente a exacta compreensão do devir histórico e do interesse global da Humanidade: contra a guerra, pela paz.

**NOTA:**

*O actual Secretariado do Movimento ZLAN é composto pelas Câmaras Municipais da Amadora (Sede), Beja, Fafe, Figueira da Foz, Lagos, Peso da Régua, Santarém (Presidência) e Seixal, e Movimento 'Não às Armas Nucleares em Portugal'.*

*O Movimento ZLAN já realizou três conferências internacionais: em 1984 (Manchester); em 1985 (Córdova) e em 1986 (Perugia, Itália). Nesta última, foram resgatados 3622 ZLANs à escala mundial. De 8 a 12 de Fevereiro de 1989, vai realizar-se a 4.ª Conferência Internacional, na cidade norte-americana de Eugene (Oregon).*



# Património cultural e natural



# 1<sup>as</sup> JORNADAS DE HISTÓRIA E PATRIMÓNIO DA FREGUESIA DA COVA DA PIEDADE

Alexandre M. Flores\*

A iniciativa cultural inserida nas comemorações do 60.º aniversário da Freguesia da Cova da Piedade, teve lugar na Escola Primária N.º 1 (também conhecida por Escola Primária António José Gomes), no período de 22 a 24 do passado mês de Julho.

As jornadas organizadas pela Junta de Freguesia, procuraram reunir os estudiosos de temas relacionados com o património histórico-cultural desta região, auscultar as suas opiniões, questionar informação de âmbito regional em áreas completamente desconhecidas dos milhares de habitantes da comunidade local. Foi mais um passo importante na divulgação de ideias, de teses, não só para os professores e alunos dos vários graus de ensino, como também para a população não natural do concelho. A população conhecendo melhor a história da sua terra de adopção, os seus problemas, o seu património, as suas gentes do passado e do presente, poderá inserir-se com mais facilidade no meio para uma maior participação na vida da comunidade da "Outra Banda".

O programa das jornadas foi constituído por diversas acções, entre as quais:

— dia 22 de Julho: sessão de abertura dos trabalhos, presidida pelo sr. Vereador Sérgio Taipas, que representou

a Presidente da Câmara Municipal de Almada; visita à exposição "Núcleos Históricos da Cova da Piedade"; início da 1.ª sessão de trabalhos com apresentação/debate das comunicações divulgadas por Luís Pequito Antunes (*Afonso Mealha em Almada, séc. XIV*), Vítor Manuel C. Santos (*Estações Arqueológicas na Cova da Piedade*), António Olaio e António Janeiro (*Estudo dos Núcleos Históricos da Mutela/Caramujo/Romeira*); visita guiada à Cova da Piedade.

— dia 23 de Julho: início da 2.ª sessão de trabalhos divulgados por Dinora Maria Gonçalves (*Noras do Concelho de Almada*), Alfredo A. D. Tinoco (*Arqueologia Industrial e sua história na Cova da Piedade: moagem, construção naval e cortiça*), Maria Ângela Correia Luzia (*Desenvolvimento Industrial e o Movimento Operário na Cova da Piedade*), Artur Vaz (*Cova da Piedade e os seus monumentos*); passagem de um filme sobre "Estudos dos Núcleos Históricos da Cova da Piedade"; e o colóquio no Clube Sargentos da Armada (Feijó), evocativo da Batalha da Cova da Piedade, em 23 de Julho de 1833.

— dia 24 de Julho: a abertura da 3.ª sessão de trabalhos, com a apresentação da comunicação: *Ensaio sobre a história da Cova da Piedade*, por R. H. Pereira de Sousa; debate genérico; elaboração das conclusões; apresentação das conclusões e encerramento das jornadas; e finalmente, um almoço oferecido pela

\* Bibliotecário-arquivista da C. M. de Almada.

Junta de Freguesia a todos os participantes.

Todas as comunicações revestiram-se de grande importância para a história da freguesia e do concelho de Almada. A título exemplificativo, importa registar as comunicações apresentadas por Ângela Luzia e Alfredo A. D. Tinoco, por conterem aspectos da História da Indústria e da Arqueologia Industrial, muito semelhantes em outras implantações industriais do Distrito de Setúbal. Mais do que desenvolver um tema vasto quanto ao *Desenvolvimento Industrial e o Movimento Operário*, Ângela Luzia pretendeu alertar para a urgência de se iniciar um estudo sistemático sobre o movimento operário nos seus múltiplos aspectos - reivindicações, formas de luta, desenvolvimento de associações profissionais, culturais, de assistência social, etc. — estudo esse que passará necessariamente por uma metodologia de História Oral. Como exemplo da necessária complementaridade entre a arqueologia industrial, história do movimento operário, defesa e valorização de um núcleo histórico, Ângela Luzia ainda referiu-se a alguns aspectos da fábrica corticeira Rankins & Sons.

A partir de uma reflexão teórica sobre a problemática, as fontes e os métodos

da História da Indústria e da Arqueologia Industrial, Alfredo Tinoco fez a abordagem de três “casos” de implantação industrial na área da freguesia da Cova da Piedade: a “moagem” desde o moinho de maré que existiu à fábrica industrial “Aliança” e à revolução tecnológica da máquina a vapor; a “construção naval” desde os estaleiros da Mutela, ao Arsenal da Marinha, no Alfeite e à Lisnave, três fases tecnológicas distintas e, depois, a “cortiça”, indústria que sobre todas proporcionou um *rostro* à freguesia e às suas gentes. O autor chamou a atenção que a abordagem apresentada orientou-se no sentido de abrir perspectivas correctas ao estudo, salvaguardar o Património Industrial, entendido como memória colectiva da população da freguesia.

Por conseguinte, o 1.º Encontro sobre História e Património da Cova da Piedade pode afirmar-se ter um balanço positivo. Considerada a humildade e até a modéstia de meios que uma Junta de Freguesia pode dispor para levar a cabo umas jornadas desta natureza, e considerado até o calendário da iniciativa, pode concluir-se que o resultado correspondeu à expectativa.

Bem-Haja a Junta de Freguesia da Cova da Piedade.



Escola N.º 1 da Cova da Piedade, conhecida por “Escola do António José Gomes”. Edifício construído em 1911 por aquele benemérito piedense, encontra-se dentro da área classificada do núcleo histórico urbano, e como tal integrada nos estudos do Plano de Salvaguarda.

Local do encontro das “1.ªs Jornadas de História e Património da Freguesia da Cova da Piedade”.

# DESCOBERTA DE DUAS SEPULTURAS ROMANAS NA VILA DO TORRÃO

João Carlos L. Faria\*  
Marisol A. Ferreira\*\*

No Torrão, poucos vestígios arqueológicos se conheciam até há relativamente pouco tempo.

Contudo, a esta localidade, foi atribuída uma origem remota, como consta nas “Memórias Paroquiais de 1755”. Assim, “Disem moradores desta terra que foi fundada antes da vinda de Christo 280 annos (...) e dizem que a vila era a sua maior grandeza junto a Ermida de S. Roque advogado da peste por se acharem ali muitos alicerces” (AZEVEDO 1903 p. 215).

Esta citação não é de forma alguma desprovida de fundamento, pois remonta pelo menos ao período calcolítico a mais antiga ocupação desta povoação, conforme alguns achados efectados no sítio do “Castelo” (SILVA E SOARES 1986).

Em termos de testemunhos arqueológicos, a fase seguinte corresponde já ao período romano. Leite de Vasconcelos em 1898, referindo-se ao Torrão dizia que “Pelo lado archeologico nada se me deparou, digno de nota (...) Só num arrabalde da villa encontrei uma pequena construção romana, feita de *opus signinum*, e que talvez fosse depósito de água; em volta, muitos fragmentos de *tegulas*. O sítio chama-se Fonte Santa”

(VASCONCELOS 1898 p. 116 e 1927 p. 60).

Esta construção<sup>(1)</sup>, que nos parece ser um tanque, ainda se encontra neste local, relativamente bem conservada. Possui planta circular, está revestida interna e externamente de *opus signinum* e encontra-se ligeiramente inclinada. (Mapa; n.º 1 — Foto n.º 1).

Em seu redor, ainda se podem ver algumas cerâmicas romanas e, num corte, junto à rua da Fonte Santa, encontram-se dois muros e um outro depósito, parcialmente destruído, também revestido da mesma argamassa e com fundo em meia cana.

Ocasionalmente, em 1986, quando crianças brincavam no local denominado Penedo Minhoto (Largo da Feira), colocaram a descoberto duas sepulturas romanas de inumação e algum espólio, objecto deste trabalho. (Mapa; n.º 2)<sup>(2)</sup>.

Numa ida ao local constatámos que os enterramentos já tinham sido destruídos e o espólio retirado, verificando-se assim, uma total ausência de segurança na distribuição das peças — dois púcaros, um pratel em cerâmica comum e 8 pregos em ferro — por sepultura.

Ambas as sepulturas eram de inumação, tendo sido encontrados escassos vestígios ósseos. Formadas por *tegulae* e *lateres* vulgares<sup>(3)</sup>, dispostos verticalmente em todos os lados, não possuíam qualquer cobertura, sendo o fundo constituído tão só pela camada base argilosa.

\* Responsável do Sector do Património Cultural da C. M. de Alcácer do Sal.

\*\* Licenciada em História (Arqueologia).

## CATÁLOGO

### TEGULAE(\*)

**N.º 1** Tégula com três sulcos digitais cruzando-se num dos topos. No reverso, apresenta uma reentrância rectangular para encaixe.

Dimensões: *Comprimento* — 54 cm;  
*Largura* — 41 cm;  
*Espessura* — 2 cm; *Altura do Rebordo* — 5 cm;  
*Comprimento do Encaixe* — varia entre os 10 e 11 cm.

**N.º 2** Tégula com duas reentrâncias rectangulares para encaixe no reverso. Anverso completamente liso.

Dimensões: *Comprimento* — 57 cm;  
*Largura* — 40 cm; *Espessura* — 2 cm; *Altura do Rebordo* — 4,5 cm; *Comprimento do Encaixe* — varia entre os 8 e 10 cm.

**N.º 3** Tégula com quatro sulcos digitais de aspecto sinuoso ocupando toda a sua altura. No reverso, apresenta encaixe rectangular.

Dimensões: *Comprimento* — 55 cm;  
*Largura* — 40 cm; *Espessura* — 2 cm; *Altura do Rebordo* — 4 cm; *Comprimento do Encaixe* — 10 cm.

**N.º 4** Tégula com três sulcos digitais, cruzando-se num dos topos. Vestígios, ainda que pouco perceptíveis, de dois pés, provavelmente de criança. No reverso, reentrância para encaixe.

Dimensões: *Comprimento* — 50 cm;  
*Largura* — 45 cm; *Espessura* — 2 cm; *Altura do Rebordo* — 4 cm; *Comprimento do Encaixe* — 10 cm.

**N.º 5** Tégula com três sulcos digitais, de aspecto sinuoso. Encaixe rectangular no reverso.

Dimensões: *Comprimento* — 56 cm;  
*Altura* — 40 cm; *Espessura* — 2 cm; *Altura do Rebordo* — 5,5 cm; *Comprimento do Encaixe* — 10 cm.

### LATERE

Latere com três sulcos digitais em diagonal, paralelos.

Dimensões: *Comprimento* — 41 cm;  
*Largura* — 30 cm; *Espessura* 5 cm.

### PÚCAROS

**N.º 1** (Desenho n.º 1 e Foto n.º 2)

Pasta bege amarelado, bastante porosa, com pequenos grãos de quartzo e calcite. Engobe bege acastanhado. Fundo côncavo, bojo ovóide, bordo revirado para fora, com duas asas virguliformes.

Dimensões: *Altura* — 9 cm; *Diâmetro máximo do Bojo* — 7,5 cm.

**N.º 2** (Desenho n.º 2 e Foto n.º 3)

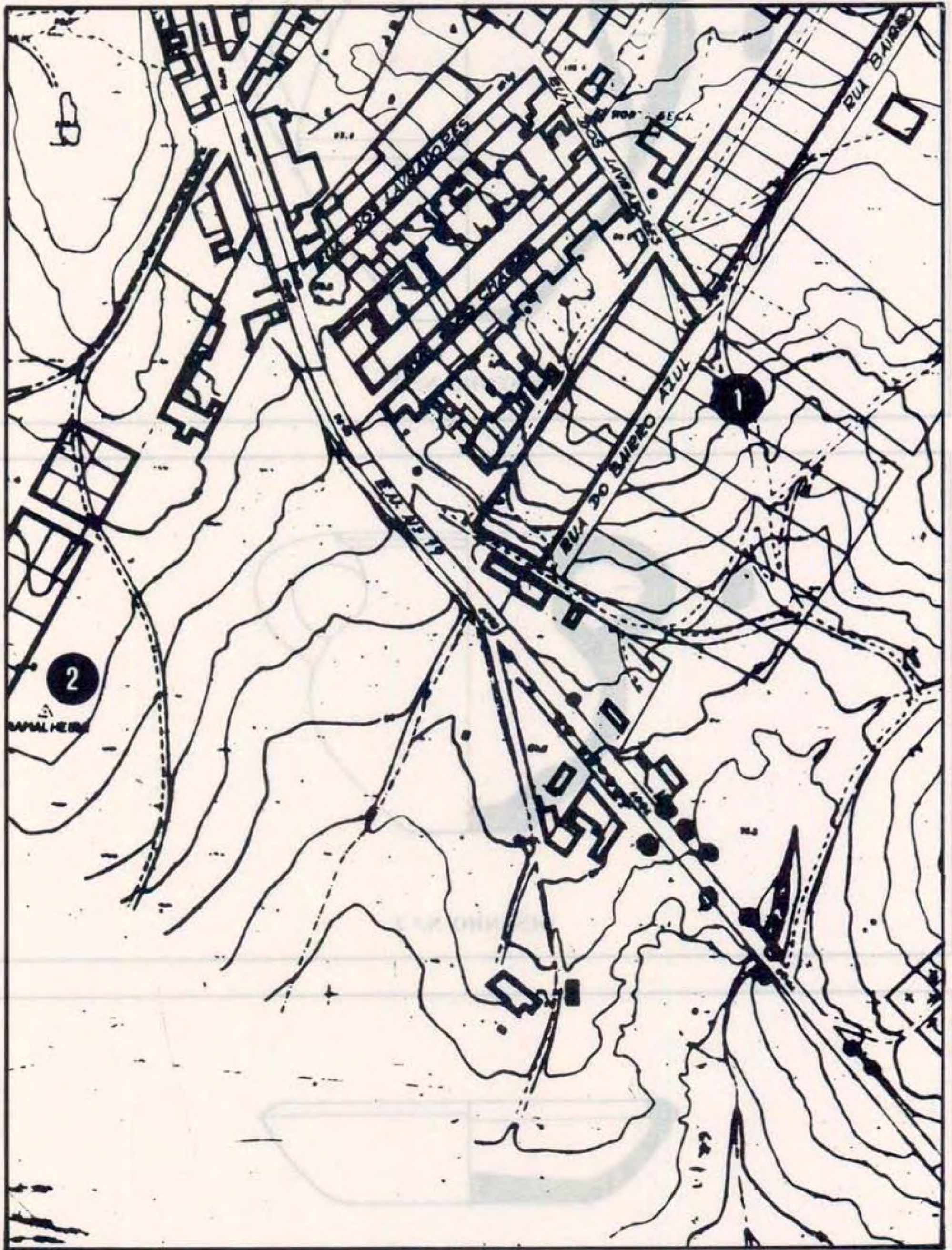
Púcaro bastante tosco, de pasta bege acastanhado, com pequenos grãos de quartzo, dura, com algumas fendas. Engobe castanho-claro. Fundo raso, bojo ovóide, com duas asas de rolo de secção quase cilíndrica, em U. Colo alto e oblíquo.

Dimensões: *Altura* — 7,5 cm; *Diâmetro máximo do Bojo* — 6,8 cm.

**PRATEL** (Desenho n.º 3 e Foto n.º 4)

Pratel de pasta cinzenta-clara, com numerosos grãos de calcite e de quartzo. Vestígios de engobe de tom acastanhado-claro. Parede ligeiramente arqueada, bordo reentrante, revirado ligeiramente para o interior. Fundo ligeiramente curvilíneo.

Dimensões: *Altura* — 11 cm; *Diâmetro* — 2,8 cm.



Mapa

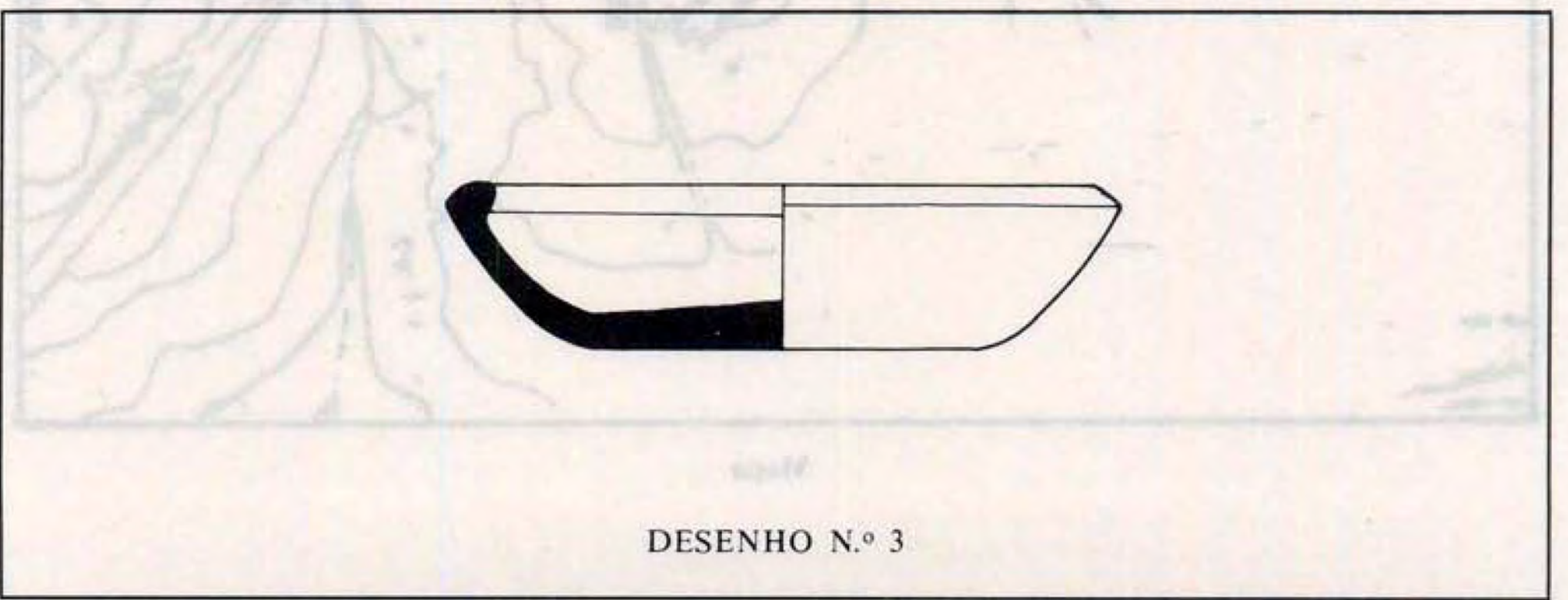
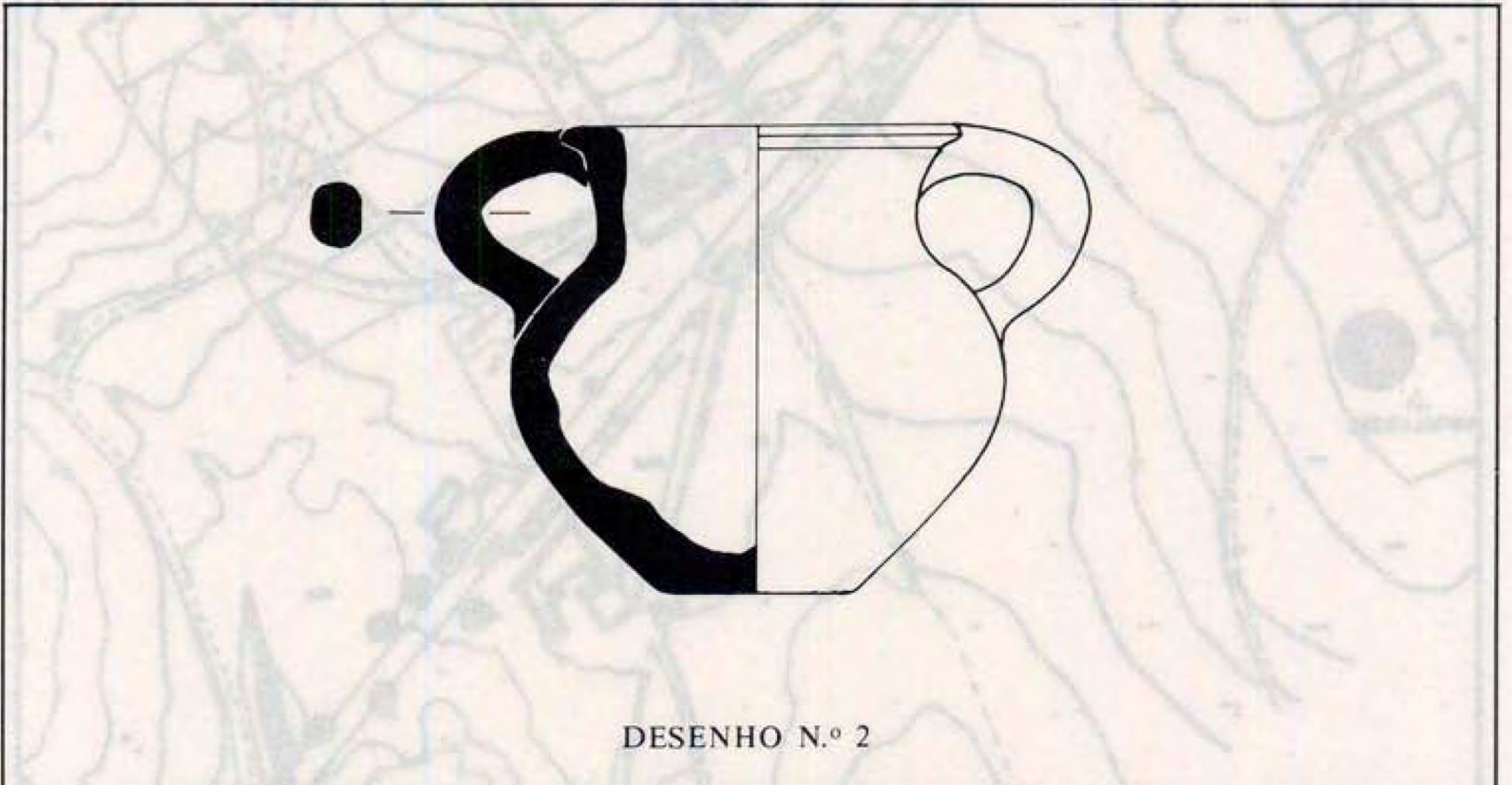
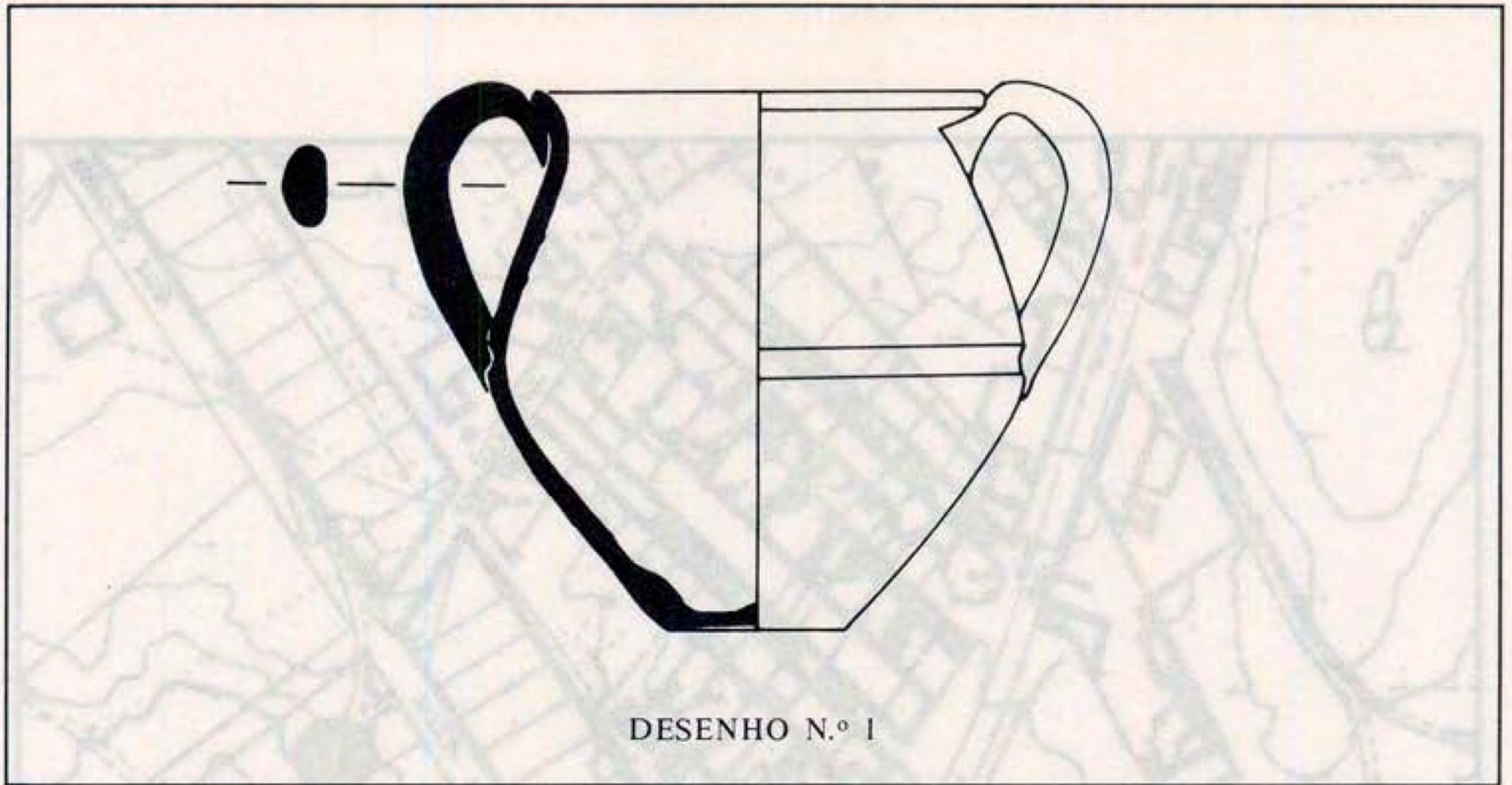




FOTO N.º 1



FOTO N.º 2

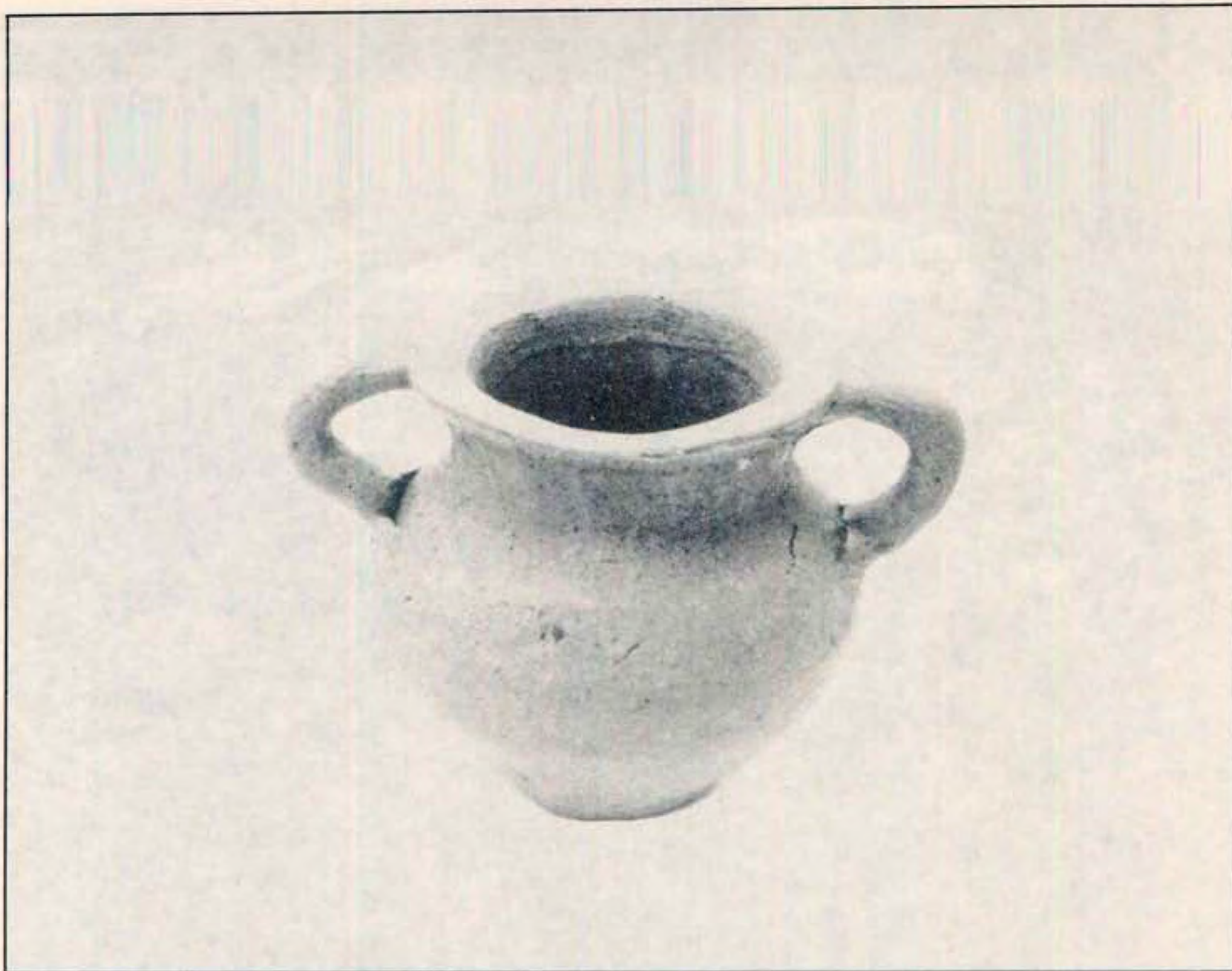


FOTO N.º 3

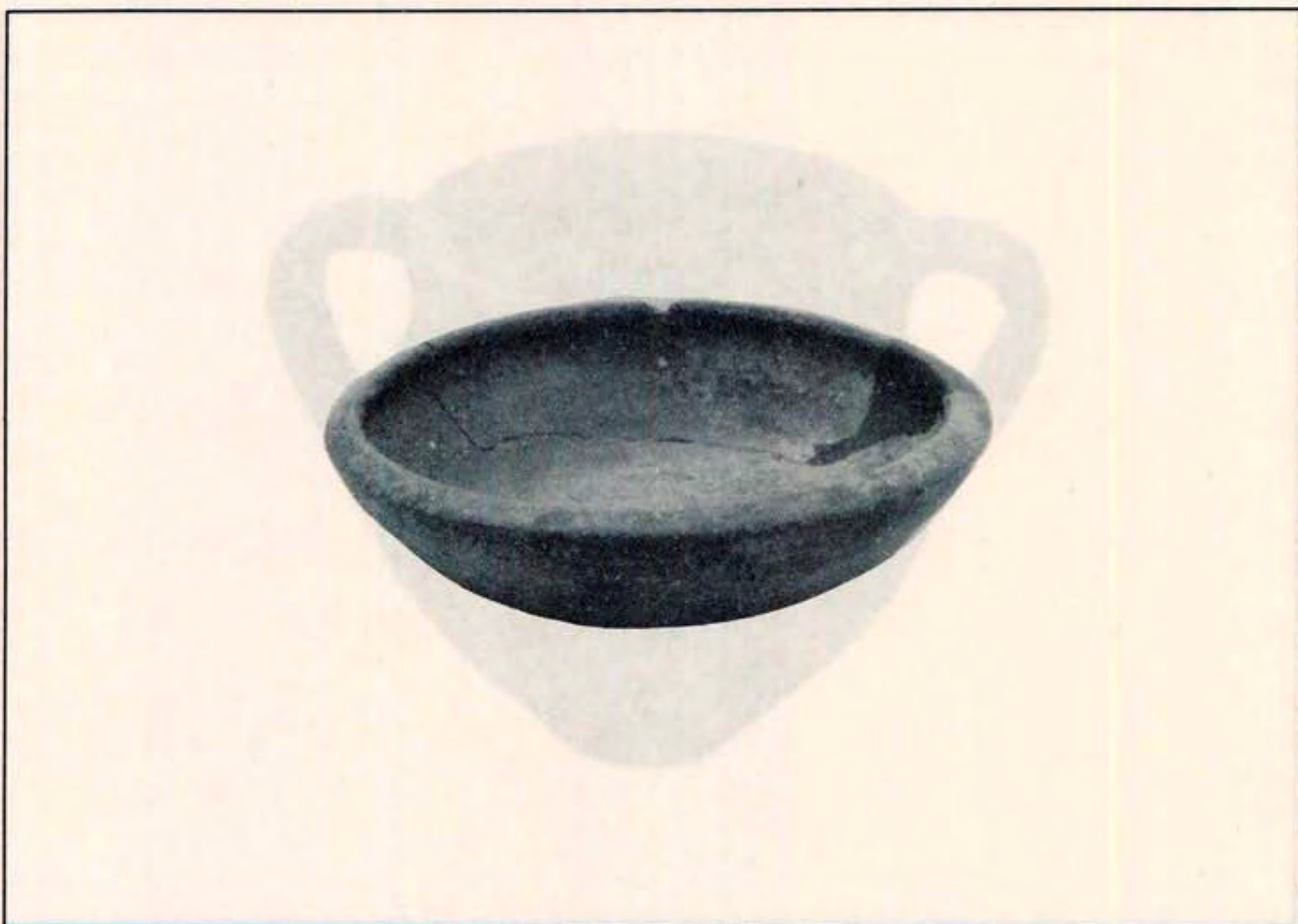


FOTO N.º 4

## PREGOS DE FERRO

Pregos de secção quadrangular, de cabeça circular e comprimento variando entre 5 cm e 11 cm.

A presente descoberta, tem para nós um grande significado, não só pelos achados que proporcionou, mas também, por revelar a existência no Torrão de uma necrópole da época romana, cuja área, não se circunscreve, certamente, só ao local onde se detectou a presença das duas sepulturas.

Relativamente ao espólio, para os púcaros não ousamos atribuir qualquer cronologia.

Para o pratel, encontrámos paralelo exacto num outro existente no Museu Municipal de Alcácer do Sal, de proveniência desconhecida<sup>(1)</sup>. Tal como os púcaros, os prateis encontram-se um pouco por todo o país, abarcam cronologias variadas, e como tal, não funcionam neste caso como um elemento cronológico seguro.

Mas, se não é possível para já, atribuir uma cronologia a esta necrópole, as condições em que se verificou o achado revelam a extrema importância que um

arqueólogo associado a uma autarquia pode desempenhar na preservação do património cultural, pois a sua rápida intervenção evitou a completa destruição ou, na melhor das hipóteses, a dispersão por uma série de particulares dos materiais encontrados.

Actualmente, o espólio está depositado no Museu Municipal de Alcácer do Sal.

(1) *Concelho de Alcácer do Sal. Distrito de Setúbal.*

*Tem as seguintes medidas: Diâmetro interno 1,85 m; Altura 1,16 m.*

(2) *Tivemos conhecimento da ocorrência por informação do fiscal de obras da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, Sr. Raminhos. A primeira notícia da descoberta destas sepulturas foi dada no Boletim Municipal, de Março de 1987 p. 13.*

(3) *Conseguimos recuperar cinco tegulae completas e um lateres, cujo estudo incluímos no catálogo.*

(4) *A pasta é idêntica em todas as tegulae e no lateres. Pasta vermelha alaranjada, com bastantes fendas e alvéolos, com pequenos grãos de quartzo e calcite. Impurezas atingindo por vezes 1 cm de diâmetro.*

(5) *Pasta cinzenta clara com pequenos grãos de quartzo e calcite. Vestígios de engobe no fundo, de tom acastanhado-claro. Paredes ligeiramente arqueadas e bordo reentrante, revirado ligeiramente para o interior. Fundo ligeiramente arqueado. Diâmetro: 14 cm; altura: 3,5 cm; N. Inv.: 360.*

## BIBLIOGRAFIA

Alarcão, Jorge de, *A necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel)* "Conímbriga" Vol. XIII 1974 p. 1-32.

Alarcão, Jorge de, *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga*, Coimbra 1974.

Azevedo, Pedro A. de, *Extractos archeologicos das "Memórias Parochiaes de 1755"*, "O Archeologo Português" VIII s.I 1903 p. 214-235.

Nolen, Jeannette U. Smit, *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa 1985.

Silva, Carlos Tavares da, Soares, Joaquina, *Intervenção arqueológica na vila do Torrão: ocupação calcolítica*, "I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana" (Setúbal 1985) Lisboa 1986 p. 103-114.

Vasconcelos, José Leite de, *Excursão archeologica ao sul de Portugal*, "O Archeologo Português" IV s.I 1898 p. 103-116.

Vasconcelos, José Leite de, *Excursão ao sul de Portugal*, "De Terra em Terra" II Lisboa 1927 p. 47-60.

# PRÉMIO ALMEIDA CARVALHO

## Temas de História do Distrito de Setúbal

A SALPA (Associação de Defesa do Património da Região de Setúbal) criou um valioso prémio de investigação sobre temas de história do Distrito de Setúbal, a que deu o nome de Almeida Carvalho, importante historiógrafo setubalense que legou um espólio notável, infelizmente ainda praticamente inacessível aos estudiosos.

O Júri do Prémio "Almeida Carvalho", que vai na sua segunda edição, é presidido pelo Prof. Dr. João Medina do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa.

**PRÉMIO  
ALMEIDA CARVALHO**  
(2.<sup>a</sup> edição. Biénio 1987/88)  
Temas de História do  
Distrito de Setúbal

### REGULAMENTO

1 — A SALPA e a revista "Património", com o objectivo de incentivar a investigação no domínio da História Local, instituíram o Prémio "Almeida Carvalho".

2 — O conteúdo dos ensaios deve versar sobre temas de história do Distrito de Setúbal.

3 — As obras apresentadas, além de serem inéditas devem obedecer às seguintes características gerais:

— Terem um mínimo de 30 páginas dactilografadas em folhas de formato A4, com 30 linhas a 2 espaços.

— Devem indicar na página do rosto do trabalho o título e o pseudónimo do autor.

4 — Todos os originais devem ser enviados para SALPA, revista "Património, Apartado 210, 2903 Setúbal Codex, em 3 exemplares, até 30 de Setembro de 1988 devendo indicar no invólucro: "Concorrente ao Prémio Almeida Carvalho — Revista Património — 1988".

5 — Os originais deverão ser acompanhados de um sobrescrito lacrado com a inscrição do pseudónimo no exterior e contendo a identificação completa e respectiva morada do autor. O não cumprimento desta clausula implica a eliminação do concorrente.

6 — Só serão abertos os sobrescritos relativos aos originais premiados.

7 — Os prémios serão atribuídos por um júri presidido pelo Prof. Dr. João Medina do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, secretariado por um membro dos Corpos Gerentes da SALPA e constituído por mais duas pessoas de reconhecida idoneidade intelectual indicadas pela revista "Património".

8 — As decisões do júri são tomadas por unanimidade ou maioria e os seus membros não podem concorrer.

9 — Caso as obras apresentadas em qualquer dos escalões não manifestem o indispensável valor científico o júri, única instância deliberativa na matéria, pode não atribuir o prémio.

10 — A decisão do júri conhecida em 1 de Dezembro de 1988. Para o efeito os membros do júri determinarão entre si as datas das reuniões e a metodologia de trabalho necessária.

11 — O valor do prémio para 1987/88 é de 100 000\$00 (cem mil escudos).

12 — O Júri pode conceder “Menções Honrosas” aos trabalhos cuja qualidade o justifique.

13 — As obras premiadas ou distinguidas com “Menções Honrosas” ficarão propriedade da SALPA que poderá divulgá-las em volume ou nas páginas da revista “Património”, estando os direitos de autor da 1.ª edição compreendidos no valor do prémio.

14 — Os concorrentes não premiados

poderão levantar os originais até 31 de Dezembro de 1988. A SALPA não se responsabiliza pela devolução dos mesmos.

15 — Considera-se que a partir do momento em que entreguem os originais os concorrentes aceitam o presente regulamento.

Patrocínios:

— Região de Turismo de Setúbal —  
Costa Azul

— Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal

## Na Moita

# LATOARIA, UMA PROFISSÃO EM VIAS DE EXTINÇÃO \*

Dar a conhecer o concelho, os seus hábitos e costumes, o seu modo de vida, os seus artífices, é um dos objectivos da Câmara Municipal da Moita. Nesta perspectiva procurámos saber um pouco mais acerca de profissões, existentes no Município, que são consideradas “em vias de extinção”.

Depois de entrevistas realizadas a um artesão de latoaria, o sr. Luís Tadeu, e a outros profissionais do mesmo ramo, numa oficina familiar, divulgam-se os conhecimentos aprendidos sobre uma indústria bastante procurada por ser a única na região.

No Concelho da Moita existem, ainda, a ocuparem-se a tempo inteiro o sr. Luís Tadeu, na Travessa do João Marujo na Vila da Moita, como artesão e o sr. João Pedroso Domingos e seus familiares, na oficina de latoaria situada junto às bombas de gasolina na entrada da sede do Município. O primeiro ocupa-se de pequenos arranjos (em objectos de alumínio, folha de flandres e chapa zincada) e os segundos, por a oficina já possuir maquinaria adequada,

também realizam trabalhos novos (tais como regadores, baldes, alguidares, panelas e outros utensílios confeccionados em chapa galvanizada, inox, zinco, alumínio e folha de flandres) para venderem nos mercados locais e a lojas, da região e até de Lisboa, que vêm à Moita buscá-los.

Ambos os entrevistados lamentam não haver quem se interesse por esta profissão e queira aprender. No entanto, na oficina de latoaria, o filho do sr. Pedroso Domingos, seguindo as tradições familiares, irá continuar na profissão procurando transmiti-la aos futuros filhos ou sucessores.

É um dado adquirido que a latoaria ainda é muito procurada no concelho da Moita, havendo sempre trabalho, o que faz com que esta indústria, quase extinta noutros concelhos, continue em bom ritmo e dê aso a que os profissionais ainda existentes lamentem a ausência de entusiasmo, por parte dos jovens, para ingressarem na profissão de latoeiro e não deixarem que desapareça esta antiga e característica indústria.

\* Texto elaborado por Boletim Municipal —  
C. M. da Moita.

# PEQUENO SUBSÍDIO PARA A AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DA RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO

*Miguel Boieiro\**

Como que entontecidos pela importância transcendente da Reserva Natural do Estuário do Tejo, cuja delimitação se encontra legalmente fixada desde 1977, esquecemo-nos, por vezes, que o respectivo ecossistema é bastante mais vasto e detém outras motivações que devem igualmente ser tidas em conta. Vem isto a propósito das extensas zonas húmidas situadas nas herdades da Sociedade Agrícola de Rio Frio e em particular, na herdade da Barroca de Alva, que se encontram ligadas à reserva natural, embora ainda não classificadas. Entendemos mesmo que a não classificação desses espaços se deve a uma irreflexão da entidade legisladora ou porventura, a um desconhecimento.

O Rio das Enguias é o drenante natural dessas zonas húmidas compostas por ribeiros, valas, sapais e lagoas de água doce espalhadas por muitos hectares e que desempenharam outrora papel determinante na economia da região. Começaremos por referir que o Rio das Enguias é a barreira física que na região e, pontualmente quando atravessa a Estrada Nacional n.º 118, separa os distritos de Santarém e Setúbal. Desembocando directamente no estuário, faz ele próprio de estuário no seu curso final, abastecendo de água salgada a talvez mais extensa salina do país, denominada Marinha Nova da Bomba, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Alcochete. Antes de mecanizada esta salina possuía 365

talhos de cristalização, o que dá bem a ideia da sua importância.

Subindo o curso de água e as suas ramificações mais curiosas, detemo-nos, após atravessarmos campos de arroz, caniçais e outra vegetação própria das zonas húmidas, no monte da Barroca de Alva. Trata-se duma aldeia modelar pela arquitectura das suas casas, pela harmonia dos espaços abertos e pelo equilíbrio que mantém com a natureza adjacente na qual se integra. É bem o paradigma daquele novo conceito de reserva natural que para além dos elementos morfológicos do terreno, da fauna e da flora, deve integrar também o Homem e o seu património construído quando ele se casa harmonicamente com a natureza. Nas redondezas, a criação de touros e cavalos coabita com bandos de aves dominantes na reserva. Refira-se em especial, pelo seu volume, a garça branca.

A existência de grandes ninhos de cegonha durante um dilatado percurso, pressupõe que se encontra ali um dos grandes corredores migratórios da cegonha branca. Os extensos caniçais que bordejam os campos de arroz estão enxameados de aves de várias espécies, a pedir a intervenção paciente e sabedora dos ornitólogos.

Dois ou três quilómetros a leste do Monte da Barroca de Alva, que foi no século XVIII a cabeça duma importante exploração agro-industrial dirigida pelo francês Jacome Ratton, encontramos o vale de Santo António com a sua

\* *Presidente da Câmara Municipal de Alcochete*

encantadora lagoa. Numa pequena ilha vê-se uma curiosa edificação circular, abobadada, cuja origem ninguém conhece, mas que pelo tipo de construção faz lembrar a arte árabe. Referenciada como capela de Santo António da Ussa nos documentos mais antigos é, embora em ruínas, um monumento digno de ser visitado pelo seu ineditismo e pelo seu enquadramento exemplar.

Mais para leste e já muito próximo do Campo de Tiro de Alcochete, outra grande lagoa, pechada de nenúfares, chamada Açude do Buraco. A frondosa vegetação das suas margens alberga sem dúvida, uma quantidade enorme de aves e as águas, para além das espécies piscícolas próprias da água doce, proporcionam a vivência de muitos anfíbios.

Regressando de novo à Barroca e partindo agora para o sul em direcção a Rio Frio, atravessamos os dois cursos de água paralelos junto ao povoado das Rilvas onde a estrada nacional n.º 4 se dirige para o Alentejo. Pontão e Monte Laranjo são igualmente duas outras aglomerações de casas de trabalhadores da herdade, metidas na paisagem onde reina o sobreiro. Propaga-se aqui uma das maiores manchas de montado de sobro de todo o mundo, cuja manutenção deve ser firmemente encarada.

Junto a uma antiga linha de água hoje totalmente assoreada por motivo de remoções e rebentamento de uma barragem sita nas proximidades, encontramos o Canto das Adegas ou Porto dos Cacos. Este último topónimo despertou a curiosidade dos autarcas e arqueólogos, despoletando um dos achados mais espectaculares que documentam a presença romana entre nós. Muito longe de estar delimitada, a estação arqueológica, na grande área onde foram efectuadas pesquisas sistemáticas integradas no programa "A ocupação romana da margem esquerda do estuário do Tejo", permitiu detectar

um complexo industrial de fornos de cerâmica, principalmente de vasilhame.

Foram já encontradas muitas dezenas de ânforas e indícios duma ocupação que durou pelo menos 5 séculos (do século I ao século VI). A descoberta de alguns apetrechos ligados ao transporte fluvial atesta bem que toda aquela zona, a muitos quilómetros da foz do Rio das Enguias, era noutro tempo perfeitamente navegável, sendo determinante para a economia da região.

Demonstrada a intercomunicabilidade dos factores que existem a montante e a jusante de uma determinada zona húmida e que concorrem para a sua estratégica importância em termos ecológicos, estamos deveras convencidos que há mil maneiras de valorizar os espaços e extrair deles rentabilidade económica sem pôr em causa a sua subsistência natural. Nos tempos antigos sempre a humanidade conviveu com o elemento natural sem o destruir, sem causar danos irreparáveis na sua cíclica renovação. A zona húmida do Tejo é considerada uma das dez mais importantes de toda a Europa. Cabe aos ambientalistas e aos ecologistas exercer acções junto da opinião pública e dos órgãos de poder, utilizando uma argumentação sensata e acessível, para obstar ao perigo de graves atropelos biológicos, de que é paradigma o propalado intento de ampliação do Campo de Tiro de Alcochete.

Mas impõe-se que os militantes do ambiente, sabendo que o vector económico é, no mundo em que vivemos, a causa motora da iniciativa humana, possam intervir *a priori*, participando nas definições do ordenamento territorial. É possível, em muitas situações, conciliar os interesses económicos sem a violação das leis da natureza. Urge que se fixem previamente as regras a respeitar, que se diga o que se pode e o que não se pode fazer, para que as surpresas desagradáveis não surjam com o selo do irremediável ao serviço do ganho sôfrego e imediato.

# AS FALÉSIAS DA ARRÁBIDA - ESPICHEL

*Luís Filipe Oliveira\**

Falar da Costa Arrábida-Espichel é referir uma das zonas costeiras mais importantes do nosso país e talvez uma das mais interessantes a nível europeu.

Por isso, pretende-se, com este texto, dar a conhecer mais em pormenor as suas características para melhor compreender a sua importância.

Este trabalho é fruto de uma actividade levada a cabo pelo autor desde 1980 a 1986, através de um trabalho de campo, inquéritos locais, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação de elementos cartográficos e fotográficos, bem como contactos com especialistas.

Nos trabalhos de campo foram utilizadas técnicas de reconhecimento e amostragem especiais, nomeadamente a utilização de barcos, técnicas de alpinismo, prospecção de cavidades, entre outras.

## **Caracterização**

A cadeia montanhosa da Arrábida, com cerca de 35 Km de comprimento, é um conjunto de enrugamentos de origem tectónica que se prolonga desde Palmela até ao Cabo Espichel, estendendo-se por debaixo do mar.

Junto ao litoral, a maior parte das

obras apresentam-se cortadas e estendem-se ao longo de 24 Km (Portinho da Arrábida-Cabo Espichel). As arribas, assim formadas, expõem-se ao quadrante Sul.

A Costa da Arrábida-Espichel constitui-se essencialmente por alcantilados que ultrapassam os 100 m de altura. Contudo, esta altura é variável, pois, enquanto as arribas do Espichel têm 100 m de altura, os declives do Píncaro atingem quase os 400 m.

Geologicamente, os materiais são quase exclusivamente calcários e dolomitos do Jurássico médio e superior (do Aaliانو ao Lusitaniano).

Quanto às condições climáticas desta faixa costeira, pouco se sabe, desconhecendo-se a existência de estudos a esse respeito.

Porém, tentar-se-á esboçar, por comparação com os dados do planalto adjacente, as condições climáticas gerais, que condicionam a comunidade e, em especial, a flora.

O Serviço Meteorológico Nacional, com dados obtidos em Maçã (Sesimbra) ao longo de 17 anos, refere uma precipitação que ronda os 700 mm/ano, uma humidade relativa do ar quase sempre superior a 75%, e com ventos dominantes do quadrante norte (ca. 70%). A frequência dos 4 rumos mais significativos é, por ordem decrescente: NW, NE, N, SW. As calmarias são mais

\* *Licenciado em Biologia.*

*Com este texto, obteve o autor o 3.º lugar no concurso do Ano Europeu do Ambiente.*

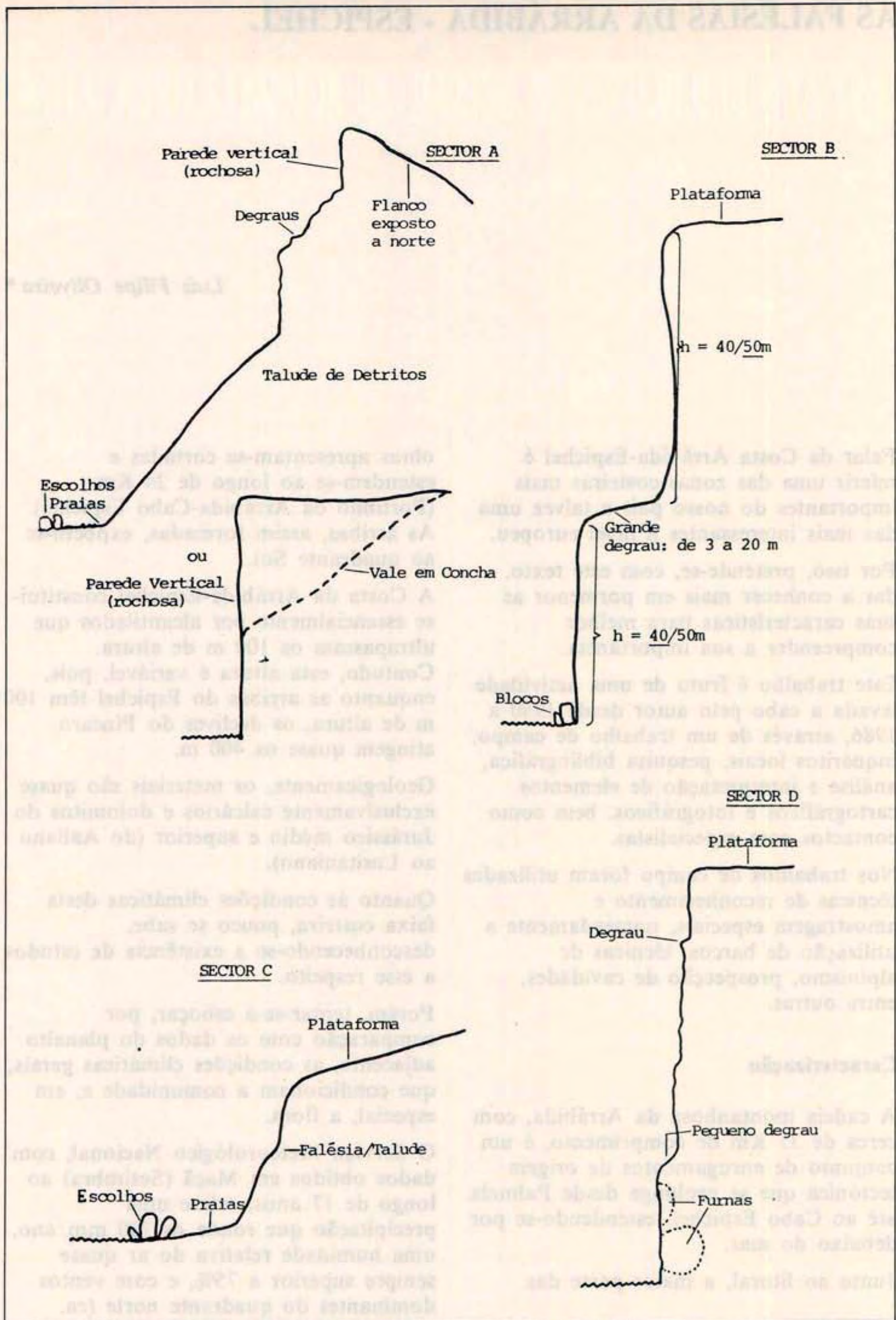


Figura 1

Perfis da Costa Arrábida — Espichel

frequentes no Outono e Inverno (3/4). As temperaturas médias do ar variam entre 9,3° C. (Janeiro) e 19,9° (Agosto). Porém, apesar da falta de elementos, pensa-se que as falésias deverão apresentar algumas diferenças significativas em relação à plataforma onde se situa a estação meteorológica. A primeira é relativa aos nevoeiros, que são frequentes, sobretudo durante alguns períodos do ano, não se expandindo, na maior parte das vezes, para as plataformas superiores, adjacentes às arribas, devido à precipitação ocasionada pela intersecção com estas. Os nevoeiros, que aí surgem são de *radiação* (por contacto com a terra durante a noite, com o céu limpo<sup>(1)</sup>) e de *advecção* (por movimento de uma massa de ar que vai perdendo calor ao longo de uma superfície mais fria).

Quanto às temperaturas, estas são mais elevadas nas falésias que no planalto, devido à sua exposição ao quadrante Sul e pelo facto de estarem abrigadas dos ventos dominantes. Os vales que apresentam uma forma de concha são os locais mais quentes e secos. Os sectores expostos a SSE (1/3 da costa referida) devem sofrer, mais acentuadamente que os restantes, uma mudança brusca de temperatura durante a madrugada e princípio da manhã, sem contudo atingirem as temperaturas mais elevadas da zona (GEIGER, 1980).

A vegetação está obviamente condicionada por estas características climáticas. Mas devido aos diversos microclimas gerados pela fisionomia do relevo (Fig. 1), isto é, a inclinação, configuração e orientação das encostas, existem variações florísticas ao longo das arribas. As falésias e plataformas adjacentes apresentam, assim, diversos tipos de coberto vegetal. A estrutura da vegetação — que é determinada essencialmente pela altura, padrão de distribuição horizontal e número de estratos, ou seja, a disposição das camadas de folhagem a alturas diferentes — vai-se simplificando gradualmente de Este para Oeste, desde a mata, passando

pelos diversos tipos de matos (OLIVEIRA, 1982), até à vegetação rupestre (PEDRO, 1942).

O pastoreio e o fogo são os factores responsáveis por grande parte deste tipo de formação vegetais. Estas são limitadas, na sua distribuição, pelos terrenos agrícolas, onde predominam as culturas de sequeiro.

O mosaico vegetal assim existente condiciona a distribuição dos locais de abrigo e de alimento da fauna vegetal.

O que foi referido leva a considerar a existência de 4 parcelas análogas (esquematizado na Fig. 1), cujas características se apresentam resumidas no Quadro 1.

Neste quadro, é dado observar que de uma situação arbórea existente nos degraus e taludes da zona mais a leste passa-se, gradualmente, a espécies essencialmente rupestres e fissurícolas no Cabo Espichel.

### Importância natural da zona

É indiscutível a importância a nível mundial das matas das encostas expostas a Norte, como a do Solitário e o jovem bosque do Risco.

É incontestável a importância do agrupamento vegetal de características termófilo-mediterrânicas do Fôjo, depois do corte do núcleo do Creiro pela estrada nova de Setúbal ao Portinho e pela recente colocação de postes.

E, também, indubitável se torna a importância, mesmo a nível internacional, da vegetação que faz parte das lombadas e falésias propriamente ditas. Por exemplo, a espécie *Convolvulus fernandesii* é uma endémica local, isto é, só existe no Espichel (SILVA & TELES, 1981). Pertence ao grupo de plantas típicas da Macaronésia<sup>(2)</sup>. Esta, na sua maior parte, apresenta um clima de características subtropicais húmidas, isto é, temperaturas algo elevadas e, em especial, elevada humidade relativa do ar.

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS POR SECTOR DAS FALÉSIAS DA ARRÁBIDA - ESPICHEL

| Sector                                | Comprim. (km)                   | Exposição | Altitude média (m) | Declive %                        | nº de praias de |       | Abundânc. de blocos e escolhos | Nº de ilhotas | Abundânc. de furnas e fendas | Nº de ruínas dispersas | Vegetação Típica   |
|---------------------------------------|---------------------------------|-----------|--------------------|----------------------------------|-----------------|-------|--------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------|--|
|                                       |                                 |           |                    |                                  | calhau rolado   | areia |                                |               |                              |                        |  |
| A<br>Portinho ao Cabo Ares            | 8,5                             | SSE       | 220-400            | 50-90                            | 3               | 1     | Muitos                         | 2             | Poucas (1 gruta grande)      | 3                      | <p>FLANCO – A Leste: Mata (do Solitário)</p> <p>A Oeste: Matos e vegetação rupestre, com espécies pouco comuns. Núcleos de <i>Pinus halepensis</i>, <i>Eucalyptus sp.</i> e <i>Quercus faginea</i> e <i>Arbutus unedo</i>.</p> <p>Culturas de sequeiro com fiadas de árvores de <i>Quercus faginea</i> e <i>Pinus pinea</i>.</p> <p>VALE EM CONCHA – <i>Olea europaea</i>, <i>Ceratonia siliqua</i> (em expansão) Formação arbórea e matos altos e baixos.</p> <p>PAREDE VERTICAL (Rochosa) – Espécies fissurícolas e de preferências frescas, húmidas ou sombrias: <i>Polypodium vulgata</i>, <i>Ficus carica</i>, <i>Arisarum vulgare</i>.</p> <p>DEGRAUS – Matos e árvores isoladas: <i>Pistacia lentiscus</i>, <i>Juniperus phoenicea</i>, <i>Rosmarinus officinalis</i>, <i>Olea Europaea</i>, <i>Ceratonia siliqua</i>, <i>Phillyrea latifolia</i>, <i>Ruscus aculeatus</i>, <i>Rhamnus alaternus</i>.</p> <p>TALUDE DE DETRITOS – Matos muito abertos. <i>Pinus pinaster</i>, adultos, com densidade baixa.</p> |
| B<br>Cabo Ares Cova da Mijona         | 8,0<br>Inclui Praia de Sesimbra | S e SSW   | 100                | 60-90 excepto o Vale de Sesimbra | 1               | 2     | Poucos                         | 2             | Poucas                       | 0                      | <p>PLATAFORMA – Matos abertos com abundância de <i>Juniperus phoenicea</i> e <i>Pistacia lentiscus</i> (em "coxim").</p> <p>GRANDE DEGRAU – Vegetação fissurícola e rupestre incluindo <i>Euphorbia obtusifolia</i> (abundante) e <i>Convolvulus fernandesii</i>.</p>  |
| C<br>Cova da Mijona a Praia da Tranca | 4,5                             | S e SE    | 50                 | 30-90                            | 0-1             | 2-3   | Muitos                         | 1             | Raras                        | 2-3                    | <p>PLATAFORMA – Matos baixos e abertos Culturas de sequeiro.</p> <p>FALÉSIA/TALUDE – Matos baixos e abertos. Vegetação fissurícola e rupestre.</p>   |
| D<br>Praia da Tranca a Cabo Espichel  | 3,0                             | SSW       | 100                | 70-90                            | 0               | 0     | Raros                          | 0             | Muitas                       | 1                      | <p>PLATAFORMA – Mato rasteiro e aberto, com espécies pouco comuns. Culturas de sequeiro.</p> <p>DEGRAUS – Vegetação fissurícola e rupestre incluindo <i>Euphorbia obtusifolia</i> e <i>Convolvulus fernandesii</i>.</p>  |

Em Portugal, este tipo de vegetação ocorre principalmente na Serra de Monchique, nas encostas a Sul/SW da Arrábida, Oeste de Sintra e ainda, portualmente, em vales encaixados, orientados a Sul na Costa Sudoeste Portuguesa (SOUTO CRUZ, com. pes.).

A importância das falésias da Arrábida-Espichel, mesmo no contexto macaronésico, é o de se encontrarem ali formas vestigiais dos andares semi-áridos (SOUTO CRUZ, com. pes.).

Esta particularidade por si só justificaria a necessidade da conservação desta parcela da costa portuguesa.

É indicadora daqueles andares, uma espécie recentemente identificada: *Euphorbia obtusifolia* (PEDRO, 1983).

A importância desta espécie é acrescida pelo facto de ser o abrigo exclusivo de um insecto — um coleóptero recentemente descoberto, da família Scolytidae (MARIA TERESA CABRAL, com. pes.).

Em relação ao resto da fauna, e especificamente os vertebrados, é apresentada no Quadro 2 a distribuição das espécies até agora inventariadas, quer na plataforma adjacente, quer nas falésias propriamente ditas. Algumas delas são relativamente abundantes. Para a avifauna, dada a sua riqueza, apenas se refere o número de espécies em cada unidade (plataforma ou falésia), e em 2 áreas: o sector A e o conjunto dos restantes (B+C+D).

O exame desse quadro permite observar que o número de espécies, à excepção das aves nidificantes rupícolas, diminui para Oeste, isto é, no sentido em que as condições climáticas são mais adversas e, essencialmente, no sentido da menor complexidade da estrutura vegetal.

Porém, se as aves rupícolas não necessitam da vegetação para se abrigarem, dependem, excepto as marinhas (*Larus argentatus*, gaivota-argêntea, e *Phalacrocorax aristotelis*, Corvo-marinho-de-crista), directa ou indirectamente do mosaico de vegetação

existente, incluindo os campos agrícolas. Daquelas, duas são granívoras (*Columba livia*, Pombas-rochas, e *Sturnus unicolor*, Estorninho-preto), cinco são insectívoras (*Apus apus* e *A. melba*, Andorinhões preto e real, *Delichon urbica*, Andorinha-dos-beirais, *Monticola solitarius*, melro-azul e *Phoenicurus ochrurus*, rabirruivo-oreto) e as restantes são aves de rapina (*Tyto alba*, Coruja-das-torres, *Bubo bubo*, Bufo-real, *Falco peregrinus*, Falcão-peregrino, *F. tinnunculus*, Peneireiro-vulgar, e *Hieraetus fasciatus*, águia-de-Bonelli).

Nesses campos abertos de matos diversos, por cima dos terrenos lavrados ou já com searas, rasando as copas das árvores, picando ao longo das arribas, como fazem os andorinhões, as aves alimentam-se dos seres que estão dependentes do coberto vegetal: insectos adultos e suas larvas, outras aves, batráquios, ratos, coelhos, etc.

De todas estas espécies refira-se a importância das rapinas (PALMA, 1984; OLIVEIRA, 1984; PALMA, 1985), do andorinhão-real (OLIVEIRA, 1984) das condições de nidificação do Corvo-marinho-de-crista (TEIXEIRA *et al.*, 1983) do Melro-azul e do Estorninho-preto. Em relação aos mamíferos, o ginetto, que percorre as praias do sector A, a lebre na plataforma do sector D, e a possível existência da Fuinha na orla da Mata do Solitário, são as espécies mais interessantes.

### Impactes actuais

Com uma vegetação e fauna adaptadas à situação criada nos finais do séc. XVIII e com a ocupação destas terras por pastores e agricultores (RIBEIRO, 1935) a fauna e flora locais foram de novo perturbadas no primeiro quartel deste século. Pelo menos 2 espécies animais foram extintas — a águia-real e a águia-pesqueira (OLIVEIRA, 1984), e as áreas de vegetação natural diminuíram — por volta de 1930 desapareceu a Mata da Mesinha (OLIVEIRA, 1982). Contudo, apesar dos

QUADRO II – FAUNA CARACTERÍSTICA POR SECTOR DAS FALÉSIAS DA ARRÁBIDA - ESPICHEL (\*) EXCEPTO QUIROPTEROS

| SECTORES | Répteis e anfíbios  | Mamíferos (*)   | Aves nidificantes (Nº de espécies) – Inclui as do grupo seguinte excepto as invernantes  | Aves mais comuns                               |
|----------|---|---|--|--|
| A        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Salamandra salamandra</li> <li>- Bufo bufo</li> <li>- Lacerta lepida</li> <li>- Psammotromus algerus</li> <li>- Coluber hippocrepis</li> <li>- Mallophon monspessulanus</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O. cuniculus</li> <li>- Vulpes vulpes</li> <li>- Mustela nivalis</li> <li>- Martes foina</li> <li>- Meles meles</li> <li>- G. genetta</li> </ul> | ca. 20 espécies. Abundância muito elevada  | <u>Alectoris rufa</u><br>(Sedentária)          |
|          | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tarentola mauritanica</li> <li>- P. algerus</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Oryzolagus cuniculus</li> <li>- Genetta genetta</li> </ul>   | <p>Nidificação na vegetação – 10 spp.</p> <p>Nidificação nas rochas – 13-16 spp.</p> <p>TOTAL DE 23 – 26 espécies</p>                                      | <u>Sylvia melanocephala</u><br>(Sedentária)    |
| B        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- L. lepida</li> <li>- P. algerus</li> <li>- M. Monspessulanus</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O. cuniculus</li> <li>- Mustela nivalis</li> </ul>   | <p>PLATAFORMA – 11 espécies</p>  | <u>Larus fuscus</u><br>(Invernante)            |
|          | <ul style="list-style-type: none"> <li>- I. Mauritanica</li> <li>- P. algerus</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- G. genetta</li> </ul>  |  | <u>Troglodytes troglodytes</u><br>(Sedentária) |
| C        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- P. algerus</li> <li>- P. hispanicus</li> <li>- M. monspessulanus</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O. cuniculus</li> </ul>  | <p>B + C + D</p> <p>FALÉSIA</p> <p>Nidificação na vegetação - 3 - 4 spp.</p> <p>Nidificação nas rochas - 13 - 17 spp.</p> <p>TOTAL DE 16 - 21 espécies</p> | <u>Ptyoprogne rupestris</u><br>(Invernante)    |
|          | <p>?</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- G. genetta</li> </ul>  |  | <u>Monticola solitarius</u><br>(Sedentária)    |
| D        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- L. lepida</li> <li>- P. algerus</li> <li>- P. hispanicus</li> <li>- Anguis fragilis</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O. cuniculus</li> <li>- Vulpes vulpes</li> <li>- Lepus granatensis</li> </ul>  | <p>Em 1983 foram estimadas ca. de 1.000 aves nidificantes rupícolas.</p>   | <u>Phoenicurus ochurus</u><br>(Sedentária)     |
|          | <p>?</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- G. genetta</li> </ul>  |  | <u>Columba livia</u><br>(Sedentária)           |
|          |   |   |  | <u>Sturnus unicolor</u><br>(Sedentária)        |
|          |   |   |  | <u>Delichon urbica</u><br>(Nidificante)        |

fogos, em especial nos últimos dez anos, e da caça desenfreada ("guerra aos nocivos" e ocupação das coutadas da casa de Palmela após o 25 de Abril de 1974), *é possível assegurar que neste momento existem ainda condições para que espécies animais sobrevivam*, e, no caso específico das aves de rapina e da lebre, aumentem um pouco mais os seus efectivos.

O litoral tem, neste caso, uma importância vital, visto fornecer condições de abrigo excepcionais para os animais, em especial para as aves, e constituir a área onde o fogo não tem feito sentir drasticamente a sua acção, sendo as fragas, mesmo as mais baixas, os locais de melhor protecção de grande parte da flora. Até mesmo o gado caprino tem dificuldades em aí circular, só fazendo em dois ou três corredores paralelos à cumeada.

A pastorícia que actualmente se pratica nesta costa é compatível com o equilíbrio da comunidade natural.

Porém, o mesmo não se poderá dizer das pedreiras a céu aberto avançando rapidamente para o mar; das "segundas" casas de habitação pretensamente isoladas do mundo; dos fogos postos para facilitar a caça; do "motocross"; etc.

Mesmo as "actividades ao ar livre" exercem, muitas das vezes, uma acção perturbadora. Cada vez é maior o número dos seus praticantes nesta zona, e bastantes são as pessoas que confundem áreas de protecção com locais para a prática dessas actividades: uma questão será termos 5-10 pessoas acampadas num local, falando (mas não gritando), depositando os resíduos sólidos num saco e *deitá-lo num recipiente próprio*, mas outra questão inteiramente diferente será o facto de grupos excursionistas passarem por zonas com raridades naturais, vozeando e deixando o lixo por todo o lado; na mesma linha de raciocínio, uma situação será termos 5-10 pessoas a visitarem, em silêncio, uma gruta, mas outra completamente

diferente será o facto de o mesmo número de pessoas entrarem e apanharem ou afugentarem os morcegos que aí se abrigam. A actividade ao ar livre deve ser sabiamente doseada com uma "pitada" de "ética".

Estes exemplos reflectem, de alguma forma, a ausência de uma política de educação da população por parte dos organismos responsáveis. Logicamente, haverá que fomentar este aspecto educacional, bem como disciplinar a utilização e as actividades nesta zona, por parte de quem de direito.

Sendo o complexo costeiro um sistema sensível, torna-se evidente a necessidade da sua protecção. Na costa da Arrábida-Espichel ainda estamos a tempo de conservar uma das falésias mais interessantes da Europa, não só por esta ou aquela espécie, mas pelo conjunto delas, bem como pelo complexo de relações existentes.

#### **Medidas de conservação a tomar**

Apesar de se encontrar a poucos quilómetros da região de Lisboa, só muito recentemente surgiram propostas para a protecção desta parcela de costa (E.T.A.M. R. L., 1980; OLIVEIRA, 1983; PALMA, 1984; OLIVEIRA, 1984). Estas propostas são fruto de estudos que, desde o início desta década têm sido levados a cabo nesta zona costeira.

A criação do Parque Natural da Arrábida, a realização do Ordenamento Biofísico do Concelho de Sesimbra (E.T.A.M.R.L., 1980) e a formação de uma Reserva Permanente das Arribas<sup>(1)</sup>, que abrange toda a área considerada e estende-se desde a linha de costa até 1 Km para o interior, são as medidas mais importantes levadas a cabo por organismos oficiais. Porém, ainda se está longe de conseguir uma protecção efectiva do relevo, da flora e da fauna das falésias da Arrábida-Espichel.

Das medidas já propostas, realçar-se-ão as consideradas mais importantes:

— Ampliação do Parque Natural da Arrábida à zona do Espichel (OLIVEIRA, 1983; 1984).

Está demonstrado (E.T.A.M.R.L., 1980; OLIVEIRA, 1983; 1984) que, quer em termos florísticos ou de fitocenoses, quer em termos faunísticos, não existe qualquer descontinuidade entre as falésias da Arrábida e do Espichel. Pelo contrário, existe mesmo uma continuidade, cujas diferenças sectoriais (qualitativas e quantitativas) estão, essencialmente, em função das variações orográficas e climáticas. A única interrupção existente é no vale de Sesimbra. Por exemplo, poder-se-á perguntar: porque estão protegidos (na lei) os habitats das aves de rapina que nidificam nas arribas da Arrábida, e não estão os das mesmas espécies no Espichel, quando poderá até haver um cruzamento entre indivíduos durante os períodos de reprodução?

— Ordenamento e gestão científica destes meios naturais.

— Proibição de empreendimentos turísticos ou urbanizações a menos de 2 Km da linha de costa, salvo em povoações já existentes, onde novas construções terão de ser estudadas caso a caso pelas autarquias.

— Análise de viabilidade, técnica e económica, da exploração dos materiais actualmente extraídos no local em outras zonas fora da Reserva Ecológica Nacional.

— Manutenção das áreas e dos sistemas agrícolas do planalto, atendendo a que as espécies animais que os utilizam poderão não ter capacidade de alteração brusca nos seus hábitos alimentares.

— Regulamentação e circunscrição de actividades ao ar livre.

— Contribuição para a implementação do regulamento destas actividades de modos vários: construção de pequenos abrigos para pescadores, delimitação e

melhoramento de estacionamento, recuperação de edifícios velhos e/ou abandonados para funcionarem como

casas-abrigo, etc.

— Proibição da instalação de linhas eléctricas e telefónicas aéreas a menos de 2 Km da linha de costa.

— Lançamento de uma campanha, dinamizada pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, junto da população local e dos arredores, incluindo as cidades próximas, tentando sensibilizar para a importância desta costa e as atitudes que cada cidadão deve assumir.

— Substituição das redes de arame por aramados, a menos de 2 Km da linha de costa.

As autarquias locais, a Região de Turismo, a Capitania do Porto de Setúbal, as forças paramilitares, as escolas, as Associações Desportivas e/ou cívicas, a L.P.N., têm um papel importante a desempenhar na realização destas actividades.

Como conservar? Exigindo medidas de conservação. Mas, acima de tudo, cabe a cada um de nós a responsabilidade de preservar uma das mais importantes riquezas naturais deste tipo na Europa. Quando levamos umas flores para casa (quando afinal somos 200 ou 300 a levar), quando abandonamos o lixo no chão ou num saco de plástico que fica disperso, só porque não nos apetece colocá-lo num recipiente adequado, quando levamos uma estalate ou mesmo um morcego de uma gruta, quando gritamos em vez de falarmos, quando o desejo alienante da velocidade e do ruído supera a tranquilidade que um passeio pela Natureza pode proporcionar, quando escalamos qualquer local em qualquer época do ano, estamos afinal a provocar no meio ambiente uma série de perturbações que colocam em perigo o equilíbrio que procuramos.

**Plantas**

*Nome científico*

Pinus halepensis  
Pinus pinaster  
Pinus pinea  
Eucalyptus sp.  
Quercus faginea  
Arbutus unedo  
Olea europaea

Ceratonia siliqua  
Polypodium vulgare  
Ficus carica  
Arisarum vulgare  
Pistacia lentiscus  
Juniperus phoenicea  
Rosmarinus officinalis  
Phillyrea latifolia  
Ruscus aculeatus  
Ramnus alaternus

**Animais**

*Nome científico*

Salamandra salamandra  
Bufo bufo  
Tarentola mauritânica  
Lacerta lepida  
Psammmodromus algirus  
Psammmodromus hispanicus  
Anguis fragilis  
Coluber hippocrepis  
Malpolon monspessulanus  
Oryctolagus cuniculus  
Vulpes vulpes  
Mustela nivalis  
Meles meles  
Martes foina  
Genetta genetta  
Lepus granatensis  
Alectoris rufa  
Sylvia melanocephala  
Larus fuscus  
Troglodytes troglodytes  
Ptyoprogne rupestris  
Monticola solitarius  
Phoenicurus ochrurus  
Columba livia  
Sturnus unicolor  
Delichon urbica

(1) *Numa noite calma, de céu limpo, o solo tende a perder para a atmosfera (por radiação) o calor que continha. Ao fim da noite, o ar sem movimento junto ao solo arrefece em contacto com este. O abaixamento de temperatura do ar provoca uma subida do valor da humidade relativa. Quando aquele valor atinge os 95-96% ocorre a condensação, formando-se nevoeiro.*

*Nome vulgar*

Pinheiro-do-Alêpo  
Pinheiro bravo  
Pinheiro manso  
Eucalipto  
Carvalho português  
Medronheiro  
Oliveira (neste caso Oliveira brava ou Zambujeiro)  
Alfarrobeira  
Polipódio vulgar  
Figueira brava  
Capuz-de-fradinho  
Aroeira  
Sabina-da-praia  
Alecrim  
Aderno  
Erva-dos-vasculhos  
Aderno-bastardo

*Nome vulgar*

Salamandra  
Sapo comum  
Osga-comum  
Sardão  
Sardanisca-argelina  
Sardanisca-ibérica  
Cobra-de-vidro ou Fura-mato  
Cobra-de-ferradura  
Cobra-de-monte ou rateira  
Coelho  
Raposa  
Doninha  
Texugo  
Fuinha  
Gineto  
Lebre  
Perdiz  
Toutinegra-de-cabeça-escura  
Gaivota-d'asa-escura  
Carriça  
Andorinha-das-fragas  
Melro-azul  
Rabirruivo-preto  
Pombo-das-rochas  
Estorninho-preto  
Andorinha-dos-beirais

(2) *Considera-se por Macaronésia o conjunto das Ilhas dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde.*

(3) *Criada com vista à protecção das espécies animais — Portaria n.º 1038/83, da Secretaria de Estado das Florestas, publicada no Diário da República n.º 286, de 14-12-83 (1.ª série).*

## BIBLIOGRAFIA

- E.T.A.M.R.L. (1980) — Ordenamento Biofísico do Concelho de Sesimbra. Ed. Serviço de Estudos do Ambiente. Lisboa.
- GEIGER, R. (1980) — Manual de microclimatologia. Ed. Fund. Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- OLIVEIRA, L.F. (1982) — Estudo preliminar da avifauna de uma zona da Serra da Arrábida. Vols. I e II, do relatório de estágio. F.C.L. — Universidade Clássica de Lisboa.
- OLIVEIRA, L.F. (1983) — Estudo da Fauna do Cabo Espichel com vista à ampliação do Parque Natural da Arrábida. Relatório para o S.N.P.R.C.N. Lisboa, Dezembro 1983. Não publicado.
- OLIVEIRA, L.F. (1984) — A avifauna nidificante rupícola das costas da Arrábida, Espichel e Roca. Boletim da Liga para a Protecção da Natureza, n.º 18, 1.º Vol., 3.ª série: 157-172. In Colóquio Nacional para a Conservação das Zonas Ribeirinhas. Lisboa, Novembro 1983.
- PALMA, L. (1984) — A avifauna nidificante na Costa Rochosa do Sudoeste de Portugal. In II Reunión Iberoamericana de Conservación y Zoología de Vertebrados. Cáceres. Junho de 1980.
- PALMA, L. (1985) — Present situation of birds of prey in Portugal. Conservation Studies Raptors, ICBP Technical Publication n.º 5: 3-14, In 3rd. in 3rd. ICBP World Conference on Birds of Prey, Thessalonik, Grécia. Abril 1982.
- PEDRO, G. (1942) — Estudo geobotânico da Serra da Arrábida — reconhecimento geral. *Agron. Lusit.*, vol. 4 (2): 101-136.
- PEDRO, G. (1983) — Novidades florísticas da Península de Setúbal. *Revista de Biologia*, 12: 425-434.
- RIBEIRO, O. (1935) — A Arrábida — esboço geográfico. Publ. Imprensa Nacional. Lisboa.
- SILVA, P. & TELES, A.N. (1981) — *Convolvulus fernandesii*. Pinto da Silva & Teles, um notável endemismo português de origem macaronésica. *Bol. Soc. Brot.*, Sér. 2, 54: 233-237.
- TEIXEIRA, A.; OLIVEIRA, L.F.; ESCUDEIRO, J. (1983) — Sobre a nidificação do Corvo-marinho-de-crista *Phalacrocorax aristotelis* (L.) nos Cabos da Roca (38.º 47' N 09.º 30' W) e Espichel (38.º 25' N 09.º 13' W). *Cyanopica*, Vol. III, fas. 1.º: 107-111.

## OS GOLFINHOS DO SADO, UMA RIQUEZA INSUSPEITADAMENTE PRECIOSA\*

*Manuel Eduardo dos Santos\*\**

Os portugueses no seu geral, como todos os povos, acham que os golfinhos são peixes, e ignoram que estes animais ocorrem com frequência nas nossas águas continentais. Nem sequer a sua presença permanece no estuário do Sado, aqui disfarçados com o nome de "roazes", tem conseguido vencer essa ignorância. Tenho verificado que as pessoas julgam as nossas águas impróprias para esse tipo de animais, ou então, que foram extintos há vários séculos destas paragens pela inevitável conquista do Homem.

Mesmo as pessoas mais atentas ou cultas se espantam ao saber que foram já registadas nas águas continentais portuguesas 24 espécies de mamíferos marinhos, incluindo várias espécies de golfinhos, e diversas espécies de baleias e focas.

Os pescadores e restantes homens do mar fogem naturalmente um pouco a este alheamento generalizado; eles encontram com regularidade estes animais na sua faina quotidiana, em locais a que o cidadão comum não tem acesso. É que, de facto, a maior parte dos mamíferos marinhos vive num meio

distante e hostil para os humanos, o que torna difícil o contacto com eles e também o seu estudo.

Alguns mamíferos marinhos, por outro lado, constituem, por diferentes razões, casos especiais que atingiram uma certa notoriedade. Os cachalotes nos Açores são famosos por terem sido objecto de caça durante um longo período. Essa actividade, que se revestia de uma celebrado colorido etnográfico, tem estado recentemente reduzido ao estado de abjecção. Outro caso tristemente célebre é o das focas-monje ou lobos-marinhos das Desertas, no Arquipélago da Madeira, outrora numerosíssimas e que têm sido cruel e deliberadamente conduzidas à extinção pelos pescadores locais. Tem trazido péssima fama ao nosso País a recusa do Governo Regional em proteger os últimos lobos-marinhos do Arquipélago, apesar de terem sido propostos principescos subsídios internacionais para compensar a modificação das práticas de pesca no habitat destes animais. Recorde-se que esta espécie faz parte das listas de espécies ameaçadas que Portugal se comprometeu a proteger, ao assinar diversas Convenções, e que o nosso País se encontra em grave transgressão.

Os golfinhos-roazes do Sado são também excepcionais, mas por razões mais felizes; é que é raro na Europa encontrar-se golfinhos colectivamente sedentarizados em zonas pesadamente

\* *Comunicação apresentada no Encontro — Defesa do Meio Ambiente como Tarefa de Quem Vive e Trabalha no Distrito de Setúbal, Almada, 7 e 8 de Maio de 1988.*

\*\* *Etnólogo — assistente no SPA, Rua Jardim do Tabaco — 1100 Lisboa.*

ocupadas e exploradas pelas populações humanas. A presença dos golfinhos na região deve-se fundamentalmente à riqueza do estuário do Sado: trata-se de um vasto lençol de água de características basicamente marinhas, mas protegido do hidrodinamismo oceânico, intensamente iluminado até ao fundo e enriquecido com os nutrientes escorridos do meio terrestre. Apresenta, assim, um elevado potencial alimentar para muitas espécies, entre elas os golfinhos, e as espécies de que os golfinhos se alimentam. De facto, estes animais parecem frequentar toda a região entre a foz do Tejo e a foz do Mira, mas é no estuário do Sado que eles passam provavelmente a maior parte do seu tempo.

Embora as razões da sua fixação sejam sobretudo alimentares, os golfinhos mostram no estuário do Sado todo o tipo de actividades, passando pelo repouso, pelas brincadeiras e outras formas de interacção social e pela actividade sexual. Nadam predominantemente em grupos com cerca de 10 indivíduos, embora possam ser vistos grupos muito maiores.

As tainhas parecem constituir o seu alimento mais frequente, tanto por serem dos peixes mais abundantes no estuário como pelo facto de existirem cinco espécies com épocas de desova desencontradas, o que obriga os golfinhos a fazer uma certa rotação. Podem observar-se frequentemente caçadas colectivas de tainhas, particularmente na zona da foz.

Os chocos também são um alimento importante para os golfinhos, podendo notar-se um aumento da sua presença no estuário a partir de Fevereiro, época em que os chocos começam justamente a sua migração reprodutiva para as águas interiores.

Por que dizemos que os golfinhos do Sado fazem parte de uma população sedentarizada? Será que os conhecemos individualmente? Pois bem, talvez não os conheçamos a todos, mas 35 deles

encontram-se já "recenseados" fotograficamente, sendo reconhecíveis graças às diferenças que apresentam na forma e nas marcas naturais das suas barbatanas dorsais. Destes animais, vários vêm sendo repetidamente fotografados no estuário do Sado desde 1981.

A sua presença diária e próxima, privilégio de que os habitantes da região não se dão conta, possibilita o desenvolvimento de estudos científicos a longo prazo, em condições surpreendentemente favoráveis, conforme constata os colegas estrangeiros que visitam a área. Por outro lado, o potencial educativo destes golfinhos é fabuloso, e o prazer estético que a sua contemplação proporciona é inesquecível, como atestam todos os visitantes oriundos de regiões menos favorecidas pela Natureza.

Existem, a nível mundial, uma curiosidade e um respeito crescentes pelos cetáceos em geral e pela importância ecológica destes animais que já viviam nos mares 70 milhões de anos antes de surgirem os humanos. Estando muitos deles no topo da cadeia trófica, os seus organismos integram muitas variáveis ambientais, e o seu estudo pode ajudar-nos a compreender as transformações sofridas pelos ecossistemas.

Porém, a relação dos humanos com os cetáceos tem sido sobretudo conflituosa, e a sua caça foi feita com o mesmo espírito com que se procede a uma exploração mineira: retirar o máximo de recursos num mínimo espaço de tempo. Não sendo este estilo de exploração compatível com a sobrevivência das espécies vivas, várias foram poupadas *in extremis* a inexorável extinção para onde estavam a ser empurradas no nosso século por acordos e convenções internacionais que têm vindo a protegê-las cada vez mais.

Nas águas continentais do nosso País, os cetáceos encontram-se totalmente protegidos pela lei desde 1981,

independentemente dos seus efectivos populacionais, embora seja impossível garantir o cumprimento da referida lei. Conforme o atestam as cabeças e as peles de golfinhos que se encontram frequentemente nas praias, a captura destes animais pelos pescadores é prática contínua, embora numa escala menos arrasadora que a de outrora. Os golfinhos de várias espécies são facilmente arpoáveis dada a frequência com que se aproximam da proa das embarcações para desfrutar de uns minutos de "boleia", revezando-se entre si nessa brincadeira. Os animais são esquarterados a bordo logo após o arpoamento, sendo os desperdícios devolvidos ao mar sem mais delongas, de modo a que os "bifes" possam desembarcar em açafates com toda a tranquilidade.

Mas os golfinhos-roazes do Sado, melhor conhecidos dos humanos, são difíceis de arpoar. A maneira tradicional de os abater para consumo ou para venda era aprisioná-los nas zonas superiores do estuário enquanto a maré vazava e, quando estivessem imobilizados a seco, matá-los à paulada. Também podem tentar matá-los a tiro de caçadeira. Encontrei há poucos anos chumbos de caçadeira inofensivamente alojados na gordura hipodérmica de um velho golfinho morto, que tanto podem ter sido disparados por um pescador como por um caçador na zona superior do estuário. Arrisco-me a dizer que estas práticas contra os golfinhos-roazes são hoje raras, ao contrário do que se passa com os seus primos do mar aberto, em parte porque se tem dissipado o sentimento de inimizade que os pescadores por eles nutriam, e em parte

porque o seu número parece ter-se reduzido.

A poluição química é certamente hoje uma ameaça mais perigosa para os golfinhos do Sado do que a perseguição directa. São conhecidos os fenómenos de acumulação de substâncias como o DDT, os PCB's e os metais pesados nos tecidos dos cetáceos e têm sido notados os seus efeitos nocivos em particular na reprodução e no aleitamento das crias.

É, assim, perfeitamente nítido que a continuação da degradação ecológica do estuário acabará por extinguir ou afastar os golfinhos do Sado, tal como aconteceu no Tejo, quer através dos seus efeitos directos quer através do empobrecimento faunístico, que lhes reduz as fontes de alimento.

Os portugueses não precisam de ir ao estrangeiro ver golfinhos, mas muitos poderão vir a ser os estrangeiros que virão a Portugal, entre outras coisas, para apreciar um recurso natural que qualquer região invejaria: uma população de golfinhos selvagens sedentária e habituada à presença humana. O seu valor ecológico, turístico, educacional, científico e estético só agora começa a ser apreciado, mas se não protegermos o estuário de um modo global e eficaz, eles desaparecerão irremediavelmente. E também por outras razões, é do interesse geral da comunidade combater as ameaças que pairam sobre o estuário. Recai sobre os administradores públicos o dever de zelar para que o interesse geral da comunidade se sobreponha aos interesses particulares de cada entidade ou de cada actividade.

# VIVEIROS DE PEIXE EM CORROIOS

*Manuel Lima\**

## **Os sapais como ecossistemas naturais propícios à desova e crescimento de muitas espécies piscícolas**

Entende-se por sapal uma zona ribeirinha sujeita à influência das marés, podendo ou não estar coberta de vegetação halófita característica dos terrenos salgados.

Os sapais são ecossistemas com grande produtividade primária, sobretudo de fitoplâncton e detritos orgânicos, constituindo estes o suporte das numerosas cadeias alimentares aqui existentes. No Verão e na Primavera um litro de água salgada recolhida nestes ecossistemas chega a conter mais de um milhão de células vegetais, fundamentalmente diatomáceas e fitoflagelados.

O sapal de Corroios, com 55 hectares de superfície, produz em média 350 toneladas de biomassa por ano. Foi neste sapal, onde se encontraram todas as condições físicas, biológicas e ambientais propícias para a desova e crescimento de muitas espécies marinhas, que se instalaram nas últimas décadas actividades de piscicultura e aquicultura.

## **Viveiros de peixe de Corroios: o que são e como funcionam?**

Aproveitando a geomorfologia natural dos esteiros, braços de rio que

entram pela terra dentro, e construindo diques ou taludes o homem isolou da maré áreas de sapal que transformou em albufeiras. É pois nestas albufeiras artificiais cujas águas podem ser reguladas por sistemas de comportas ou portas de água, que o peixe entra, desova e cresce até atingir o tamanho de captura.

Os viveiros de Corroios assinalados no mapa anexo foram construídos em grande parte por homens que vieram do Ribatejo, quase sempre salineiros. Na ordem das dezenas com pás de madeira escavavam os lodaçais, transportavam à cabeça canastras com lama que amontoavam na construção dos diques ou taludes. Desta forma se retinham as águas em albufeira e se dava forma ao viveiro.

Duma maneira geral, estes taludes têm na base uma largura de cerca de 5 metros e de altura 3 a 4 metros sendo aproveitados como caminhos de vigilância e de trabalho.

Para poder pôr em contacto a albufeira do viveiro com o esteiro adjacente, foram implantadas comportas nos taludes. Cada comporta é constituída por um sistema de três portas de água. A primeira, do lado de fora, em contacto com a maré, é maciça, estanque em madeira espessa. A segunda, a do meio, é de ferro e encontra-se perfurada homogeneamente com orifícios de

\* Professor efectivo da Esc. Sec. de Corroios.

pequeno diâmetro. Finalmente, a terceira, em contacto com a albufeira, é de rede em funil ou nassa com cinco a seis braços de comprido.

Para que a água e o peixe possam entrar no viveiro é necessário levantar, através de um sistema de roldanas, moitões, as duas portas de madeira e de ferro, entrando o peixe na enchente através da rede afunilada da terceira porta. Após ter entrado, o peixe vê dificultada a sua saída, pela configuração armadilhada da rede.

Para vaziar o viveiro ou pescar é necessário levantar as portas de madeira e de rede ficando a de ferro fechada. Desta forma a água sai pelos orifícios de pequeno diâmetro existentes nesta porta evitando a saída dos peixes de dimensões superiores e valor comercial.

Na altura da pescaria, que normalmente só se faz de ano a ano, a albufeira é quase completamente despejada durante 2 a 3 dias, até que se forma uma pequena charca no fundão junto da comporta. Enquanto neste fundão a profundidade média com albufeira cheia é de cerca de 4 metros na maior parte do viveiro essa profundidade não ultrapassa os 2 metros.

Uma vez os peixes concentrados na área extremamente reduzida do fundão, os pescadores fazem a pesca com redes de saco, num sistema de arrasto à mão, apanhando a quase totalidade dos peixes. Ficam sempre alguns exemplares, sobretudo os mais pequenos, para que seja no futuro dada continuidade à exploração.

### **O viveiro do Felisberto**

O viveiro assim conhecido instalou-se em Corroios, no sapal em frente da Quinta da Bomba e da Quinta Real do Alfeite no ano de 1945. Com uma área molhada de 17 hectares, foi seu construtor e dono inicial Gabriel Pedro. Neste momento inexplorado, possuía 5 comportas, uma das quais dupla, e um

talude a marginá-lo com um comprimento da ordem dos 1500 metros. Era considerado um dos maiores, se não o maior, do estuário do Tejo.

A sua última pescaria realizou-se no ano de 1974 tendo-se nessa altura capturado 7 toneladas de enguias vendidas então a 25 escudos/quilograma, grandes quantidades também de douradas e robalos vendidos a 50 escudos/quilograma e ainda abundantes tainhas a 10 escudos/quilograma. Normalmente este peixe era exportado.

— Este viveiro encontra-se hoje muito danificado e assoreado, tendo uma das comportas principais cedido há já alguns anos, o que deu origem à formação de um grande rombo no dique, num dos extremos do viveiro. Depois que deixou de ter vigilância, o viveiro foi-se degradando de tal forma que a própria casa do guarda e das redes se encontra arrombada e despojada dos seus apetrechos.

Há pouco tempo registou-se uma tentativa de recuperação deste viveiro com desassoreamento de valas e movimentações de terras, utilizando fundos ao que parece da Comunidade Económica Europeia. Entretanto os trabalhos pararam desconhecendo-se agora o seu futuro.

### **O viveiro do Capilé**

Assim conhecido, o outro viveiro de Corroios, mais pequeno que o anterior, possui 8 hectares e meio de área molhada e ainda se encontra em exploração.

Construído no ano de 1959, encontra-se situado entre a Quinta do Castelo e a Quinta da Princesa, tendo no seu extremo sul, lugar de Santa Marta, o antigo portinho do Carrasco.

Embora normalmente conhecido pela alcunha do seu proprietário, Capilé, tem como nome de registo Esperança e é pertença de Domingos Nobre.

Trinta valadores oriundos de Alcochete

e Samouco foram os obreiros dos cerca de 100 metros de diques e da comporta existentes neste viveiro. Estando hoje muito assoreado, luta sobretudo contra as más condições sanitárias das águas do Tejo.

No início da sua exploração, há quase 30 anos, neste viveiro se pescava anualmente na ordem das 5 toneladas de enguias, centenas largas de quilos de robalos, linguados e douradas, além das tainhas. Todo o peixe apanhado era posteriormente exportado para Itália.

Nos últimos anos, apesar da sua teimosia em manter o viveiro a trabalhar por amor à arte, Domingos Nobre tem visto as suas pescarias diminuírem cada vez mais, quer em quantidade quer em variedade de espécies.

Na última captura efectuada em Janeiro de 1988, grande parte dos peixes morreram por asfixia, devido à eutrofização das águas, com total

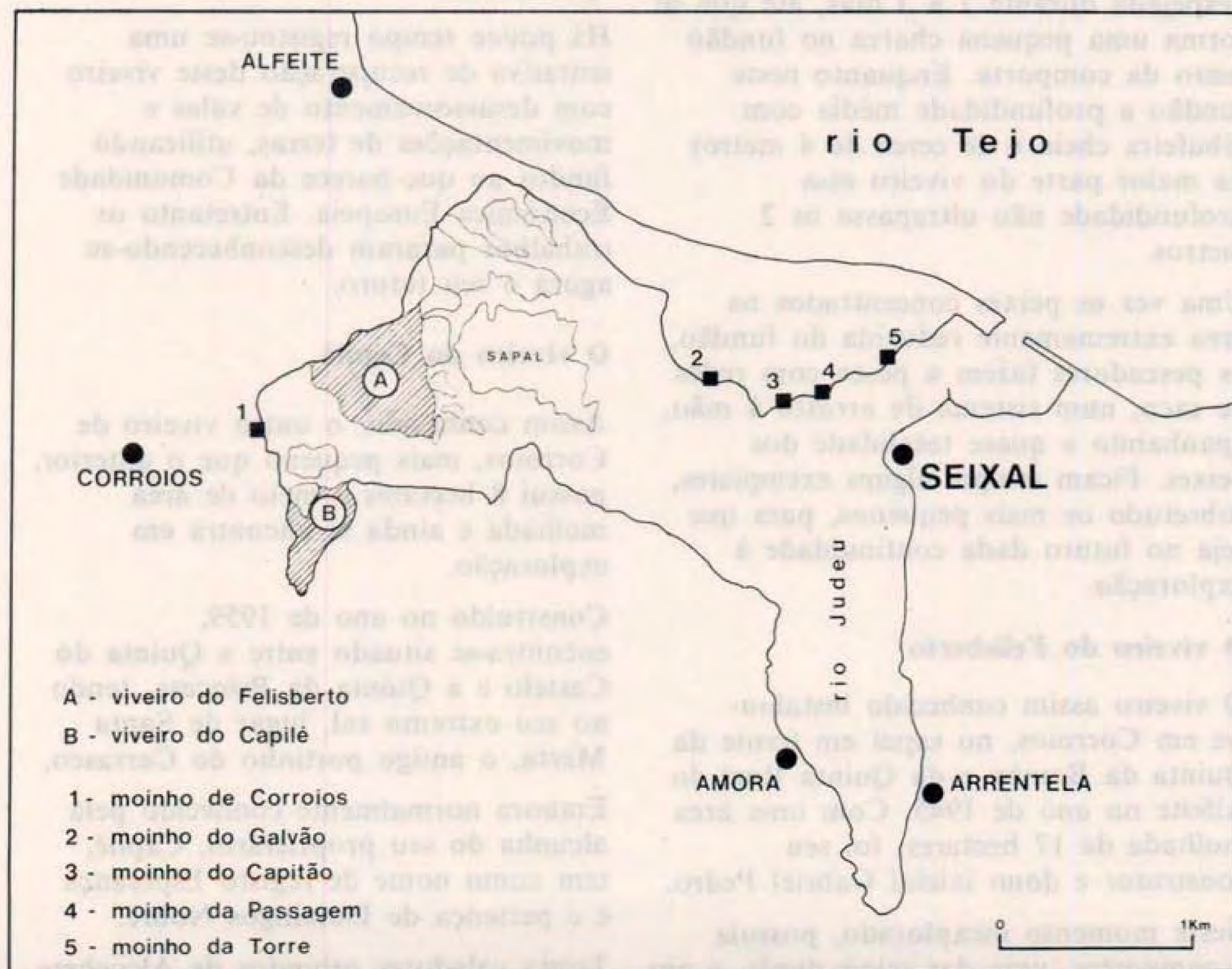
desoxigenação das mesmas e concentração acentuada de produtos tóxicos.

### Pesca nas caldeiras dos moinhos de maré

Não funcionando propriamente como viveiros, as caldeiras dos moinhos de maré, pela sua configuração, proporcionavam boas condições de pesca. Esta era feita com redes de cerco ou tapa-esteiros.

Quando a maré enchia, trazendo consigo a fauna piscícola, já se encontrava montado dentro da caldeira um sistema de varas enterradas no lodo, nas quais se atavam redes pousadas no fundo.

Na maré vazia, quando a água da caldeira se escoava accionando os rodízios do moinho, as redes eram levantadas e o peixe, descendo ao sabor da vazante, embatia nestas, ficando metido no lodo; seguia-se a sua apanha



à mão e com a ajuda de foices para dentro de canastras ou baldes.

Neste caso, a caldeira do moinho funcionava não como viveiro, mas sim como acidente topográfico favorável à montagem deste tipo de redes, podendo inclusivamente esta pesca ser feita diariamente.

Era conhecido por Zé do Carrasco um dos pescadores que desta forma pescava na caldeira do moinho de maré de Corroios.

### **Piscicultura e aquicultura: que futuro em Corroios?**

Já lá vão os tempos em que nos viveiros do Tejo se apanhavam grandes quantidades e variedade de peixes.

Na região de Corroios onde a poluição muito se tem agravado devido à própria configuração do esteiro e correntes inerentes, deixou de aparecer o xarroco, a dourada, o choco, a corvina, o linguado e até mesmo o robalo ultimamente. Só a tainha e a enguia vão resistindo a tão más condições sanitárias das águas, e das toneladas de peixe outrora pescado passou-se agora às dezenas de quilogramas.

Responsáveis em geral por esta situação são todas as indústrias envolventes do estuário do Tejo, Lisnave, Quimigal, Siderurgia Nacional, Soda Póvoa e outras, assim como toda uma população da área da grande Lisboa produtora sobretudo de detritos orgânicos eliminados pelos efluentes domésticos.

Em particular, um aumento da população na área limítrofe de Corroios assim como o ressurgimento do seu parque industrial têm contribuído para agravar tal situação.

Segundo se queixam os pescadores e proprietários dos viveiros, parece constituir um caso especial nessa zona os produtos libertados pelos efluentes industriais da Sociedade Portuguesa de Explosivos Lda. em Santa Marta de Corroios. Eliminando produtos ácidos de cor avermelhada extremamente tóxicos,



**Comporta escoando a água do viveiro**

parece ser a responsável pela morte das próprias tainhas, que chegam a aparecer sucumbidas nas margens, apesar de toda a sua resistência à poluição marinha.

Para combater tal situação, tem a Câmara Municipal do Seixal em marcha o seu plano geral de saneamento. Deste faz parte, entre muitas obras já começadas, um projecto de tratamento de águas residuais para todo o esteiro de Corroios, com a construção da E.T.A.R. da Quinta da Bomba, obra intermunicipal que servirá uma população superior a 200 000 habitantes e custará 500 000 contos.

Muitas esperanças se depositam nesta obra que poderá, em termos de impacte ambiental, melhorar 10 vezes as condições agora existentes. Se, por outro lado, ainda pudermos contar com atitudes idênticas por parte de outros municípios ribeirinhos do Tejo, assistiremos concerteza num futuro próximo ao relançamento da piscicultura e aquicultura em Corroios e em muitas outras zonas do estuário.



Pesca no fundão do viveiro com arrasto de saco



O produto da pesca: tainhas, enguias e camarinhas



A escolha do peixe para dentro de xalavares



**Enguias que fogem das águas desoxigenadas**



**No lodo, a apanha do peixe à mão**

**NOTA: As fotografias foram tiradas pelo professor Manuel Lima, em Corroios, no viveiro do senhor Domingos Nobre, conhecido por Capilé (Janeiro de 1988)**



# Animação cultural



# CENTRO COMUNITÁRIO DA QUINTA DO CONDE -

## Uma experiência de desenvolvimento comunitário

*Robertina Pereira Pinela\**

Caracterizado pela sua heterogeneidade, a população da Quinta do Conde, na sua maioria migrante, encontra-se culturalmente desenraizada, factor preponderante a considerar quando se pretendem colmatar as inúmeras carências sentidas por aquele aglomerado populacional.

A dinamização cultural dos diferentes grupos populacionais ali residentes, dos quais se evidenciam os jovens e os idosos, passa por um processo global de desenvolvimento que os leve à participação activa na vida social e comunitária da freguesia, condição necessária para que aquela zona tradicionalmente de "clandestinos", com todas as carências que lhe são inerentes, se transforme numa comunidade onde todos se sintam integrados e solidários independentemente das diferenças culturais, de proveniência e de estrato social, onde todos se sintam comprometidos no seu processo de desenvolvimento socio-económico.

Partindo dessa premissa a Câmara Municipal de Sesimbra encetou um projecto de desenvolvimento comunitário a partir de um grupo informal de reformados que, constituído inicialmente por 10 elementos, solicitou o apoio da Câmara Municipal.

Este processo teve o seu início em Abril

de 1987 e foi dimensionado numa dupla perspectiva:

- Reforço e coesão do grupo informal;
- Dinamização da população idosa da Freguesia.

O primeiro objectivo pressupôs uma metodologia que passou na sua essência pela organização interna do grupo e consequente coesão em torno dos objectivos, definidos claramente e que apontaram para a criação de um estatuto legal que lhes permitisse a sua autonomização e que os tornasse parceiros legais de outras instituições.

A passagem deste grupo informal a instituição de cariz associativo denominada "Centro Comunitário da Quinta do Conde" e cujo objectivo é assim definido: "(...) cooperar no apoio à terceira idade, na educação e ocupação das crianças e jovens (...)", deu-se em Novembro de 1987.

Simultaneamente à 1.<sup>a</sup> fase do trabalho com este Grupo, estruturou-se a criação de um espaço físico que seria o suporte das necessárias acções (meios/fins) para se atingir a 2.<sup>a</sup> perspectiva do processo — a dinamização dos Idosos da freguesia.

É neste sentido que a Câmara Municipal disponibiliza um pavilhão pré-fabricado para o Centro Comunitário, implantado em terreno cedido igualmente pela

\* *Técnica de Serviço Social da Câmara Municipal de Sesimbra.*

Autarquia enquanto se ultima o projecto arquitectónico.

Neste momento, o grupo estatutariamente designado Comissão Instaladora do Centro Comunitário da Quinta do Conde, depois de ter realizado 3 passeios e 2 festas-convívio, elabora o seu plano de actividades, estruturado em termos de acção/tempo/recursos, de modo a obterem da comunidade o seu reconhecimento enquanto instituição, o vínculo necessário que lhes permita

responder às crescentes necessidades daquele grupo populacional, tornando-se o polo dinamizador de acções de animação e ocupação de tempos livres, e reivindicarem junto das entidades competentes o seu campo de actuação.

Fomentar e reforçar o associativismo, apostar na real capacidade de participação daquela comunidade foi o desafio que a Autarquia a si mesma colocou e o Grupo aprendeu colectivamente a crescer.

## A BIBLIOTECA E A COMUNIDADE -

### A urgência de uma relação diferente

Vera Silva\*

Falar de bibliotecas no Distrito de Setúbal é uma questão com actualidade. O reconhecimento das bibliotecas como serviços públicos de utilidade social, foi genericamente e até há pouco tempo marginal ou praticamente inexistente. A nível do Poder Central a preocupação e vontade de intervenção efectiva, assumindo finalmente a sua quota de responsabilidade nesta área, data de há dois anos, com o projecto da rede de bibliotecas de leitura pública. As bibliotecas projectadas para o Distrito neste programa de cooperação entre as autarquias locais e a SEC (a par de iniciativas de estrita responsabilidade municipal) não podem ser dissociados do dinamismo e da relevância do trabalho que neste campo as Câmaras têm vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos, fazendo globalmente do Distrito de Setúbal uma das zonas do país em que a acção das bibliotecas públicas alcançou um papel relevante no quadro nacional.

Apesar das condições que felizmente agora surgem, as fases de desenvolvimento deste projecto não podem passar só pela implantação de infra-estruturas (espaço, equipamento), mas também pela ampliação e diversificação dos serviços prestados adequando-os às necessidades e expectativas da população nos âmbitos cultural, informativo, educativo e de

lazer e que são afinal os objectivos das bibliotecas públicas.

Mas como fazer a tradução lógica destes objectivos para o campo da aplicação prática, da acção efectiva?

Não obstante a importância da definição dos grandes objectivos que se impõem às bibliotecas e que não geram à partida "discussão", para a concretização da sua finalidade dirigida à totalidade da população deve-se partir do pressuposto de que para além dos princípios gerais não há uma "receita", uma atitude certa para as bibliotecas estarem na comunidade, o que terá de haver de facto são atitudes certas para cada biblioteca estar com a comunidade.

Cada concelho tem um ambiente próprio, o seu "clima psicológico" que tem a ver com a sua história, localização, população, necessidades específicas. Este "clima" tem de ser tomado em consideração na definição da política cultural e informativa de cada município e, por sua vez, expressar-se e reflectir-se também no trabalho desenvolvido pelas bibliotecas que cada vez menos são apenas os edifícios, as colecções de livros. Muito do que existe na biblioteca é resultado do que existe fora dela, no seu "ambiente". Serviços não-centrados, adaptados ao meio onde desenvolvem a sua acção poderão afirmar-se de uma forma positiva junto da população.

Os equipamentos agora projectados e em

\* *Bibliotecária da Câmara Municipal do Seixal.*

construção, onde se instalarão as novas bibliotecas, a adopção de princípios técnicos de tratamento documental, não alterarão por si só a realidade da leitura pública nos nossos concelhos. A finalidade social das unidades de informação tem por objectivo último a difusão de informação. É sobretudo para este aspecto que precisamos de (re)pensar novas estratégias.

Apesar de se operar sobre um tipo específico de produto e mercado, a informação integra-se num circuito geral de qualquer mercadoria e o gestor da informação deve não só conhecer o mercado para que trabalha como explorar este conhecimento com o objectivo de delinear estratégias de acção concretas que assegurem uma maior eficácia, pois o pressuposto deste mercado é a existência de *informação relevante para os seus consumidores*.

Os nossos serviços, em termos de mercado, têm a particularidade de irem ao encontro de necessidades e satisfazerem uma procura apesar de funcionarem numa lógica de “não-mercado”, pois a filosofia em que assentam é de prestação de serviços absolutamente ou quase gratuitos. Apesar do alargamento dos contactos entre a biblioteca e as chamadas “indústrias culturais”, vigora o princípio de que os produtos tornados acessíveis pela biblioteca devem ser portos à disposição para consulta ou empréstimo, realizando uma economia de prestação de serviços e não de venda de um bem, não obstante o reconhecimento do valor económico da informação e dos seus reflexos na qualidade de ocupação do tempo de lazer, na satisfação de necessidades informativas básicas, na tomada de decisões, em alterações na produtividade e inovação.

Do universo dos nossos utilizadores-consumidores, fazem parte não só os que já frequentam a biblioteca, mas também todos os potenciais utentes, em última instância toda a população. Na planificação e desenvolvimento dos

serviços é de importância vital ter em consideração o universo dos utilizadores, de modo que a biblioteca possa, da melhor maneira, inserir-se na estrutura da comunidade a que pertence e nas redes de informação mais latas onde se enquadra.

Com a preocupação legítima de servir toda a população as bibliotecas poderão correr o risco de terem o aspecto de supermercados da informação (padronização/standardização). É necessário refazer o sistema de baixo para cima consultando a comunidade, estimulando-a a participar. Se esta não se sentir identificada com a biblioteca está-se a oferecer serviços sem substância e sem consistência, fornecendo o que *nós* julgamos que as pessoas precisam e que por vezes não corresponderá às necessidades que *elas* efectivamente têm. A biblioteca não deve ter uma atitude dirigista e impositiva. Os grupos de amigos da biblioteca, não têm por função serem um adorno mais ou menos passivo, só têm sentido se a sua constituição for heterogénea e se lhes garantir níveis de participação na co-gestão, consulta e diálogo, fazendo-os parte efectiva da estratégia organizacional da biblioteca. A acção das bibliotecas não diz só respeito aos bibliotecários mas também aos utilizadores. Uma biblioteca bem sucedida não pode assentar num funcionamento burocrático, centrado, com métodos e objectivos unilateralmente definidos.

Iniciativas de difusão da informação promovidas pela biblioteca ou que se dirijam pontualmente a um público cultural, etário e socialmente diversificado, ampliam o seu campo de intervenção social e rentabilizam a utilização dos seus serviços e produtos, contribuindo para um mais amplo aproveitamento dos seus recursos. O consumo de informação (depois de devidamente tratada) é o resultado tangível da exploração de um fundo documental que tem de ser feito de *determinada maneira*. Concretamente

para o Seixal, o nosso objectivo é prosseguir a estruturação de unidades informativas em interacção com o meio, desenvolvendo (e futuramente ampliado) actividades que realizem objectivos informativos e de fomento cultural requeridos pela comunidade, numa acção articulada e sistemática com as instituições locais, sem esquecer as necessidades específicas dos utilizadores enquanto indivíduos particulares. Se não conseguirmos estabelecer esta ligação dificilmente as nossas bibliotecas conseguirão ser de facto instituições públicas e democráticas e a sua acção continuará a circunscrever-se apenas à minoria que já recorre aos nossos serviços e a quem, com os novos meios, passaremos a servir melhor.

Nas suas funções, a biblioteca pode e deve ser dinamizadora de múltiplas actividades informativas e culturais a partir dos materiais de que dispõe. O alargamento do seu campo de intervenção passa pelo equilíbrio entre as actividades desenvolvidas a *nível interno* (técnicas convencionais de tratamento da informação, difusão — em que se inclui a organização de serviços de atendimento público) e a *nível externo* (actividades de difusão e de extensão realizadas fora do seu espaço, circuitos informativos e descentralizados para o livro e outro tipo de documentação). A biblioteca pode experimentar aqui a introdução de novas funções criativas e de divulgação da informação, quer enquadradas nas actividades específicas desenvolvidas pela biblioteca (circuitos do livro, bibliotecas estivais, conferências, exposições, novos métodos para a promoção e difusão dos fundos documentais) quer em cooperação com as desenvolvidas pelas estruturas culturais locais, nomeadamente a comunidade educativa (as bibliotecas escolares, concretamente, têm efectuado experiências particularmente interessantes em que os utilizadores não são apenas receptores mas também produtores de informação).

A biblioteca terá também de ser, na

comunidade, o elo que permanece para além da educação escolar tradicional. Apesar de ser evidente que a formação e necessidade de informação não se esgotam no término da vida escolar, antes permanecem para toda a vida, numa perspectiva de futuro em que se prevêem relações diferentes e menos definitivas no ciclo aprendizagem formal — vida activa — reforma, a biblioteca adquirirá necessariamente maior importância e deverá estruturar os seus serviços adequando-os a este novo quadro, em que o “encorajamento” à utilização das novas tecnologias da informação e ao consumo e uso efectivo da informação, será cada vez mais decisivo na vida dos sujeitos.

No Seixal temos tido algumas ideias, temos realizado algumas iniciativas, parte delas ainda com um carácter marcadamente experimental. As acções que temos vindo a desenvolver, apesar do seu interesse, possivelmente não serão a médio prazo suficientes, ou talvez até as necessárias. A comunicação e o diálogo visando melhores resultados são urgentes, sobretudo agora que vamos dispôr de meios mais eficazes. Para as bibliotecas do presente e do futuro será preciso conceber um novo ponto de partida para a definição de uma política informativa mais “agressiva”, adaptada no conjunto à evolução do mundo da informação e das necessidades cambiantes dos utentes. Não podemos operar com sucesso e eficácia se os serviços se mantiverem perspectivados de uma forma tradicional e inerte.

No futuro, vamos estar num distrito que poderá ser um referencial em termos de “tecido informativo” no panorama nacional. Vai ser mais importante ainda o desenvolvimento de sistemas de cooperação concelhios, distritais e nacionais e é nesta óptica que poderemos considerar interessante o trabalho que o grupo de bibliotecas ao nível da A.M.D.S. tem vindo a efectuar. A reflexão e discussão em comum dos problemas e objectivos comuns, a troca de experiências, a cooperação numa

efectiva valência plural são necessárias e urgentes, para que a biblioteca deixe de ser um lugar neutro para a população e passe a ter o rosto dos objectivos necessários que assume e concretiza.

Uma correcta interacção com o meio, o desenvolvimento de actividades que prossigam objectivos de fomento cultural requeridos pelas comunidades locais terão de ser metas a alcançar. A orientação a imprimir à análise e planificação dos conteúdos das actividades da biblioteca que englobem as facetas cultural, pedagógica, informativa e de lazer, deverão ser objecto de debate. É fundamental estabelecer uma acção articulada, activa

e permanente entre todas as instituições (centros culturais, museus, colectividades, bibliotecas, escolas, rádios e jornais locais) que, de uma forma ou outra participam no processo educacional e cultural da região. Como promover e fortalecer junto do público uma atitude de adesão e aceitação da biblioteca, criando receptividade aos seus serviços e à sua imagem, deverá ser uma preocupação e uma postura que podemos e devemos querer que nos esteja associada, pois as bibliotecas não serão só julgadas (já não são) segundo critérios tradicionais de estatísticas, números de empréstimos, dimensão das colecções, mas também pelo *impacto* que têm na vida da comunidade.



# O PROJECTO "HISTÓRIA AO VIVO" NA FORTALEZA DE S. FILIPE - SETÚBAL (Maio de 1988) - Experiência comunitária e solidariedade internacional

Ana Duarte \*

A Fortaleza de S. Filipe foi, durante o mês de Maio de 1988, cenário de um projecto pedagógico denominado "História ao Vivo". Estes projectos, nascidos em Inglaterra por iniciativa do Departamento de Educação do Condado de Suffolk e do English Heritage, contam já com várias experiências neste país e no Brasil. Trata-se de vivenciar aspectos históricos relevantes da história nacional ou local dos países que organizam o projecto. Em Portugal e mais propriamente em Setúbal foi escolhida a *Fortaleza de S. Filipe* para ser pano de fundo da vivência do dia 16 de Dezembro de 1640. Foi a Câmara Municipal de Setúbal que, através do Museu de Setúbal, tomou a seu cargo a realização deste projecto, contando com a colaboração das escolas do concelho, da Escola Superior de Educação, do British Council, da APOM, da Região de Turismo de Setúbal, do Teatro de Animação de Setúbal e da Academia de Dança Contemporânea, e com variadíssimos apoios: R.N., G.N.R., Cootset, Panificadores Reunidos, etc.

O que é o dia "16 de Dezembro de 1640" na Fortaleza de S. Filipe? Como se organizaram as escolas? Qual foi o papel da entidade responsável?

Tentaremos relatar o que aconteceu durante o mês de Maio na Fortaleza,

respondendo às três questões acima formuladas. A Fortaleza de S. Filipe foi construída no tempo de Filipe II, pelo arquitecto Filipe Terzi e acabada por Leonardo Torriano. A sua construção ficou mais a dever a uma atitude preventiva e defensiva dos Castelhanos contra as gentes da vila de Setúbal do que das necessidades de vigilância da barra de Setúbal.

— *Porquê o dia 16 de Dezembro de 1640, na Fortaleza de S. Filipe?* 1.º — O dia 16 de Dezembro de 1640, dois dias após a rendição da Fortaleza, às tropas afectas a D. João IV, é o dia escolhido para o desenrolar da acção. As crianças das escolas num número de cem por dia e durante um mês vêm vestidos de mulheres e homens do povo, acompanhados pelos seus professores, com igual trajar. À chegada são recebidos pelo Sargento-Mor, que num discurso patriótico e apelativo os exorta a trabalhar com vigor, na organização da Fortaleza, e nas várias actividades necessárias à elaboração e reconstituição da vida no Castelo. Distribuídos pelos vários ofícios, sem terem sido previamente escolhidos, os alunos são: soldados; carpinteiros; latoeiros; cesteiros; oleiros; cozinheiros; homens e mulheres da limpeza, bordadeiras de tapeçarias e bandeiras; vendedores e escribas. A meio da manhã chegam umas cignas que se misturam no meio da multidão e logo de seguida o Governador Gomes da Silva entra,

\* Responsável pelo Serviço de Extensão Cultural da Câmara Municipal de Setúbal e do Museu de Setúbal.

acompanhado por sua mulher, pelo Sargento-Mor, pelo Vereador da Câmara e por um alferes do exército. Aclamado pela multidão, ele assiste a uma demonstração de dança que as ciganas fazem em sua honra. Em seguida, o vereador primeiro, o Governador depois fazem os discursos respectivos. Após a retirada destas individualidades, os trabalhos são retomados sob a vigilância vigorosa dos mestres (monitores). Entretanto um mercador inglês aparece acompanhado por um *língua* (intérprete) cujo percurso é impedido prontamente pelos soldados. Este mercador pretende queixar-se ao Governador Gomes da Silva de um roubo de que foi alvo pelo Juíz da Alfândega de Setúbal. Gomes da Silva recebe-o e convida-o para ele jantar na Fortaleza prometendo que resolverá a situação. Entretanto as cozinheiras do Governador servem-lhe uma refeição de carne, pão e frutas, enquanto que as cozinheiras do povo servem aos trabalhadores sopa (seca), azeitonas, pão e fruta. Estes vêm com as suas malgas receber a comida e após o

jantar lavam os recipientes entregando-os às mulheres da limpeza que os arrumam na despensa iluminada a velas.

Gomes da Silva e sua esposa, após o jantar, observam o andamento dos trabalhos, incentivando-os. Entretanto, o Juíz da Alfândega é notificado pelo Governado para vir à Fortaleza trazendo consigo os livros de registos. O julgamento inicia-se então, provando-se que o mercador inglês foi enganado. O juíz é encerrado nas masmorras aguardando decisão de El-rei. A Sra. Gomes da Silva, de saúde débil, desfalece com as emoções do dia e o governador considera ainda não estarem reunidas as condições necessárias para ele e sua família residirem no Castelo; por isso resolve voltar à vila, despedindo-se do povo trabalhador e prometendo voltar.

#### Como se organizaram as escolas?

Desde Outubro que representantes das Escolas Preparatórias de Aranguês,



Bocage e Luísa Todi, Escolas Primárias e Escola Superior de Educação de Setúbal se reuniam no Museu de Setúbal com a coordenadora do Projecto, todas as segundas-feiras. Foi seleccionado material diverso, para que numa perspectiva interdisciplinar o séc. XVII fosse trabalhado nas escolas, garantindo a motivação desejada e criando nos alunos a expectativa de uma vivência da História, diferente do quotidiano escolar; sendo a Câmara Municipal de Setúbal a grande patrocinadora do projecto, este foi financiado por etapas e conforme as necessidades e os materiais necessários. Assim foram distribuídos pelas escolas tecidos, figurinos e moldes de trajes de mulheres e homens do povo, que as mães das crianças fizeram gratuitamente. Aos pais foi pedido que no dia em que as crianças fossem à Fortaleza levassem um lanche especial para de certo modo contribuírem para a refeição comum: azeitonas, ovo cozido, queijo e chouriço.

As escolas elaboraram exposições com trabalhos variados feitos pelos alunos participantes e recolheram minuciosamente os fatos já prontos entregando-os no Museu de Setúbal, local de partida para o Projecto. A Escola Superior de Educação de Setúbal através da sua coordenadora e dos seus formandos motivaram e organizaram os seus alunos do 10.º e 11.º anos de modo a participarem activamente no Projecto além de trabalharem o século XVII nas suas escolas.

### **Qual foi o papel da entidade responsável?**

A Câmara Municipal de Setúbal, através do Museu de Setúbal, contactou com os técnicos ingleses Patrick Redsell e Rory Kelsey, autores deste tipo de projectos, trouxe-os ao Encontro da Associação Portuguesa de Museologia, promoveu vários encontros com os professores da zona de Setúbal apresentando vídeos com as experiências de Inglaterra e do Brasil; organizou grupos de trabalho;

trouxe, num primeiro momento, o grupo de teatro "O Bando" com a peça "Afonso Henriques" a todas as escolas preparatórias da cidade como motivação do projecto a realizar, mostrando que se podia falar de História de uma forma lúdica.

No dia 1 de Dezembro de 1987 foi convidado o professor Doutor António Oliveira (Universidade de Coimbra) que falou dos diversos aspectos da Restauração de 1640 aos professores. Depois, vários ateliers de preparação foram feitos: latoaria, carpintaria, cestaria, olaria, tapeçaria, bordado de bandeiras, gastronomia do séc. XVII.

No final de Abril, o Coronel Melo Parente fez uma conferência sobre as fortalezas dos séculos XVI e XVII do nosso país, seguida de uma visita de estudo à Fortaleza de S. Filipe.

Comprámos os tecidos necessários para os fatos dos alunos, professores, artesãos, artistas do Teatro de Animação de Setúbal e bailarinas da Academia de Dança Contemporânea intervenientes no Projecto. Fizemos reuniões com os actores e bailarinas, plenários com professores para entrega de materiais e esclarecimentos necessários.

Contámos com uma equipa de investigação que recolheu elementos, no Fundo de Almeida Carvalho (A.D.S.), Torre do Tombo, Biblioteca Nacional e Arquivo da Alfândega de Lisboa, tendo sido também elaborados dois números do jornal "O Curioso de Setúbal" inteiramente dedicado a temas do século XVII, que foi distribuído pelas escolas participantes, Câmaras do País e Museus Nacionais, além de cartazes e folhetos descrevendo o Projecto.

Convidámos um cenografista conceituado neste domínio (Tito Celestino da Costa) que elaborou os figurinos e o décor necessários ao Projecto: cozinha do Governador, aposentos do mesmo e antecâmara, cozinha do povo, mercado, mesas e bancos de trabalho, materiais que foram manufacturados de propósito

pelos artesãos do Museu. O Museu do Trabalho cedeu-nos algumas peças do quotidiano popular que foram essenciais ao êxito do projecto. Tapámos o alcatrão do chão da Fortaleza com saibro, os fios da electricidade com gesso, e usámos um camuflado da Força Aérea para tapar os carros da água. Em suma, procurámos eliminar, dentro das nossas possibilidades, os vestígios do século XX no local da acção. Após a execução do cenário e escolhidos os locais de trabalho (nas cozinhas era feito lume no chão), conseguimos que a Câmara arranjasse com grande boa vontade um corredor por onde os turistas da Pousada de São Filipe passavam e assim não interrompiam constantemente o espaço da acção.

Organizámos todas as manhãs, na Cooperativa Cootset, a recolha dos legumes e frutas, com os Unidos Panificadores, o pão, com a Olaria Nova, o barro, com o Sr. José Gregório, a folha de flandres, com o cesteiro, o vime, etc. etc.. Ao entrar na Fortaleza a equipa do Museu tinha tarefas imediatas e assim rapidamente as crianças (trabalhadores) entravam em acção. Os transportes também estavam organizados com grande precisão: de manhã bem cedo um elemento do Museu com a carrinha dos bombeiros recolhia os víveres e levava-os ao Castelo. A R.N. e a carrinha da polícia, de manhã e à tarde, levavam o pessoal do Museu, as crianças, os professores e os actores. A meio da manhã a carrinha dos bombeiros levava as bailarinas e os restantes actores. No início da tarde a carrinha da Câmara levava outro actor. Ao regressar, as crianças despiam-se no Museu, e outra equipa organizava todos os fatos para o dia seguinte. Todos os fins-de-semana, os participantes do Museu no Projecto lavavam uma média de 120 fatos para garantir os preceitos mínimos de higiene. Uma exposição subordinada ao tema "Setúbal na época dos descobrimentos portugueses" percorreu as Escolas Preparatórias de Setúbal, durante o projecto.

Comparamos este trabalho ao da elaboração de um filme, quanto ao enredo, investigação, actores, apoio logístico, adereços, figurinos, cenografia, etc.. Com uma "pequena diferença": tudo tem que dar certo e na hora exacta e não apenas no écran...

À porta da Fortaleza era distribuída, por elementos do Museu vestidos à época, informação detalhada aos turistas e visitantes que das ameias assistiam às cenas, visto não poderem assistir no local onde decorria o Projecto.

No cômputo geral, consideramos que vários objectivos foram atingidos, entre os quais destacamos os seguintes:

- Desenvolver o espírito de investigação da história local e nacional.
- Estimular o gosto pela protecção do património local e nacional.
- Desenvolver aptidões em ofícios artesanais.
- Vivenciar momentos importantes da história local e nacional.
- Desenvolver a sociabilidade, trabalhando em grupo e permutando ajudas.
- Aceitar regras estipuladas para que o Projecto resultasse com êxito.
- Elaborar trabalhos a partir de estudos feitos sobre o século XVII, numa perspectiva interdisciplinar.

Todos os alunos foram distribuídos pelas tarefas no momento da chegada do Projecto. Crianças consideradas com mau comportamento eram muitas vezes soldados e isso permitia-lhes ter uma atitude diferente perante os outros: disciplinada, obediente e fazendo-se obedecer. A alunos tímidos ou extrovertidos foi pedido o mesmo: participar de igual modo e activamente. Ali não era o José, nem o Pedro, nem o número tal da turma tal, era

trabalhador que tinha de responder prontamente na tarefa que lhe era destinada. Os alunos que estavam na cozinha do Governador não assistiam ao que se passava na carpintaria, nem estes sabiam o que se passava nos aposentos do Governador, mas tal não interessava, porque mais tarde, na aula, todos testemunharão, todos falarão do que fizeram ou relatarão o que viram e resolverão o puzzle, *farão a síntese*. Aos momentos importantes (chegada do Governador e julgamento) todos assistiam, mas o cotidiano, as pequenas situações que cada grupo viveu, só ele sabe contar, e é juntando essas vivências que se fará o relato mais completo do

dia 16 de Dezembro de 1640 revivido em 1988. *Tal como os historiadores juntando informações daqui e dali, procurando em documentos variados, reflectindo sobre o material que possuem, podem fazer a síntese, estes alunos farão, à sua escala, forçosamente mais reduzida, e a posteriori, a sua "reflexão histórica" do dia 16 de Dezembro de 1640 no Castelo de S. Filipe.* Cheguem às conclusões que chegarem, há uma certeza que ninguém nos pode tirar: durante este mês de Maio, o dia que as crianças passaram na Fortaleza foi uma original e individualizada maneira de compreender a História e de entender o monumento.

## SESIMBRA E A SUA VOCAÇÃO TURÍSTICA

*Laura Reis Marques \**

Muito se tem escrito e falado acerca das belezas naturais com que Sesimbra foi dotada e sempre que se procura divulgar as suas potencialidades turísticas, refere-se o clima ameno, a afabilidade do seu povo, a importância do seu porto de pesca e a típica faina dos seus pescadores, o seu património histórico e paisagístico, mencionando os encantos da Serra da Arrábida e a imponência agreste do Cabo Espichel, as excepcionais condições que a Baía oferece para a prática de desportos náuticos, com destaque para a pesca grossa, enfim inúmeros atributos que a tornaram conhecida internacionalmente e preferida por muitos milhares de turistas nacionais e estrangeiros, das mais diversas origens.

Mas se nos detivermos na observação dos usos e costumes da gente de Sesimbra, descobrimos ainda outros atractivos, não menos importantes, todos eles identificando valores culturais que completam a bela imagem desta terra, cujas tradições seculares importa preservar.

Distribuídas ao longo do ano, as suas Festas tradicionais, que se iniciam com o Carnaval, seguindo-se a Festa das Chagas em Maio, os Santos Populares em Junho, S. Tiago em Julho e as Festas da Senhora da Luz e do Cabo

Espichel em Setembro, terminam em Dezembro com a romaria da Senhora de Alfarim, constituindo, umas, animadas manifestações populares, e outras, demonstrações de fé que revelam a índole religiosa deste povo.

Do programa do Festival do Mar, que há pouco terminou, referimos o Desfile Etnográfico realizado a 29 de Maio, no qual estiveram representadas várias artes de pesca e actividades rurais do Concelho de Sesimbra, num quadro vivo que pôs em confronto o passado e o presente desta laboriosa gente.

Também por se tratar de uma realização recente, se recorda ainda a animação com que os vários escalões etários da população local viveram as tradicionais Festas dos Santos Populares: as ruas e largos ornamentados com artísticos trabalhos executados em papel, numa notável revelação de arte e bom gosto, a alegria das Marchas com seus arcos e balões, contagiando com a sua música velhos e novos que aqui e além se foram integrando no desfile e ainda o convidativo odor e sabor dos petiscos da época, pondo em realce a gastronomia de Sesimbra, que também constitui forte motivo de atracção turística.

Nesta área, tem vindo a Câmara Municipal, em colaboração com a dinâmica Comissão para o Desenvolvimento Turístico e Gastronómico do Concelho, a promover

\* *Técnica de Turismo da Câmara Municipal de Sesimbra.*



Festas dos Santos Populares



Festa do Peixe e do Marisco

três importantes acções ao longo do ano, nos meses em que a presença de turistas ainda é reduzida.

Este ano foi já realizada, entre 19 e 27 de Março, a Festa do Peixe e do Marisco, com a participação de 30 restaurantes em cujas ementas constaram pratos de tipo caseiro, confeccionados com as mais variadas espécies de peixe e marisco que abundam nesta costa. Ao delicioso paladar dos bons pratos, misturou-se a animação de Ranchos e Filarmónicas, em autêntico ambiente de Festa Popular.

As caldeiradas de Sesimbra, também famosas, estiveram em destaque no passado mês de Junho, nas Festas dos Santos Populares atrás referidas.

É, porém, o espadarte o verdadeiro “ex-libris” da gastronomia local. De sabor muito agradável e de fácil aproveitamento, a sua pele cor de chumbo protege uma carne rosada e macia isenta de espinhas.

A qualidade e diversidade de confecções

deste peixe delicioso, serão apresentadas entre 1 e 9 de Outubro, na denominada “Semana do Espadarte”, durante a qual os hábeis mestres da cozinha sesimbrense irão prepará-lo primorosamente, de modo a deliciar os seus mais exigentes apreciadores.

Nesta breve análise da vocação turística de Sesimbra, importa acrescentar que a Câmara Municipal, consciente de que o TURISMO é uma das mais importantes actividades socio-económicas deste concelho, está atenta às necessidades de formar bons profissionais para o sector, pelo que vem investindo na realização de cursos de formação para os trabalhadores da hotelaria local, nas áreas de bar, mesas e cozinha, proporcionando ainda aulas de inglês.

Em conclusão, podemos afirmar que Sesimbra, que alguém já chamou de “Pérola da Costa Azul”, reúne todas as condições para oferecer aos seus visitantes umas férias agradáveis e repousantes.

## RETALHOS DUM QUOTIDIANO AINDA PRÓXIMO

Maria José Dias \*

Alfabetização, troca de conhecimentos entre os vários elementos de um grupo indiferente ao nível cultural de cada um.

Alfabetização, fonte mais antiga onde os mais novos matam a sua sede.

E pode acontecer, como aconteceu, este diálogo rico de sabor humano, de sofrimento vivido, de dor contida que brota espontânea no convívio são de um grupo que já é uma família!

A propósito de transportes...

Esta carreira fluvial de que o texto fala, foi retirada por burrice do povo alcochetano, segundo se diz!

— Se fosse agora, não o “tiravam” de cá.

— A minha opinião, é a que eu disse quando me perguntaram... O barco, não faz cá falta nenhuma. Quando quero ir a Lisboa, meto-me no autocarro e vou apanhar o barco ao Montijo. Um barco que só levava meia dúzia de pessoas!...

— Parece-me que não foi a opinião mais acertada. Afinal a terra ficou mais pobre no sentido de transportes! Por pouca gente que utilizasse o barco nessa época, era vosso.

— Há outras coisas que fizeram mais falta... Olhe, a senhora ainda há-de ver

aquele pontão, que é uma coisa bonita e que faz falta à gente para os nossos barcos, cair todo e ninguém o reparar.

— Mas isso pertence ao Porto de Lisboa!

— Mas o Porto de Lisboa é que já deu autorização à Câmara para o arranjar e nada.

— Se assim é, o que duvido que esteja bem contado, é pena que o seja, mas, isso não vai diminuir o valor do barco que vocês deixaram fugir!

— Não era nosso, era um Cacilheiro!

— Mesmo assim, não era o barco mas era a carreira, e lá porque nós somos só cinco agora lá em casa, não vamos deixar que a sexta cadeira seja usurpada pelo vizinho do lado com a desculpa que nunca nos fará falta!

— Eu estou de acordo com o que a senhora diz. O barco devia ficar. E não era tão bonito ver o rio como era dantes, cheio de barcos com velas? “Retirarem” tudo à gente... Esta gente do Porto de Lisboa não presta para nada, não faz nem deixa fazer!

— Calcule a senhora que no Verão, quando andávamos a recolher o lixo na praia... que as raparigas dos tempos livres limpavam, apareceu lá um tipo todo inchado, com uma chapa no peito que dizia Porto de Lisboa, veio perguntar-me quem era o responsável por aquel trabalho, e eu respondi que era eu.

\* Trabalho elaborado no curso de alfabetização orientado pela Coordenadora Concelhia da Moita — Professora Maria José Dias.

Sabe o que ele me disse?

Que me metesse no que era meu, que ali quem mandava era ele e eu não tinha nada que andar ali a limpar.

— Até aquele rapaz que tem ali aquela barraquinha de “boídas”, no Verão, para limpar uns metros ali à volta, teve que pagar uma quantidade de contos! — Gatunos! Até para limpar é preciso pagar!

— Pois é, mas se fosse agora não levavam o barco.

A luz faltou, não se podia continuar a leitura do texto e o grupo, já aquecido pela conversa do barco, começou a invocar a época triste, passada em Alcochete, na altura da greve dos salineiros!

— Eu era novita quando se deu este acontecimento, o meu pai também trabalhava nas marinhas, mas vivíamos numa extrema do concelho e, pouco desperta para o problema, pouco me apercebi do desenrolar dos acontecimentos. Não perdi a oportunidade de os pôr a falar.

— Também me lembro disso, mas o que soube foi muito pouco, recordo-me da minha mãe que recomendava ao meu pai que não abrisse a boca no trabalho, nem na taberna, pois a viuvinha ou a Mitra, como chamavam à carrinha da PIDE, todas as noites parava nas redondezas e em Alcochete já muita gente tinha sido presa.

As palavras brotaram... entrechocavam-se... todos queriam falar ao mesmo tempo! Dois alentejanos no grupo, escutavam calados. Os outros iam dizendo:

— A senhora não calcula: era uma tristeza! Os homens tinham medo de vir a casa, as mulheres tinham medo de abrir as portas quando alguém batia.

Eu lembro-me de andar escondido nas vinhas, debaixo das cepas... quando algum se mexia, já pensávamos que eram eles que vinham prender a gente, e afinal eram outros a esconderem-se também!

— Que idade tinhas tu? Já eras homem?

— Tinha os meus dezasseis anos, o meu irmão é que era mais velho.

— Eu estive três meses sem vir a casa.

— O senhor também trabalhava nas marinhas, senhor Carlos?

— Trabalhei sempre... Até vir para os serviços da Câmara. Naquele dia vinha a chegar a casa e “dezeram-me”: “Foge, que anda aí a Pide a prender neles”. Eu arranjei uma sandes de torresmos para comer pelo caminho, fui direito ao Montijo para apanhar o barco do Montijo para Lisboa, às cinco horas.

Quando lá cheguei, tinha o barco acabado de partir. Entrei na taberna do Caracol, não sei se a senhora conhece, puz-me a comer o pão, e ia pedir o copo de vinho, olhei para a portas e a carrinha do Falcate a parar; misturei-me no grupo que lá estava, despercebidamente... estavam a cozer caracóis e eu quando pude saí, fui apanhar o outro barco para Lisboa.

Em Lisboa fui a pé até aos Olivais.

Quando lá cheguei e contei o passado, “recolheram-me” e fiquei sempre com eles. Dormia numa barcaça e um dia “vierem” ter comigo e “dezerem-me”: “ó Alcochete, queres ir trabalhar com a gente p’ra estiva descarregar um barco de algodão em rama”? Ainda me lembro do que foi o meu almoço! Dobrada com feijão branco!

— Não te “havia” de lembrar, um almoço desses!

— Mas quem era essa gente, senhor Carlos? O senhor já os conhecia!... Mas donde?

— Daqui. Eram camaradas nossos pescadores que viviam lá! Passei o resto do tempo a trabalhar com eles, ia sempre ao camarão, cheguei a andar com 1 000\$00 na algibeira! Comi sempre com eles e nunca me descontaram nem um tostão! O cozinheiro era um “grande Homem”, com muitos cabelos no peito, parecia

uma porco espinho, mas dizia sempre: "Aqui há sempre comer para a gente"!

— Mas os Olivais, nessa altura, era uma zona muito pobre, onde viviam?

— Dentro dos barcos. Vivíamos todos lá. Só quando chegou a Festa do Barrete Verde é que foi muito triste, ainda sinto esta tristeza e as lágrimas a virem cá dentro. O pessoal veio todo para a festa e eu tive medo, fiquei lá; mas a minha mulher foi lá e levou duas galinhas e passou-se. Quando ela "veio-se" embora, eu não aguentei e sem ela saber, vim também e ainda cheguei a casa primeiro que ela, vim pelo Barreiro. Quando cheguei a casa e bati à porta, a minha madrasta ainda teve medo de abrir, só quando eu falei e ela conheceu a voz, é que então lá abriu a porta.

— Mas, como é que tudo isto acalmou, depois dessas peripécias todas?

Respondeu-me um outro, uma resposta que eu considero como maravilhosa e rica de sentido:

— Acalmou... Porque houve gente a dizer a essa gente que a gente não era dessas coisas!

— Eh pá, foi o Dr. Helmano!

— O Dr. Helmano? "Atão" tu nunca ouviste dizer aos outros que o Dr. Helmano, lá dentro, mudava de farpela e dava porrada como os outros?

— Quem era o Dr. Helmano?

— Era um pirata, era o Presidente da Câmara, mas havia mais: o Leites, esse nunca mais aqui parou, quando foi o 25 de Abril, ali naquela casinha ao lado da escola, estava cheia de papelada da Pide, ele era informador e acusou um camarada nosso que era comunista, e foi preso, o Chico Floreano.

— E o Falcate, como era?

— Era homem mau! Sabe como é que ele fazia para obrigar a confessar, às vezes até "confessavam" o que não faziam... Punha-os de joelhos em cima de uma vassoura deitada no chão a

fazê-la rolar e quando iam ao chão, vá de pontapé.

— Havia também os guardas das fazendas que tinham muito má fama. Lembram-se de um chamado Isidro?

— Esses? Às crianças é que faziam pior!

Foi a vez de um dos alentejanos contar um caso passado em Mora, com uma criança que andava à "boleta", para a mãe vender a fim de comprar pão. Este caso não o narro aqui por me ser muito penoso pensar nele e ainda mais descrevê-lo. — Mas essa gente não tinha medo? Eles iam para velhos e as crianças cresciam cheias de ódio por eles!

— Eles nunca pensaram, minha senhora, eles tinham o poder nas mãos e nunca pensaram que isto desse esta volta.

Alguns até morreram de desgosto! E os que ainda há, que a gente conhece-os, (seguiram-se alguns nomes) vivem remoendo.

— Olhe, quer ver a senhora, eu comprei um barquito para a pesca por 300\$00 a um homenzinho lá daquele lado. O Falcate meteu-me a mim e à minha mulher um dia inteiro num quarto, sem comer nem beber, para a gente confessar onde tinha ido buscar o dinheiro!

— Vá lá, ainda os pôs os dois juntos!

— A gente ia buscar o *comerzinho* à mãe do Zé Boieiro que era uma mãe aí para a malta toda, só pagávamos quando tínhamos, e eu pedi aqueles 300 mil réis emprestados a uma família minha amiga, e o malandro queria é que eu confessasse que os tinha roubado.

— Gente má!...

— "Atão", quando eles prendiam as pessoas, não olhavam a nada. Ao pai do Joaquim Boieiro, um velho de mais de 70 anos, perguntaram-lhe assim: "Seu velho ordinário, porque é que não foi trabalhar"? E ele respondeu: "O quê, são horas de ir almoçar"?

— "Arma-te em esperto que levas um murro que te parto os cornos"! e ele —

“Vou buscar a cabaça do vinho”? A outros era “seu cara de vaca”, “seu velho dum cabrão” (a senhora desculpe). — À vontade.

Já passava da hora de terminar a aula...

A luz tinha voltado e nós não nos tínhamos apercebido! Chovia lá fora...

Abençoada chuva que tinha feito faltar a luz!

Aproveitei algumas frases da conversa e expliquei-lhes que umas eram do tipo interrogativo, outras informativas afirmativas, outras informativas negativas, outras ainda imperativas e nem me esqueci das exclamativas!!!!!!!

# PASSAPORTE CULTURAL - UM PASSE PARA A CULTURA, O DESPORTO E OS TEMPOS LIVRES

A. M.

“Da vasta gama de iniciativas, a cultura, considerada de um modo vasto, e a juventude ocupam lugar de destaque no Plano de Actividades da Associação para 1988, o que reflecte a sensibilidade dos eleitos do nosso distrito que, otimizando recursos humanos e materiais, apostam no saber dos técnicos, das novas tecnologias, no movimento associativo, de modo a serem criadas cada vez mais condições para o incentivo à criatividade e à inovação”

EUFRÁZIO FILIPE  
Presidente da AMDS

\*  
\* \*

Concretizando esta orientação foi lançado no segundo semestre deste ano, o PASSAPORTE CULTURAL INTERJOVEM, uma iniciativa das Câmaras Municipais de Alcácer do Sal, Alcochete, Almada, Barreiro, Grândola, Moita, Palmela, Santiago do Cacém, Seixal, Sesimbra e Sines, agrupadas na Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal, que visa promover e facilitar aos jovens o acesso à cultura, ao desporto e aos tempos livres.

Com a emissão do PASSAPORTE CULTURAL é entregue um *Guia* que contém uma selecção de algumas iniciativas autárquicas, a listagem das entidades aderentes e contributos que

concedem, e ainda um *Roteiro Cultural* do Distrito com informações úteis sobre Museus, Bibliotecas, Teatros, Cinemas, Galerias de Arte, Festivais, Festas, Feiras e Romarias, a partir do qual o jovem poderá organizar os seus próprios programas.

O PASSAPORTE CULTURAL não se distingue em relação a iniciativas congéneres já existentes tão só por ser mais específico nas vantagens que concede, dirigido, como é, para a cultura, o desporto e os tempos livres.

Constitui, no desenvolvimento pleno do projecto, um estímulo à criatividade, à participação e à inserção plena na vida da comunidade. Essa dimensão é-lhe conferida pelas numerosas actividades desenvolvidas pelas Câmaras Municipais no campo da animação cultural, acções e cursos de formação, campos de trabalho e desporto, e sobretudo pela nova atitude que começa a emergir claramente da actuação das autarquias do Distrito de Setúbal: o PASSAPORTE CULTURAL constituirá, a partir de agora, um meio privilegiado de diálogo entre os jovens e o Poder Local.


O PASSAPORTE CULTURAL faz parte integrante do *Projecto Interjovem* que se propõe criar, a curto prazo, uma rede de Casas de Juventude e Centros de Informação e Assessoria Juvenil,

intensificar o auxílio à difusão cultural, promover acções que informem e preparem para as novas profissões.

O *Projecto Interjovem* visa, enfim,

proporcionar aos jovens uma livre e plena integração na vida social activa, apoiando o associativismo juvenil e estimulando por todas as formas a sua participação na sociedade.

**JOVEM**



**P.A.S.S.A.P.O.R.T.E  
CULTURAL**

e agora vamos viajar à volta da

*Cultura  
Desporto  
Tempos Livres*

**JOVEM**



**P.A.S.S.A.P.O.R.T.E  
CULTURAL**

e agora vamos viajar à volta da

*Cultura Desporto Tempos Livres*

PROJECTO  
**INTERJOVEM\***

\* Para jovens «viajantes» dos 14 aos 26 anos

**JOVEM**



**P.A.S.S.A.P.O.R.T.E  
CULTURAL**

e agora vamos viajar à volta da...

Se tens entre 14 e 26 anos, se resides no distrito de Setúbal ou estás apenas de passagem, podes e partir de hoje obter o teu PASSAPORTE CULTURAL, junto dos Gabinetes Jovens das Câmaras Municipais.\*

Receberás um Guia com algumas iniciativas autárquicas especiais para jovens e um Roteiro Cultural do Distrito que ensina como «viajar» através de Museus, Bibliotecas, Teatros, Cinemas, Galerias de Arte, Festivais, Festas, Feiras e Romarias, no distrito de Setúbal de lé-a-lé...

Com o PASSAPORTE CULTURAL na mão (basta a tua fotografia e apenas 300\$00) podes organizar os teus próprios programas, beneficiando, ainda, de apreciáveis descontos em alojamentos de férias junto a magníficas praias da região... e condições excepcionais na prática de desporto no complexo turístico de TRÓIA.

Não percas tempo, utiliza os teus tempos livres!

**PASSAPORTE CULTURAL — uma viagem sem paragem**

\* Alcácer do Sal • Alcochete • Almada • Barreira • Grândola  
Moita • Palmela • Santiago do Cacém • Seixal • Sesimbra • Sines

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

PROJECTO  
**INTERJOVEM**  
pela difusão cultural  
pela formação profissional

# Artes e Letras



## UMA RELAÇÃO EPISTOLAR INÉDITA

Mário Vieira\*

O património cultural de uma terra (Município) não se manifesta somente em suas riquezas naturais, nem nos vestígios de um passado histórico, mas se firma, também, como herança cultural, nas raízes étnicas e regionais do seu agregado humano e no *relacionamento* dos seus cidadãos com o ambiente externo, ultrapassando, desse modo, o restrito círculo do meio social em que estão inseridos em sua comunidade. Assim, quando o Homem consegue transpôr essa barreira vivencial através do seu relacionamento está, indirectamente, enriquecendo sua terra,

\* *Jornalista, crítico literário e pintor.*

**NOTA** — Conhecedores da preciosa e inédita riqueza literária, científica e documental que constitui o conjunto de cartas, fotografias, dedicatórias, etc. reunidas por Mário Vieira, solicitámos-lhe um texto que fornecesse uma ideia geral acerca desta documentação.

Mário Vieira, há alguns anos regressado do Brasil, para onde se viu obrigado a partir durante o regime fascista, vive no Seixal e acedeu de bom grado ao pedido.

Desta relação epistolar com figuras das mais salientes da intelectualidade portuguesa, e não só, aqui fica, pois, uma abordagem inicial. — *A. D.*

independentemente de suas outras actividades profissionais ou artísticas, sendo a troca epistolar (cartas) com seus pares uma forma particularmente bastante rica de expressão literária, quando originada do confronto de opiniões e ideias. Através desta situação, a *epistolografia* com vultos notáveis do pensamento contemporâneo alarga a dimensão e *divulga* o espaço cultural do Município para além das suas fronteiras regionais.

É facto notório que a *arte* de escrever *cartas* é a parte nobre do espírito do homem, que em seu labor intelectual nelas dá *evasão* aos pensamentos mais credíveis, *desnudando-se* perante si próprio e os outros numa comunhão de amor e misticismo. Foram autores de cartas notáveis, embora entre nós o género literário vá perdendo o brilho e tradição, Cícero, Madame de Sevigné, Eça de Queiroz, Padre António Vieira, Soror Mariana Alcoforado, M. Sá Carneiro, Bernard Shaw e, entre outros, a admirável escritora Katherine Mansfield, autora de um monumental epistolário de "CARTAS" transbordantes de conteúdo humano, documentos ricos de emoção e espiritualidade, sem paralelo na moderna literatura universal.

Nos anos de 45 a 54 convivemos no ambiente cultural e artístico que então pontificava na capital, Lisboa, mau grado a mísera mesquinhez da repressão



Retrato de Mário Vieira, por Cândido Costa Pinto

política sobre o nosso meio, que podíamos classificar de regressão cultural da autocracia salazarista. Apesar de tudo, dois movimentos culturais tentavam ganhar espaço: um, o dos apadrinhados do *Estado Novo*, os estilistas plásticos e literatos cujas manifestações eram exibidos nos salões do Palácio Foz (SNI). Outro, o dos opositores democratas ao *regime vigente*, onde se destacavam nomes ilustres da velha geração de escritores, pintores e jornalistas, muitos deles alijados de suas cátedras, a que se juntava um grupo de *jovens* talentosos que iriam, mais adiante, rasgar novos horizontes de arte na modernidade portuguesa. Com este movimento, sobre o qual as autoridades (PIDE) exerciam uma censura feroz, eficiente e implacável, multiplicando sua acção coactiva, nos identificámos prontamente em seus objectivos culturais. Desse tempo, nasceram as *grandes amizades* que cultivámos por muitos anos, carinhosamente, com a saudade dos muitos *amigos* que já ficaram para trás. Foi dessa circunstância que nasceu *nossa correspondência*, desenvolvida e alargada ao longo dos anos, *acto epistolar* de

compreensão espiritual recíproca, que veio não só enriquecer nossa sede de saber, como possibilitar ser mais conhecido o nome de nossa terra, Seixal, município, hoje, de largo espaço cultural. Nessa comunicabilidade com portugueses e estrangeiros ajuntámos um património cultural e artístico inédito, que julgamos poder até ajudar a reconstruir ou esclarecer atitudes de homens postados numa época obscura e medieval de uma sociedade que dava já sinais de desmoronamento moral e extravasava de podridão política e social, quando a Europa avançava a passos largos em sua modernidade.

Tão variada fonte de documentos levamos, por vezes, a pensar: que fazer com eles? Ora, direis! Divulgá-los? Recolhê-los a bibliotecas e arquivos? Das "*cartas*", muitas delas de conteúdo histórico, político e literário, onde na orgânica da escrita se descobre o fulgor da análise crítica, mas todas elas repassadas de uma grande sinceridade e emoção, destaco alguns nomes: António Botto (Doc. 1), João de Barros, Tomás da Fonseca (Doc. 2), António Sérgio, Augusto Casimiro, Prof. Egas Moniz, Prof. Henrique de Vilhena, José Loureiro Botas, Ferreira de Castro (Doc. 3), Gago Coutinho, (Doc. 4), Mário Beirão, Hernani Cidade, Adolfo Casais Monteiro, Diogo de Macedo, Cândido Costa Pinto, António Carneiro, João de Deus Ramos, Alves Redol, Ramón Menendez Pidal (Espanha) (Doc. 5), Ribeiro Couto (Brasil), Jorge de Lima (Brasil), Carlos Drummond de Andrade (Brasil), Teixeira de Pascoaes, António Correia de Oliveira, etc., e tantos mais, alguns ainda vivos, as quais guardamos e de que falaremos oportunamente. Destes homens ilustres e amigos, aprendemos que devemos permanecer fiéis às verdades do espírito e do Verbo, onde se caldeiam e fundem as amizades mais puras e os pensamentos mais sublimes.

Os tempos mudaram. Hoje o escritor mal tem tempo de ler o que escreveu e sua *dávida* literária, por vezes bela e elegante, ou impregnada de sarcasmo e

ironia, vem até nós como herança de luminosa humanidade. Porque o homem, participante de atitudes em seu meio social, faz parte, também, do Património Cultural. Sem ele, que expressão espiritual ganhariam no tempo as relíquias naturais ou históricas que adormecem na profundidade ou afloram à superfície da terra?

Pois tudo o que o homem sonha, produz, pensa e escreve é património colectivo, é riqueza cultural e herança comum insubstituível do seu belo espírito, na grande e fantástica aventura que é viver.

Mário. Volto a escrever-te para que não possas dizer que a tua carta de 6 de Setembro, não tem sequer uma palavra de resposta. A carta chegou a Lisboa da forma que da banda tua. E responde-me para 2 semanas, ou mais, depois de o que, talvez, lhe digas se nas suas visitas, pelo caminho, não encontra um verdadeiro homem forte e apetele, que sabe cumprir para poder fazer o que quer. Não há, pois, nenhuma razão para quando puder me não ir ao lugar onde estou porque me faltar de coisas. Deixa-me no mesmo. Um abraço aos amigos e da esposa. O teu amigo, António Botto.

António Botto

1956. Hospital da Gámbia; d'essa na cidade que fica no Arruagem 12, Avenida Brasil, 12, Alameda de Nossa Senhora da Saúde, Chamusca da Gámbia, Rio de Janeiro, 305. Para mais detalhes veja em internet no endereço: www.historia.org.br

Doc. 1 — Carta de António Botto dirigida a Mário Vieira, do Rio de Janeiro e para o Rio de Janeiro, Brasil (1956)

Querido amigo

Esta tem por fim especial informá-lo de que as garrafinhas que mandou voltarão pelo mesmo caminho, pois que a chegada ao barco não se pode fazer a reclamação.

A sua carta chegou aqui no mesmo dia em que o barco atracou. Escrevi logo mas já não foi a tempo.

Se elas voltarem na próxima viagem, lá estarei quem as receber.

De futuros não ponha nos cartões no mes de passageiros nem títulos de vistos a escrever.

Neste país a única coisa bem organizada é a policia, com q. é preciso contar sempre. Nada lhe incapa, nem mesmo o serviço postal!

Saudações cordiais ao seu devoto amigo

Mortágua 1-8-57

Tomás da Fonseca

Doc. 2 — Carta de Tomás da Fonseca dirigida a Mário Vieira, de Mortágua para o Brasil (1957)

Boa tarde

Com grande alegria, fiquei a saber da chegada das garrafinhas e do seu estado de saúde. Não se esqueça de me escrever quando puder, pois estou sempre a pensar em si.

Com os melhores cumprimentos, sou seu amigo e amigo da sua esposa.

Ferreira de Castro

Doc. 3 — Carta de Ferreira de Castro dirigida a Mário Vieira, de Lisboa para o Brasil (1956)

Grande Hotel C. H.  
RUA SEPACIA DANTAS, 24  
RIO DE JANEIRO - RJ

Rio 1952 - junho 18

Caro senhor Mário Vieira

Depois de ler a sua carta de 15, fiquei muito  
deprimido.

Os meus trabalhos geográficos nunca foram  
publicados, os relatórios sobre fontes ultramarinas,  
eram severos.

Deu-me um, dois mil relatórios de fontes, com  
detalhes (Zinco), cálcio, e muitos outros, com  
que os relatórios sobre fontes ultramarinas, no "Jornal  
de Geografia Geográfica Ultramarina". Há um mil  
quilómetros de triângulo no Ultramar, um 210 em  
Mozambique e 130 em São Tomé, lito, feita por conta  
da Noronha, foram publicados e distribuídos, em  
virtude se existiam. Não foram recebidos!  
Tudo o que me enviou, encontra-se em Lisboa, no Palácio  
da Freixo.

Trabalho muito arduo, mas não sei qual a  
tribuna, talvez a Revista de Geografia.

Gago Coutinho

H. Interesses, para publicar no Boz, em fins de junho  
uma pequena revista, depois, "Tudo o que é para as  
cabeças" sobre o "Desenvolvimento da América", do qual, tem-  
vidente epelculando, três e Brasil.

GC

Doc. 4 - Carta de Gago Coutinho dirigida a Mário Vieira, do Rio de Janeiro e para o Rio de Janeiro, Brasil (1952)

RAMÓN MENÉNDEZ PIDAL

19 de Mayo de 1954.

ZARZAL, 23 (CHAMARTÍN)  
MADRID

Sr. Vieira Lourenço  
SEIXAL.

Mi estimado amigo:

Agradecí su carta con el artículo sobre João de Deus Ramos,  
artículo leído por mí con gran interés.

Correspondiendo a sus deseos le envío adjunta una fotografía  
mía.

Atentamente le saluda

Doc. 5 — Carta de Ramón Menéndez Pidal dirigida a Mário Vieira, de Madrid para o Seixal (1954)

# POEMA DE JOSÉ MANUEL MENDES

*Do livro DEPOIS DO OLHAR,  
Prémio Literário Maré Viva 85  
— 1.º Prémio Câmara Municipal do Seixal  
— com o título AZULEJOS  
(Livros Horizonte — 1986)*

## CORREDORES DE SOMBRA

corredores de sombra;  
latas ferros carros resmungando  
noite dentro (após  
os remoínhos sob  
o sol);  
uma velha recolhendo  
no lixo  
restos de comida

hoje  
(plácido)  
o luar deita-se nos telhados

árvores: original  
murmúrio  
da ternura;  
árvores árvores:  
esta cidade de armas apontadas  
ao fremir  
das folhas

ruas prostituição  
e febre;  
bairros pobres onde a esperança  
apodrece;  
os vidros partidos  
nas janelas  
de grés pedras humanos bafos  
fábricas  
teares;  
o chilreio  
líquido  
das escolas  
ao meio dia

passa o autocarro:  
povo em bolandas;  
navegações  
de bruma

um cão que mija  
contra as sebes;  
o avô ulcerado  
fumaçando  
a mansidão  
da tristeza;  
um cardume de homens vivos  
içando a voz  
(torrente  
sem represas)  
em nome do pão  
que não há;  
as mulheres do primeiro de maio  
com as ancas de compras  
vazias  
no alto dos guarda-chuvas

castelos de melancolia  
ao romper  
do negrume;  
folias  
estivais;  
crianças em bando  
(pelas manhãs)  
rente aos muros  
de cimento

cessa a música de canas  
no lodo das muralhas:  
baça claridade;  
musgo secando  
de incertezas

a cidade magoa:  
brota o sangue nos dedos  
esfacelados da porfia;  
alegre (às vezes: de  
magras ilusões ao correr  
das luzes)

as praças destilam  
o silêncio  
da madrugada;  
bulhentas antes do deserto  
ácido;  
desoladas com a chuva  
nos bordões  
dos solitários

uma cotovia canta  
ao longe  
o tempo opaco;  
voa  
(mais baixo que as gruas)  
contra as velas  
do crepúsculo

e um puto abre buracos  
no chão  
com berlindes  
de lua cheia

# POEMAS DE MARIA HELENA SALGADO

*Vencedora do Prémio Sebastião da  
Gama — 1988, organizado pelas Juntas  
de Freguesia de Azeitão*

## ÁGUA DAS PEDRAS

Lembrei-me de ti, sem querer,  
qualquer coisa como o sol e o  
mar dormindo juntos, uma tarde  
de outono ou de primavera, indefinida.  
A areia estava macia e húmida, não  
havia corpos na praia, apenas  
restos fluidos de passos, vespas,  
às vezes gaivotas, água e pedras:  
uma garrafa verde.

Um comboio seguia os cabelos  
da espuma, para um lugar  
qualquer, talvez estoril morno,  
em outubro, no ar e no silêncio  
algumas feridas, saravam.

\*  
\*   \*  
\*

Sei o rio  
lutando contra a ponte,  
a ponte  
contra os caminhos.

Sei a ponte erguida  
sobre o rio, ferindo o rio.  
Sei os caminhos, feridos pela desordem,  
um  
contra o outro.

Onde nos leva hoje a ponte  
que o rio ontem não levava?

\*  
\*   \*

De quem  
a arma branca  
que rasgou o silêncio?

O medo  
e a tua boca  
têm o mesmo gume.

\*  
\*   \*

Ao longe,  
a vela do barco já rasgou o céu  
e o casco continua  
abrindo o mar  
sempre que passa.

Aqui  
sobrou um corpo na janela.  
Inerme ainda e ainda por abrir.  
E todavia trespassado pelas espadas do silêncio.

Mas do veleiro  
ninguém lhe soma as feridas:  
que veludos se passearam  
pelos punhais dos teus dedos?

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL  
**PRÉMIO LITERÁRIO 'MARÉ VIVA' 88\***  
REGULAMENTO

- 1 — A Câmara Municipal do Seixal, com o objectivo de incentivar o aparecimento de novas obras no domínio da produção literária, dentro e fora do concelho, institui, em colaboração com a Associação Portuguesa de Escritores, o PRÉMIO LITERÁRIO 'MARÉ VIVA' 88 nos géneros de *ficção narrativa e poesia*.
- 2 Os concorrentes deverão ser de nacionalidade portuguesa.
- 3 O conteúdo temático das obras é livre, não dependendo de qualquer prescrição.
- 4 As obras apresentadas, além de serem inéditas, deverão respeitar as seguintes características gráficas gerais:
  - a) um mínimo de oitenta (80) páginas dactilografadas em folhas de formato A4, com trinta (30) linhas a dois (2) espaços, na ficção narrativa.
  - b) um mínimo de quarenta (40) páginas dactilografadas em folhas de formato A4, na poesia.
  - c) todas as folhas numeradas e assinadas com o pseudónimo no canto superior direito.
  - d) todas as folhas agrafadas ou presas por qualquer outro sistema de idêntica função, exceptuando a inclusão em 'dossier'.
- 5 Todos os trabalhos deverão ser enviados para o Sector de Animação Cultural — Divisão da Cultura, Desporto e Juventude da Câmara Municipal do Seixal, 2840 SEIXAL, em três (3) exemplares, até 31 de Outubro de 1988, devendo indicar no invólucro: "Concorrente ao Prémio Literário 'Maré Viva' 88 da Câmara Municipal do Seixal".
- 6 — Os trabalhos deverão ser acompanhados de um sobrescrito fechado, com a inscrição do pseudónimo no exterior e contendo, no interior, uma folha com a identificação do autor: título do trabalho, pseudónimo, nome, morada e telefone, além da inscrição, ao alto da folha, das designações do Prémio Literário e do género respectivo.  
O não cumprimento desta cláusula implica a eliminação do concorrente.
- 7 Só serão abertos os sobrescritos relativos aos trabalhos premiados ou recomendados para publicação.
- 8 Os prémios serão atribuídos por dois júris — um para cada género —, compostos, respectivamente, por três (3) pessoas de reconhecida idoneidade e competência intelectuais e designadas, em conjunto, pela Câmara Municipal do Seixal e pela Associação Portuguesa de Escritores.
- 9 O júri pode tomar deliberações que, embora não estando previstas, são determinadas pelo resultado da selecção dos trabalhos e não contrariam o Regulamento.
- 10 O júri, se assim o entender, pode recomendar para publicação outros trabalhos, que não os premiados, devido ao valor literário dos mesmos.
- 11 Se os trabalhos apresentados em qualquer dos géneros não possuírem valor e interesse literários, o júri pode não atribuir o(s) prémio(s).
- 12 As deliberações do júri são soberanas.
- 13 As deliberações do júri serão tornadas públicas até 31 de Janeiro de 1989.
- 14 Os prémios deverão ser entregues até 28 de Fevereiro de 1989, em forma a combinar entre a Câmara Municipal do Seixal e a Associação Portuguesa de Escritores.
- 15 Os valores dos prémios são os seguintes:
  - Ficção Narrativa — 80 000\$00 (oitenta mil escudos)
  - Poesia — 80 000\$00 (oitenta mil escudos).
- 16 — A Câmara Municipal do Seixal compromete-se a adquirir duzentos e cinquenta (250) exemplares da(s) obra(s) premiada(s) e cento e cinquenta da(s) obra(s) recomendada(s) para publicação.
- 17 Os concorrentes não premiados poderão levantar os trabalhos até 28 de Fevereiro de 1989; após esta data, todos os trabalhos serão destruídos.
- 18 — Considera-se que os concorrentes aceitam este Regulamento a partir do momento em que entregam os trabalhos.

\* Anteriores realizações do Prémio Literário "Maré Viva": 1984 e 1985. Todas as obras premiadas foram já editadas por Livros Horizonte, Rolim, Ulmeiro e Flamingo.



## Prémio de Poesia Bocage

- 1 — A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal volta a instituir o Prémio de Poesia Bocage, destinado a divulgar a obra de jovens poetas, a estimular o trabalho de criação literária e a destacar a importância da obra poética de Manuel Maria Barbosa du Bocage, poeta de Setúbal e um dos maiores vultos da cultura portuguesa.
- 2 — O conteúdo temático das obras apresentadas a concurso é livre.
- 3 — As obras concorrentes, com um mínimo de 30 e um máximo de 40 páginas A4, dactilografadas a dois espaços e escritas em língua portuguesa, devem ser inéditas.
- 4 — Os originais concorrentes devem ser enviados em quatro exemplares, assinados com pseudónimo, até ao próximo dia 31 de Agosto, para a Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal, Av. Dr. Manuel de Arriaga, n.º 6-2.º Esq.º — 2900 SETÚBAL, apresentando no exterior a indicação “Prémio de Poesia Bocage”.
- 5 — Os elementos de identificação do concorrente devem ser enviados em sobrescrito lacrado, junto com as obras concorrentes, devendo ser indicados no exterior o título da obra e o pseudónimo utilizado pelo concorrente.
- 6 — Os prémios serão atribuídos por um júri de três elementos constituídos por representantes da Associação Portuguesa de Escritores, Sociedade Portuguesa de Autores e Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal.
- 7 — À obra distinguida será atribuído um prémio no valor de 100 mil escudos. O júri reserva-se o direito de não atribuir o prémio se considerar que a qualidade das obras apresentadas a concurso o não justifica. Poderão ser atribuídas menções honrosas.
- 8 — A decisão final do júri, de que não haverá recurso, será tornada pública até ao fim do mês de Dezembro de 1988, devendo o prémio ser entregue em cerimónia pública em data a confirmar.
- 9 — A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal efectuará diligências junto das diversas editoras, no sentido de que a obra premiada venha a ser publicada, podendo adoptar idêntico procedimento relativamente às obras mencionadas pelo júri.
- 10 — A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal não se responsabiliza pela devolução dos originais não premiados.
- 11 — Só serão abertos os envelopes correspondentes à obra premiada e às mencionadas. A decisão do júri será divulgada junto dos órgãos de informação.
- 12 — Uma vez entregues os originais, considera-se que os concorrentes aceitam todas as cláusulas do Regulamento.



## **BOCAGE**

### **MUNICÍPIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL ASSINALAM NASCIMENTO DO POETA**

Poucas vezes, usando como instrumento de expressão a língua portuguesa, um poeta chegou tão longe e tão fundo na busca de si próprio, na descoberta da sua identidade em cada verso.

Falamos de Manuel Maria Barbosa du Bocage, poeta de Setúbal, cujo aniversário de nascimento hoje se comemora, constituindo esta efeméride oportunidade para a AMDS realçar, enquanto estrutura representativa do poder local democrático no distrito, a actualidade e a perenidade da sua obra, património vivo do povo português.

Nascido em 15.9.1775, Manuel Maria Barbosa du Bocage viu a luz do dia e deu os primeiros passos nesta cidade, que foi, também, o cenário dos seus primeiros sonhos e descobertas.

Em 1786, com escala no Rio de Janeiro parte para a Índia com o posto de guarda marinha, regressando a Lisboa quatro anos mais tarde, para integrar a *Nova Arcádia*, onde rapidamente ganha prestígio e fama graças à qualidade das suas composições poéticas e ao seu talento como repentista.

As suas críticas demolidoras ao regime político da época e o seu acutilante espírito de polemista valeram-lhe perseguições e dissabores, conhece as agruras do cárcere e, depois delas, a miséria e a solidão. Pode não ter, ao longo da vida, encontrado a felicidade, mas também nunca adiou o encontro com a verdade.

Nos últimos anos viveu de traduções, num modesto quarto, em Lisboa, já minado pela doença que em 21.12.1805, lhe roubaria a vida. É hora de lembrá-lo e à genialidade da sua obra, de recordá-lo e à firmeza do seu exemplo cívico.

A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal presta neste dia homenagem a um grande vulto da cultura portuguesa de que a população deste distrito legitimamente se orgulha.

Setúbal, 15 de Setembro de 1988

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

**FOMENTO DA CRIAÇÃO  
INTELECTUAL E ARTÍSTICA**

**BOLSAS • SUBSÍDIOS • APOIOS**

De 1 a 15 de Outubro de 1988, a Câmara Municipal do Seixal aceita a inscrição de munícipes para fins de atribuição de bolsas, subsídios ou apoios no domínio da criação intelectual e artística, mediante a apresentação de projectos concretos devidamente elaborados quanto aos objectivos, conteúdos, formas de realização, duração e custos previstos.

A concessão destas bolsas, subsídios ou apoios destina-se a:

- 1.º — estimular a elaboração de documentos ou obras de investigação de carácter ensaístico ou afim, no domínio intelectual e artístico, sendo dada particular atenção àquelas que tenham como objecto o estudo e divulgação de aspectos da vida local concelhia, passada ou presente, nomeadamente do movimento associativo, do património nas suas diversas facetas, dos costumes e tradições e da caracterização sociológica.
- 2.º — estimular a criação artística com o objectivo da produção de obras e realização de iniciativas (exposições, mostras, etc.) nos domínios específicos da pintura, escultura, dança, música, audiovisuais, artes gráficas, artes decorativas, artesanato, indústrias populares, etc.
- 3.º — apoiar os munícipes que demonstrem possuir aptidões para a frequência de cursos nas várias áreas da formação artística.
- 4.º — proporcionar a criação de organismos de prestação de serviços à população em áreas de formação técnico-artística.

Os candidatos a estas bolsas, subsídios ou apoios devem apresentar, juntamente com os projectos, os respectivos dados biográficos e outros relativos às habilitações académicas e à experiência profissional e cultural.

A atribuição das bolsas, subsídios ou apoios estará dependente da avaliação efectuada no âmbito do Departamento da Cultura, Desporto e Juventude, que, quando necessário, submeterá os projectos à apreciação de especialistas exteriores à Autarquia.

Na atribuição, serão tidos fundamentalmente em conta os seguintes factores:

- 1.º — o grau de interesse e oportunidade do projecto.
- 2.º — a forma e coerência de apresentação do projecto.
- 3.º — o custo do projecto.
- 4.º — as possibilidades orgânicas e técnico-materiais da Autarquia para a concretização e acompanhamento do projecto.

Os munícipes interessados devem entregar ou enviar os projectos para a Divisão de Animação Cultural — Departamento da Cultura, Desporto e Juventude — Câmara Municipal do Seixal — 2840 SEIXAL. Telefone: 2213607.

*Aprovado na Sessão de Câmara de 17 de Junho de 1988.*

# FESTRÓIA -

## Um grande acontecimento cinematográfico

*Arlindo Mota*

Realizou-se em Tróia, de 17 a 26 de Junho de 1988, o IV Festival Internacional de Cinema — FESTRÓIA.

Com as naturais dificuldades e limitações, os seus organizadores conseguiram transformá-lo, em escassos quatro anos, num grande acontecimento internacional, fazendo afluir à Península de Tróia largas dezenas de personalidades ligadas ao mundo da cultura cinematográfica: cineastas, críticos, jornalistas.

Dos filmes candidatos ao Golfinho de Ouro, principal galardão do Festróia, os críticos e o público destacaram sobretudo quatro obras: "Em Nome do Filho", do argentino Jorge Pollaco (que viria a ser o escolhido pelo júri), "O Amor é Uma Mulher Gorda", do também argentino Alexandro Agresti (Prémio da OCIC) e ainda "Coqueluche", do húngaro Peter Gardos e o belga "Bird Now", de Marc Huraux.

Quanto às primeiras obras a concurso deve destacar-se o filme italiano "La Gentileza del Tocco", dirigido por Francesco Cálogero e com argumento de Antonino Bruschetta, não só pela criatividade e segurança já demonstradas como pela referência pessoal que explicitamente invade todo o filme.

A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal esteve representada no júri do Festróia, para a secção "O homem e a Natureza", pelo Dr. Arlindo Mota. O filme premiado, "Quando o Vento Sopra", é uma excepcional película de animação, de Jimmy T. Murakansy, que narra a vida de um casal inglês que vive tranquilo e feliz numa zona rural da Grã-Bretanha quando se desencadeia um ataque nuclear. O filme, carregado de humor e ternura, vale mais que mil apelos pacifistas.





# Publicações recebidas

*RECENSÃO EFECTUADA POR ARLINDO MOTA E JOSÉ JORGE LETRIA*

# Recensões sábidas

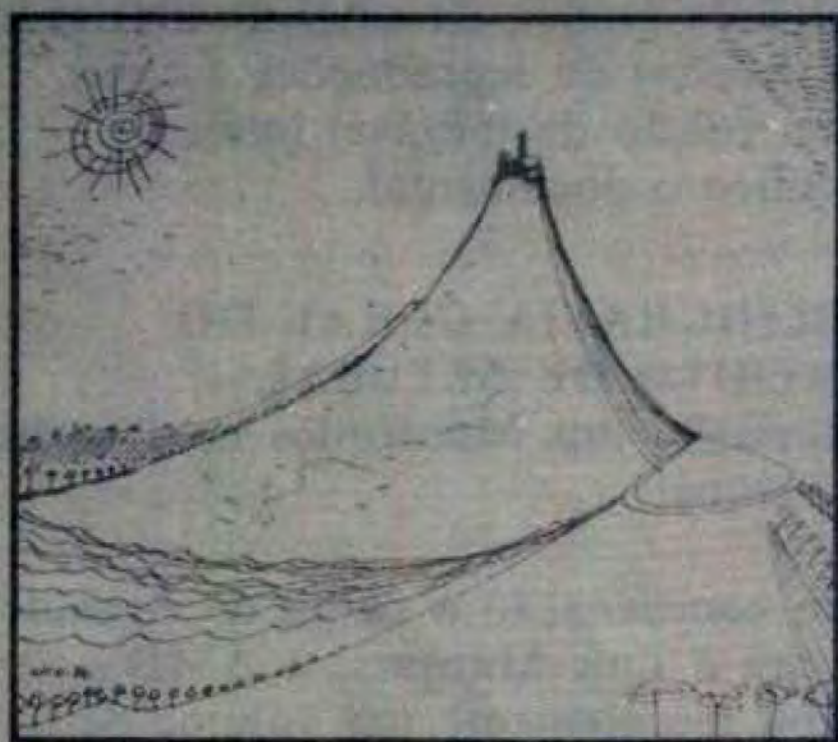
## ASPECTOS DA LINGUAGEM POPULAR DE PALMELA

Ed. Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa — Coordenação Concelhia de Palmela

Com recolha e comentários a cargo de A. Matos Fortuna, foi recentemente editado o livro “Aspectos da Linguagem Popular de Palmela”.

O organizador do volume analisa, ao longo de quase 90 páginas, as “Pronúncias da Região de Palmela”, a “Fixação dos Povos de Palmela e Arredores e Suas Designações Gentílicas”, o “Dialectismo ou Regionalismos de Palmela” e ainda “Os Solecismos Graves Que Existem na Região”.

Trata-se de uma publicação útil para quem queira conhecer em pormenor os aspectos típicos do falar quotidiano na região e a forma como evoluíram ao longo das décadas.



## ASPECTOS DA LINGUAGEM POPULAR DE PALMELA

observados e comentados por  
A. DE MATOS FORTUNA

DIRECÇÃO — GERAL DE APOIO E EXTENSÃO EDUCATIVA  
COORDENAÇÃO CONCELHIA DE PALMELA

## AS CEGADAS NO CONCELHO DO SEIXAL

Ed. Câmara Municipal do Seixal

A Câmara Municipal do Seixal acaba de editar, com recolha de João Pinto Malta e prefácio de João David Pinto Correia, uma excelente antologia-estudo sobre as cegadas no concelho seixalense. A apresentação do livro esteve a cargo de António Durão.

## AS CEGADAS NO CONCELHO DO SEIXAL



RECOLHA DE JOAQUIM PINTO MALTA

PREFÁCIO DE JOÃO DAVID PINTO CORREIA

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

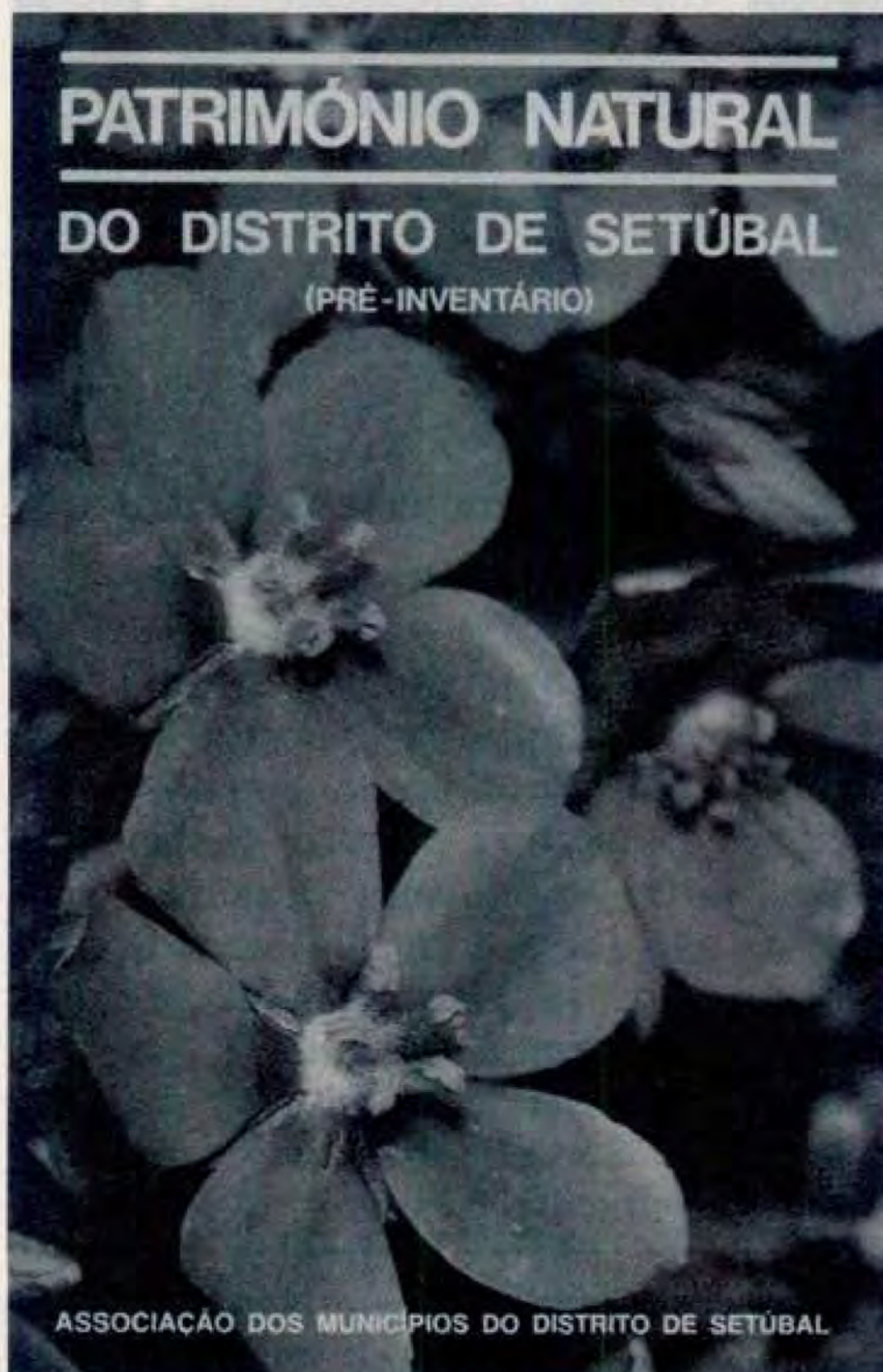
João David Pinto Correia, docente da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, situa as cegadas no quadro mais amplo da literatura popular em Portugal, afirmando que “com este volume, a literatura popular ganha mais alguns raros espécimes dramáticos, que, se não fosse o entusiasmo dos seus organizadores (e, principalmente, do seu principal recolector, Joaquim Pinto Malta) e dos Serviços Culturais da Câmara do Seixal, estariam irremediavelmente perdidos. A realização é de louvar e, acrescentaremos, de continuar, tanto mais que sabemos haver ainda muitos mais textos...”

Neste volume antológico, cuja leitura a revista "Movimento Cultural" vivamente recomenda pelo seu valor documental e cultural, foram incluídos os textos das cegadas "O Jogo da Bola", de Alberto Rodrigues de Almeida, "A Fé num Milagre", de Armando Dias, "Um Adultério", de autor desconhecido, "Um Sonho", de Armando Dias, "A Redenção Chegou Tarde", de Carlos Conde, "Remédio Eficaz", de Francisco Santos, "Vidas Sem Rumo e Destino Selvagem", de Armando Costa, e "Voz da Consciência", de José Correia de Oliveira.

### **PATRIMÓNIO NATURAL DO DISTRITO DE SETÚBAL (PRÉ-INVENTÁRIO)**

**Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal**

Com uma tiragem de 3000 exemplares, a AMDS publicou o volume "Património Natural do Distrito de Setúbal (Pré-Inventário)" que reuniu a colaboração de



Carlos Souto Cruz, Naturibérica-Estudos e Divulgação em Biologia, Erena-Ordenamento e Gestão de Recursos Naturais, Parque Natural da Arrábida, Área Protegida da Arriba Fóssil e Região de Turismo de Setúbal, sob a coordenação de Luís Marques e Lúcio do Rosário.

O livro, conforme sublinham os coordenadores na introdução, procura "alertar para a importância dos recursos naturais regionais, enquadrando-os na diversidade das situações ambientais existentes, apontando factores ou sintomas de degradação ou mau uso e sublinhando necessidades da sua conservação" delineando no primeiro capítulo uma caracterização do distrito que contempla para além dos aspectos geográficos, geológicos, bacias hidrográficas e cursos de água, clima, solos, zonas ecológicas e demografia, as principais degradações ambientais.

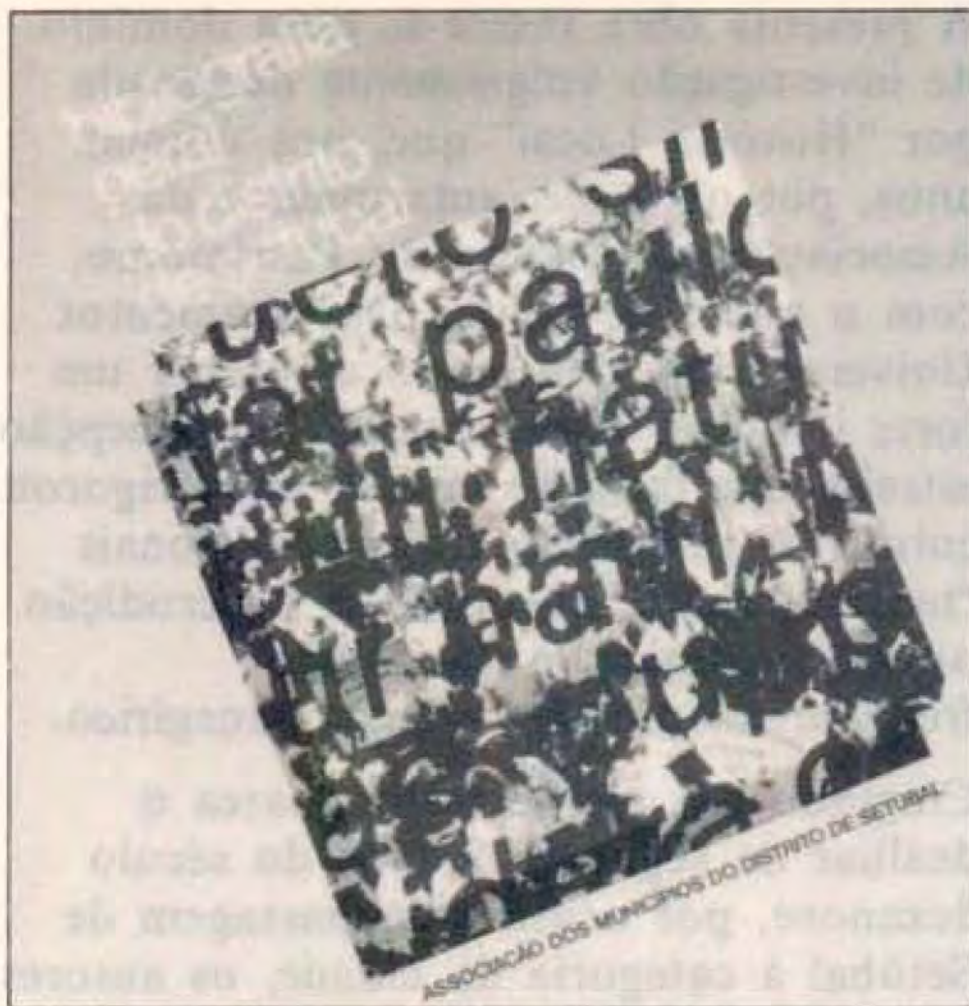
Noutros capítulos aborda os recursos naturais ou descreve as áreas protegidas do Distrito de Setúbal e apresenta no fim a indicação da bibliografia e cartografia utilizadas. De sublinhar a qualidade gráfica da edição, valorizada por dezenas de reproduções a cores, numa edição de inegável interesse científico e documental.

### **BIBLIOGRAFIA GERAL DO DISTRITO DE SETÚBAL**

**Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal**

Com coordenação a cargo de Arnaldo Pereira e Luís Marques, a AMDS editou recentemente um volume de mais de 200 páginas, no qual fornece ao público interessado um rigoroso levantamento da bibliografia geral existente no distrito.

O levantamento, que cobre todos os concelhos do distrito, foi iniciado em 1982, por iniciativa da ex-Assessoria para os Assuntos Culturais da Assembleia Distrital de Setúbal, com o apoio de responsáveis de bibliotecas, de



animadores de autarquias e com a colaboração de jovens dos Tempos Livres.

O trabalho que resultou desse esforço colectivo é um documento valioso e de consulta obrigatória.

### **BIBLIOTECAS E ARQUIVOS PÚBLICOS E PARTICULARES DO DISTRITO DE SETÚBAL**

(continuação para um roteiro)

**Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal**

A AMDS editou, com coordenação de Arnaldo Pereira e Luís Marques, o volume "Bibliotecas e Arquivos Públicos e Particulares do Distrito de Setúbal", que tem uma tiragem de dois mil exemplares. A capa e arranjo gráfico são de Carlos António Sousa.

Em nota prévia ao volume, que contou com a colaboração de Alexandre M. Flores, Ângela Luzia, Fernanda Figueiredo, Francisca Trindade, Idila Martins, Isabel Baptista, João Faria e Vera Silva, afirmou-se:

"Embora o presente roteiro não apresente, ainda, uma caracterização exaustiva da situação leitura pública no distrito de Setúbal, a AMDS espera que a sua publicação constitua um contributo útil para a planificação de

políticas de leitura que, assentando num conhecimento mais objectivo das realidades existentes, podem ser mais correctas e eficazes".

## **BIBLIOTECAS E ARQUIVOS PÚBLICOS E PARTICULARES DO DISTRITO DE SETÚBAL**

(contribuição para um roteiro)



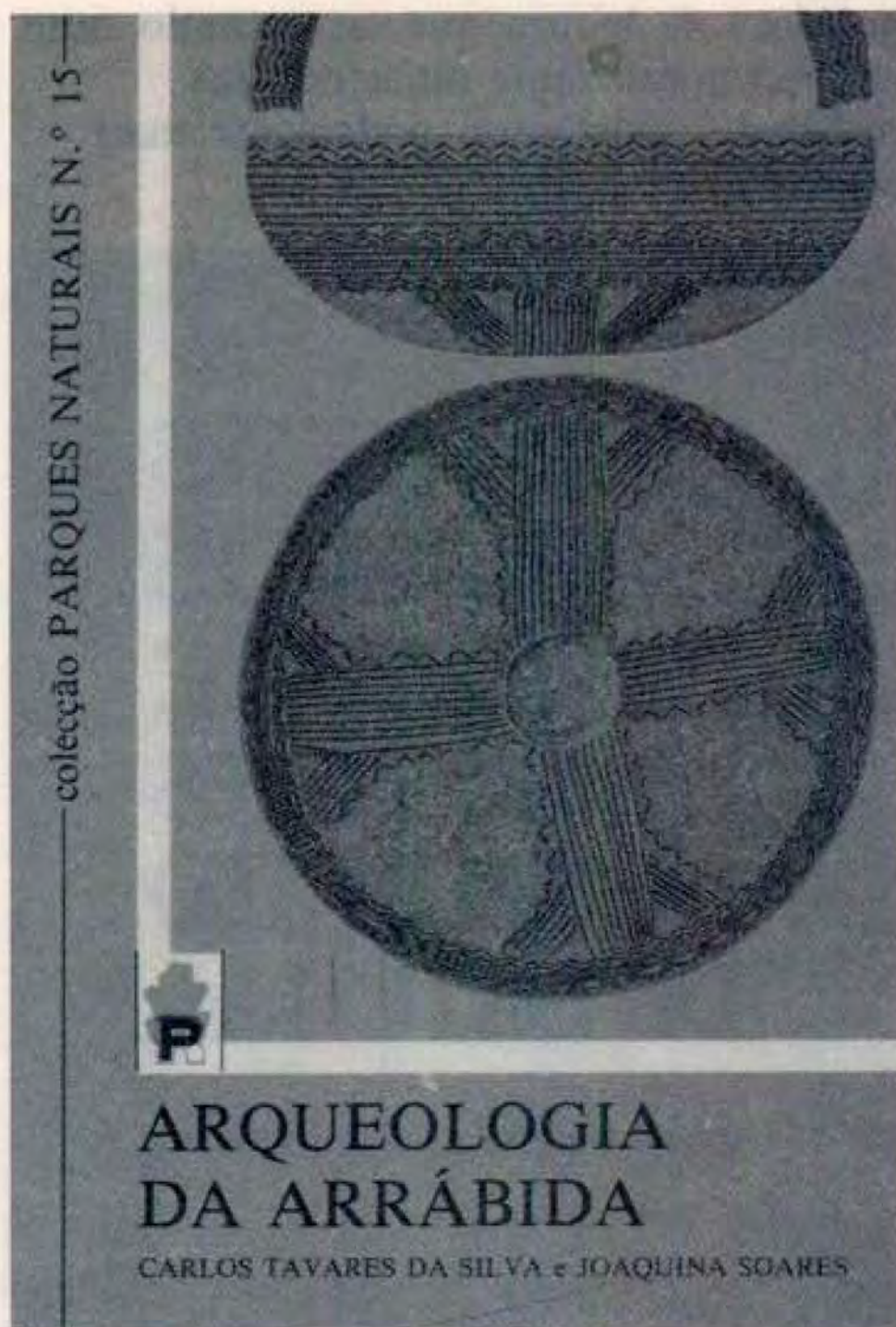
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

### **ARQUEOLOGIA DA ARRÁBIDA** Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza

Integrado na sua colecção "Parques Naturais" o SNPRCN editou, de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, o volume "Arqueologia da Arrábida".

Nele os autores não se propuseram elaborar uma carta arqueológica na qual todas as jazidas conhecidas fossem inventariadas e descritas, antes proporcionar uma "panorâmica da evolução das comunidades humanas que habitaram a região da Arrábida desde o Paleolítico à Época Romana", tendo abarcado uma região que se estende do Cabo Espichel à zona da foz do Sado.

O volume contempla os seguintes capítulos: Enquadramento geográfico; Os



primeiros habitantes; As primeiras comunidades produtoras de alimentos — o neolítico; Agricultores e metalurgistas do cobre; Idade do bronze; O Ferro, o torno, a escrita; A colonização romana, incluindo, a final, uma extensa bibliografia.

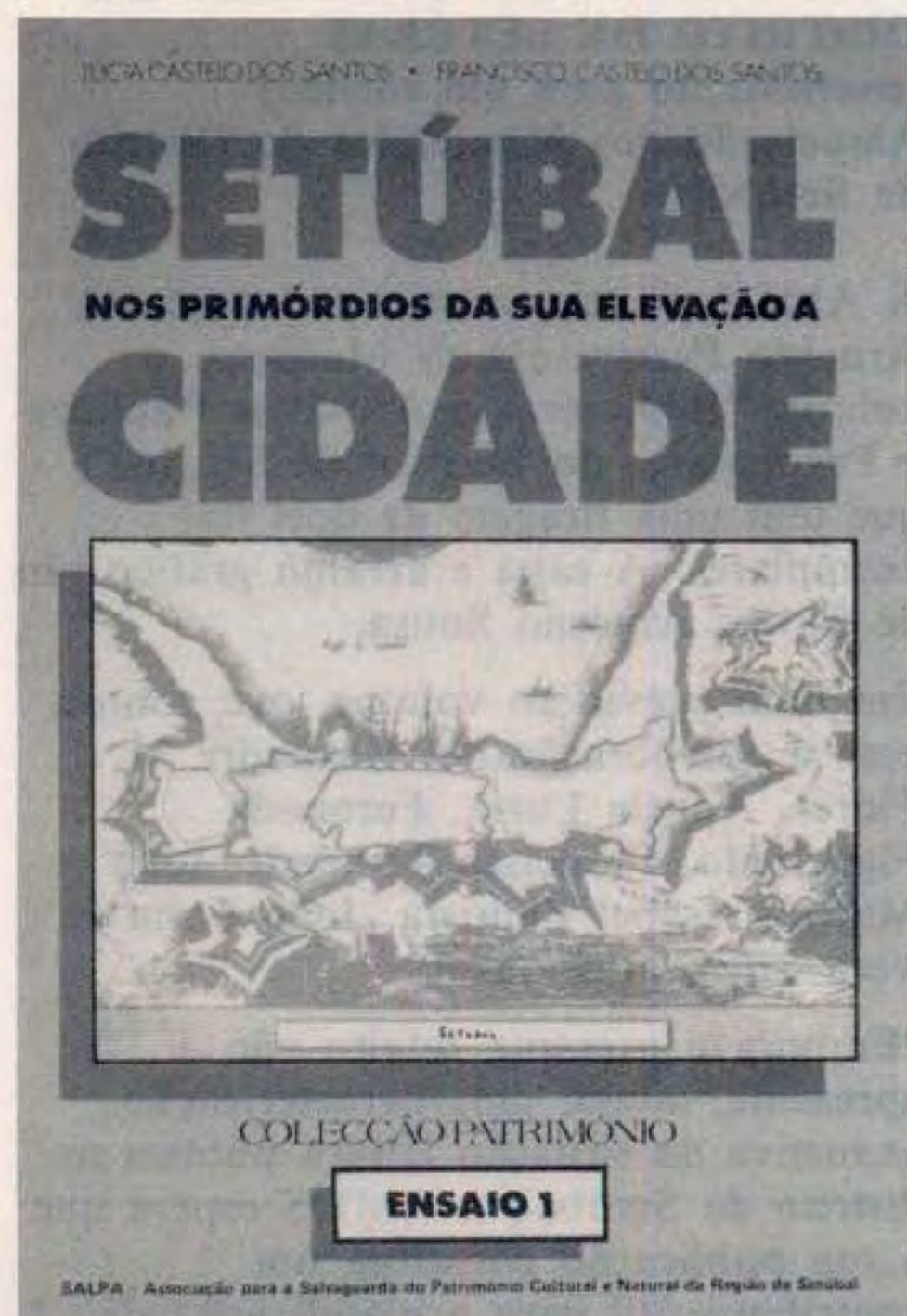
Trata-se assim de uma obra imprescindível para um melhor conhecimento “dos vestígios do processo histórico que teve como palco a cordilheira da Arrábida”.

### **SETÚBAL NOS PRIMÓRDIOS DA SUA ELEVAÇÃO A CIDADE** Edição da SALPA

“Setúbal nos Primórdios da sua Elevação a Cidade”, da autoria de Francisco Castelo dos Santos e Lúcia Castelo dos Santos, constitui o primeiro volume da Biblioteca Património que a SALPA — Associação de Salvaguarda do Património da Região de Setúbal está a editar, sob a direcção de Arlindo Mota.

A presente obra insere-se num domínio de investigação vulgarmente designada por “História Local” que, nos últimos anos, por obra das autarquias e das Associações de Defesa do Património, com o apoio de alguns Departamentos Universitários, tem vindo a receber um forte impulso, ultrapassando a concepção estreita que durante muitos anos vigorou entre nós simbolizada nas tradicionais “monografias”, aturdindo-se na erudição ou no anedótico, e assumindo frequentemente um carácter panegírico.

Cingindo um período que abarca o dealbar da segunda metade do século dezanove, por ocasião da passagem de Setúbal à categoria da cidade, os autores percorreram, cuidadosa e exaustivamente, as páginas de um semanário setubalense que se publicou de 1860 a 1864 e, partindo daí, realizaram um delicado esforço de análise, de que resultou a revelação de preciosos elementos, designadamente acerca da expansão urbanística, do estado das vias de comunicação, da



caracterização industrial, da higiene pública e da fisionomia social. Os autores ajudam-nos a recriar com mais verdade a vida quotidiana em Setúbal naquela época.

Por tudo isto constitui, inquestionavelmente, um original e importante contributo para a (ainda) escassa bibliografia setubalense.

---

**POETAS POPULARES DO  
CONCELHO DE SESIMBRA**  
Ed. da Câmara Municipal de Sesimbra  
1988

Esta colectânea inclui os trabalhos premiados no Concurso de "Poesia Popular" sobre o tema "O Mar" incluído no II Festival do Mar, uma organização da Câmara Municipal de Sesimbra.

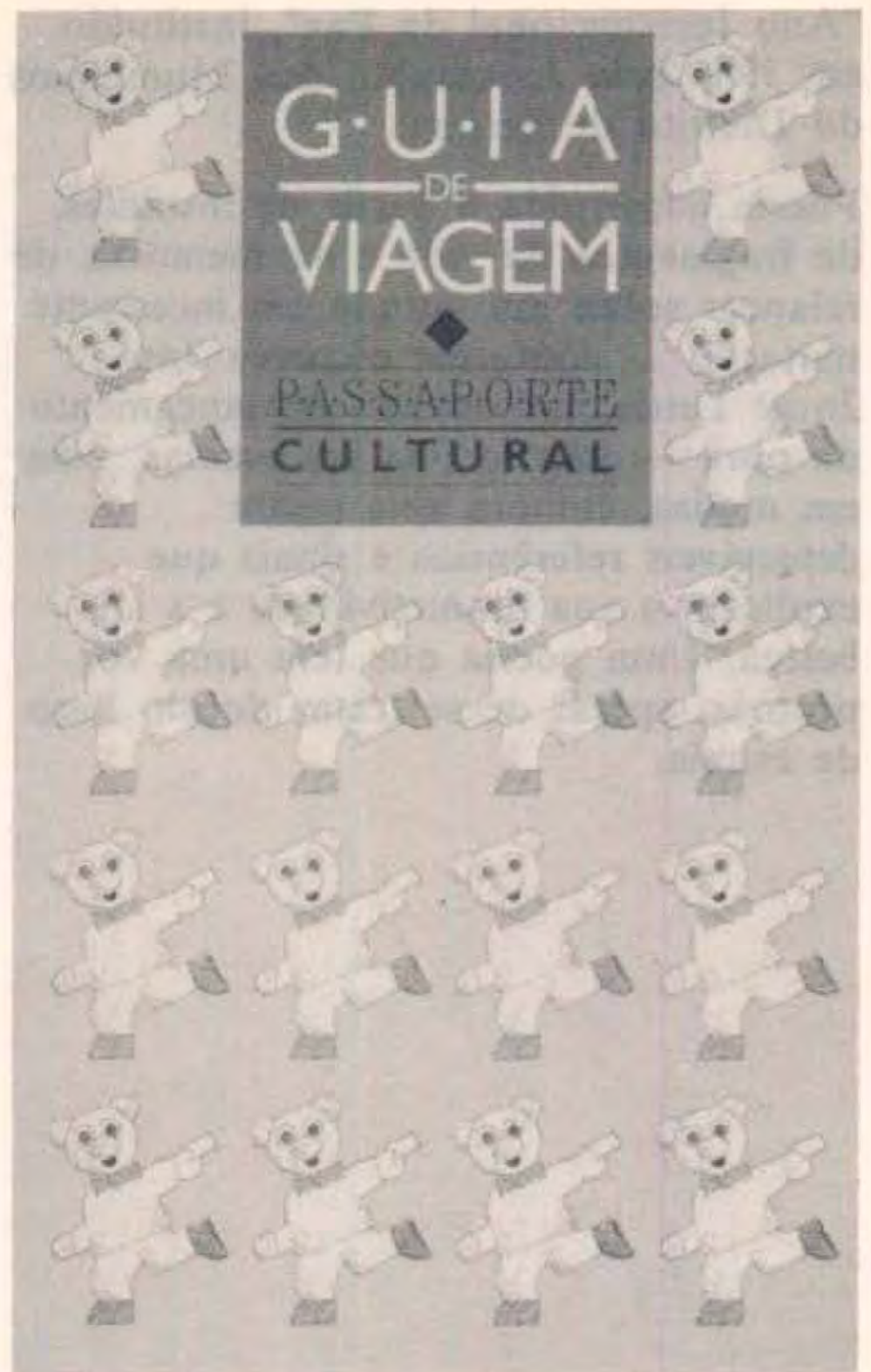
Conforme referem expressamente os seus organizadores na introdução, "Cabe ao Poder Local Democrático proteger e defender todas as manifestações culturais, de natureza popular, resultantes da vivência das suas gentes". E isto para que se não deixe perder, dada a especificidade desta poesia, sobretudo de transmissão oral, e se dê conta aos vindouros da criatividade popular que se expressa nos mais variados campos da actividade artística e sobretudo na poesia.

Se do ponto de vista formal não haverá muito a esperar quanto à inovação deste tipo de poesia, já as inúmeras informações de índole social, histórica e linguística de uma região, são só por si suficientes para justificar a iniciativa da publicação.

---

**GUIA DE VIAGEM DO  
PASSAPORTE CULTURAL**  
Ed. Associação dos Municípios do  
Distrito de Setúbal

A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal acaba de editar um Guia de Viagem do Passaporte Cultural,



iniciativa que se integra no Projecto Interjovem.

Coordenado por Arlindo Mota e com grafismo de José Teófilo Duarte, o guia fornece um número apreciável de informações úteis para os jovens que, detentores do Passaporte Cultural, desejem conhecer outros países e povos, alargando os seus conhecimentos e os seus horizontes culturais e geográficos.

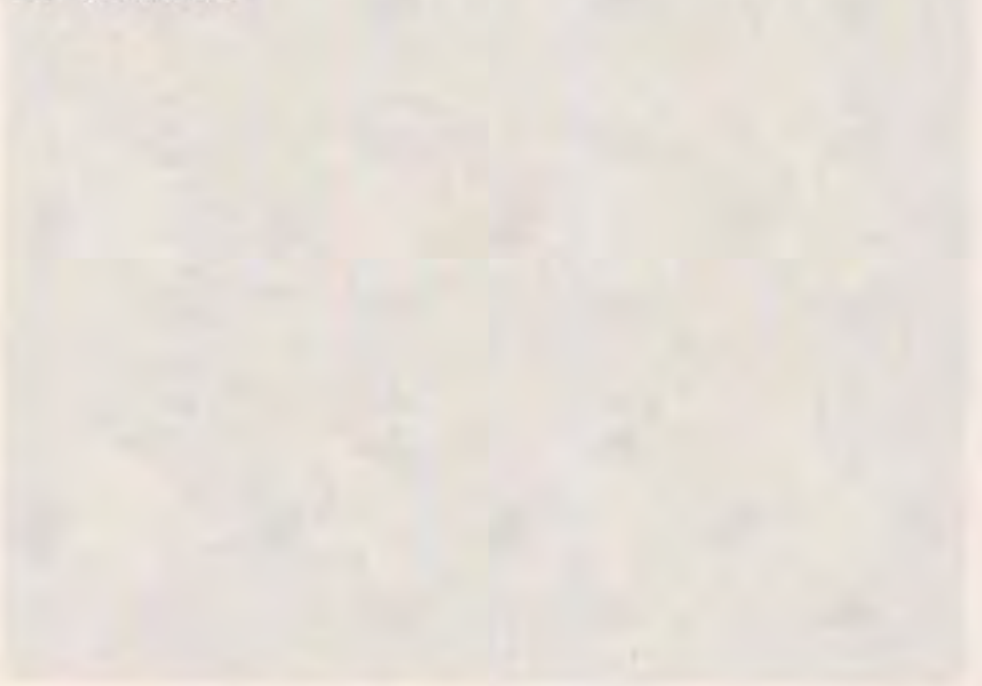
---

**PASSOS BIFURCADOS**  
Manuel Correia  
Poesia Contemporânea  
Publicações "Folha D'Hera"

Número três da colecção "Poesia Contemporânea" das Publicações "Folha D'Hera" que se edita em Setúbal, dirigida por José Teófilo Duarte e Arlindo Mota, "Passos Bifurcados" de Manuel Correia havia sido distinguido com o Prémio de Poesia

“Ano Internacional da Paz”, instituído em 1986 pela Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal.

Poesia construída a partir de instantes, de fragmentos da vida e da memória, de relances sobre um mundo em incessante mutação — conforme escreveu José Jorge Letria por ocasião do lançamento da obra — não se filia em escolas, nem em modas, embora nela sejam detectáveis referências e sinais que explicam a sua discursividade e a sua beleza. Uma poesia que tem uma voz própria, apesar de se tratar de um livro de estreia.



Intensidade que se impõe no espaço  
 Inimigos  
 Construído por Álvaro Bole e com  
 o apoio de José Leite Lopes, o que  
 levou um número especial de  
 informações para os jovens que  
 frequentam a Associação Cultural  
 de Loures, através de livros e  
 artigos de seus colaboradores e de  
 outros membros da comissão organizadora.

PARTE DE VIAGEM DE  
 PASSEIROS CULTURAIS  
 A Associação dos Municípios do  
 Distrito de Setúbal acaba de editar um  
 Guia de Viagem da Associação Cultural  
 de Loures, que se vende em 500\$00.  
 O Guia foi elaborado por José Leite Lopes e  
 Álvaro Bole, da Associação Cultural de Loures.  
 O Guia contém informações sobre a  
 Associação Cultural de Loures, o seu  
 trabalho e os seus projetos, bem como  
 informações sobre o Município de Loures,  
 a sua história e o seu desenvolvimento.

**BOLETIM CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES**

Encontra-se em circulação o “Boletim Cultural” n.º 3, da Câmara Municipal de Loures, correspondente ao mês de Julho deste ano. Trata-se de um número especial dedicado aos jogos florais organizados pelo município.

O júri que atribuiu os prémios foi constituído por José Martins (teatro), José Fanha (poesia), Alice Vieira (conto) e Vasco Granja (banda desenhada).

Este boletim contém os resultados dos jogos florais organizados pela Câmara Municipal de Loures, no âmbito do “Ano Internacional da Paz”. O júri, constituído por José Martins (teatro), José Fanha (poesia), Alice Vieira (conto) e Vasco Granja (banda desenhada), atribuiu os seguintes prémios:

Prémio de Poesia: José Fanha  
 Prémio de Conto: Alice Vieira  
 Prémio de Teatro: José Martins  
 Prémio de Banda Desenhada: Vasco Granja

O boletim também contém informações sobre o Município de Loures, a sua história e o seu desenvolvimento, bem como informações sobre a Associação Cultural de Loures e os seus projetos.

PARTE DE VIAGEM DE  
 PASSEIROS CULTURAIS  
 A Associação dos Municípios do  
 Distrito de Setúbal acaba de editar um  
 Guia de Viagem da Associação Cultural  
 de Loures, que se vende em 500\$00.  
 O Guia foi elaborado por José Leite Lopes e  
 Álvaro Bole, da Associação Cultural de Loures.  
 O Guia contém informações sobre a  
 Associação Cultural de Loures, o seu  
 trabalho e os seus projetos, bem como  
 informações sobre o Município de Loures,  
 a sua história e o seu desenvolvimento.

# Noticiário sociocultural

TEXTOS ELABORADOS PELAS RESPECTIVAS CÂMARAS MUNICIPAIS

# Noticiário Social

## ALCÁCER DO SAL

Actividades a realizar no Concelho de Alcácer do Sal até ao fim do corrente ano

### *Setembro*

Recepção aos professores ao longo do mês.

Dia

A partir deste dia, no Posto de Turismo, no Solar dos Salemas, exposição fotográfica "Alcácer Ontem", que nos mostra um século da história de Alcácer.

Dia 3

Mercado mensal de Alcácer do Sal

Dia 4

Início do Mês da Música com concertos no Largo Pedro Nunes, que vão acontecer todos os domingos de Setembro, organizado pela Sociedade Filarmónica Progresso Matos Galamba.

Dia 6

Actividades na Escola de Vela e Canoagem, nas instalações do "Remo".

Dia 9

Passeio no Sado com professores, integrado no programa de recepção.

Dia 11

Mês da Música.

Dia 17

"Circuito das Barragens", visita guiada com professores, integrada no programa de recepção.

Dia 18

Mês da Música.

Dia 25

Mês da Música.

### *Outubro*

Dia 1, 2 e 3

Feira Nova de Outubro.

Acontecerá a Festa de Encerramento da Escola de Natação nas Piscinas Municipais.

Iniciar-se-á uma série de espectáculos infantis — A Escola no Teatro — com a apresentação da peça "O Espanta Pardais", pelo Grupo Amador de Teatro Experimental da Comporta, integrado nas actividades programadas para o início do ano escolar nas escolas primárias.

Dia 12

Exposição de brinquedos antigos, no Solar dos Salemas, integrado nas actividades programadas para o início do ano escolar nas escolas primárias do Concelho.

Dia 25

Exposição — Arqueologia Naval — no Solar dos Salemas.

### *Novembro*

Dia 5

Mercado mensal em Alcácer.

Dia 14

Exposição — Produção Anfórica do Vale do Sado — no Solar dos Salemas.

## 2.º Acampamento da Paz

Realizou-se pela 2.ª vez o Acampamento da Paz, na Herdade do Pinheiro, nos dias 18, 19, 20 e 21 de Junho e contou com a presença de 272 jovens participantes e 124 visitantes. Durante o acampamento realizaram-se várias iniciativas de convívio, desportivas e culturais.

O Acampamento contou com o apoio da C.M.P., e Juntas de Freguesia do Concelho e da Região de Turismo "Costa Azul".

## 1.º Encontro Nacional das Associações Juvenis e Poder Local

Este encontro foi encarado pelos participantes como uma necessidade permanente, tendo em conta o amplo desenvolvimento que o associativismo juvenil conheceu nos últimos anos em Portugal.

Centena e meia de jovens, representando 65 associações juvenis e comissões municipais de juventude de 25 concelhos de várias regiões do país, estiveram presentes neste 1.º Encontro Nacional.

Iniciativa organizada pela Comissão Municipal de Juventude, teve lugar em Palmela no passado dia 20-6, tendo como objectivos principais promover o intercâmbio entre associações juvenis com actividades de âmbito local e experiências de relacionamento com o Poder Local.

Os trabalhos prolongaram-se por todo o dia, divididos por quatro secções temáticas: "Associativismo Juvenil e Autarquias", "Associativismo Juvenil e Colectividades" e "Experiências de cooperação de âmbito concelhio e regional", "Associativismo Juvenil e Poder Local".



## SEIXAL

### Formação e aperfeiçoamento profissional

A Câmara promoveu ou apoiou dezenas de acções formativas, umas integradas na sua actividade de animação socio-cultural, outras dirigidas especialmente à juventude. Foi publicado um folheto divulgando os cursos programados, com uma ficha em anexo a fim de permitir a inscrição dos interessados. Revestiram-se de um particular significado as acções destinadas aos professores do ensino primário (visando a sua reciclagem e/ou formação em áreas desfavorecidas pelo actuais planos de estudos, como a educação física, a expressão dramática e musical e a dança, entre outras), os cursos organizados na Casa Municipal de Juventude e os relacionados com a preservação de práticas e saberes artesanais típicos da região (construção naval, cortiça e restauro de azulejo).

### Leitura pública

As obras da nova Biblioteca e Arquivo Histórico Municipal tiveram início em Outubro, devendo estar concluídas em menos de dois anos. Para apresentar o respectivo projecto à população foi organizada uma exposição itinerante intitulada *A Nova Biblioteca Municipal do Seixal: um Equipamento para o Futuro*, na qual se mostra também a evolução do livro e das bibliotecas ao longo dos tempos e se caracteriza a actividade da Câmara no domínio da leitura pública. Aproveitou-se ainda o ensejo para proceder a demonstrações do projecto de informatização das

bibliotecas que está a ser implementado pela Biblioteca Nacional e para a realização de colóquios e conferências sobre o tema. No quadro da sua política de descentralização da leitura pública, foi criado na freguesia de Amora um polo da Biblioteca Municipal, e durante os meses de verão foram instaladas 5 bibliotecas estivais em diversas localidades do concelho.

Prosseguiram, entretanto, as acções de apoio e colaboração com as bibliotecas locais, designadamente através da realização de cursos dirigidos às escolas e às colectividades, da oferta de fundos bibliográficos e do desenvolvimento do circuito do livro.

### Património histórico e natural

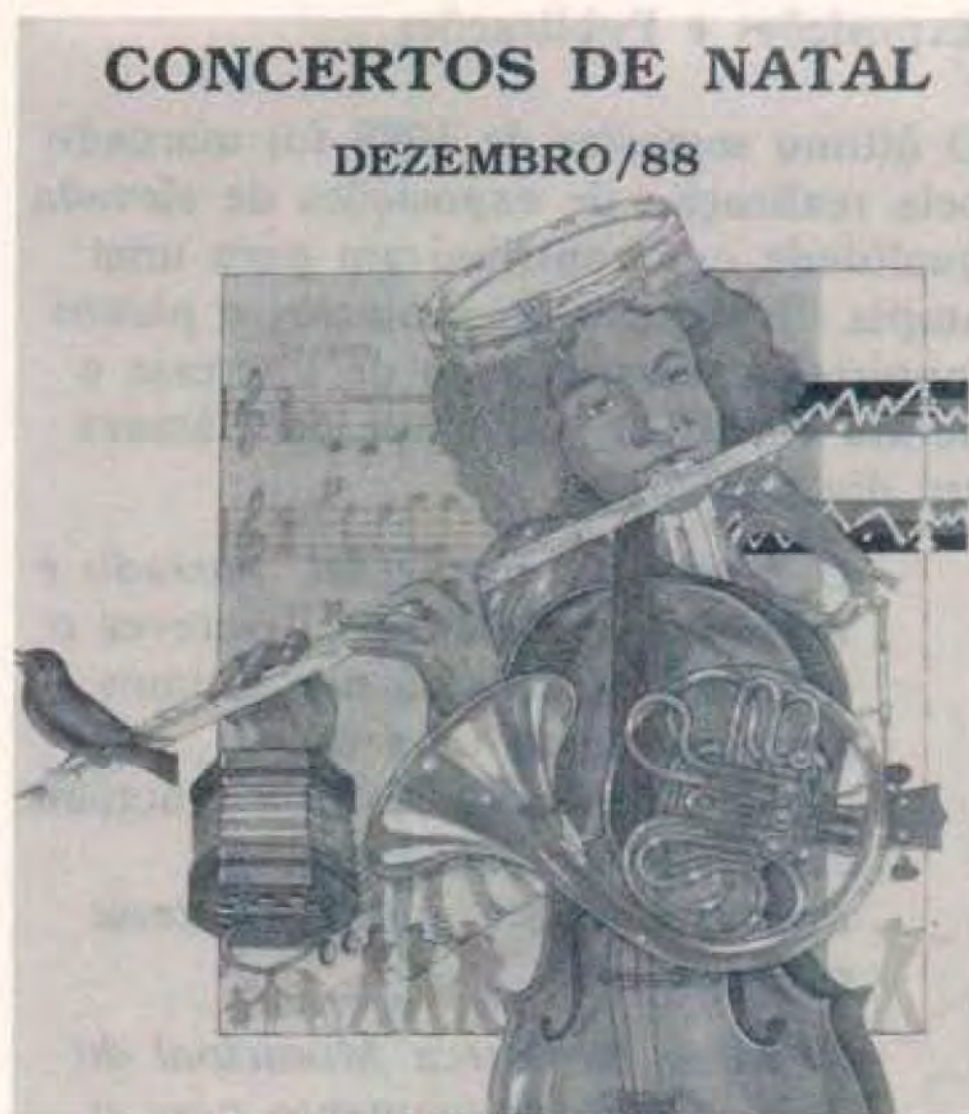
Tiveram lugar diversas iniciativas, quer respeitantes à investigação e inventário do património, quer destinadas a potenciar a actividade de animação museológica e de apoio à criação artística local. Em Agosto iniciaram-se programas de visitas guiadas ao concelho (com base num itinerário publicado para o efeito) e de animação do Moinho de Maré de Corroios. Em Novembro realizou-se uma exposição sobre o movimento associativo e popular concelhio, cujas tradições são extremamente ricas, acompanhado da edição de uma brochura que descreve a sua história e características actuais. Artistas e artesãos locais expuseram os seus trabalhos no quadro da disponibilização dos espaços museológicos para esse fim. Em colaboração com a comunidade escolar,



Deve também sublinhar-se a adjudicação das obras dos grandes equipamentos desportivos projectados, como o Parque Municipal de Piscinas e o Complexo Municipal de Atletismo.

No domínio da animação cultural, contemplou-se de maneira particular o teatro, a música, as artes plásticas e a literatura. Em Novembro efectuou-se o V Encontro de Teatro Concelhio, que permitiu a apresentação do reportório de grupos locais e nacionais, constituindo uma excelente jornada de divulgação dessa importante forma de cultura que o teatro é; prosseguiu o apoio técnico e material a grupos locais (formação e encenação de espectáculos), podendo citar-se, pelo singular êxito obtido, o projecto desenvolvido na Escola Secundária do Fogueteiro. Reconheceu-se o meritório trabalho do Grupo de Teatro de Campolide na esfera da descentralização teatral, através de um acordo celebrado que teve resultados muito positivos para as duas partes.

No que toca à música, e de acordo com as disponibilidades financeiras da Câmara, foi dada uma substancial ajuda



às Bandas e Orquestras Ligeiras do concelho em instrumental — 9 000 000\$00 — e para a promoção de actividades formativas e de animação. Dos vários concertos realizados, quer no âmbito da música erudita, quer no da popular, merece saliência a Semana da Música, que teve lugar em Maio na Escola Secundária de Amora, a actuação da Nova Filarmonia Portuguesa (concerto Finangeste com a colaboração da Câmara) e as Sessões Musicais Didácticas, em Outubro e Novembro, com o Maestro José Atalaya especialmente dedicados a várias Escolas, assim como os concertos de Natal em Dezembro. Em relação às artes plásticas e à literatura, procedeu-se à recepção de projectos para bolsas, subsídios e apoios a uma nova edição do Prémio Literário Maré Viva e à realização de um concurso para a Medalha Municipal.

Realizou-se, de novo, durante as Festas de S. Pedro, no Seixal, o Concurso Gastronómico de Caldeirada e Massa de Peixe.

As comemorações do 25 de Abril e as Festas Populares nas várias freguesias, cujos extensos programas não cabem no quadro deste noticiário, tiveram de novo a participação activa e entusiástica da população.

## V ENCONTRO DE TEATRO

seixal/88



PROGRAMA

## Exposições e Publicações

O último semestre de 1988 foi marcado pela realização de exposições de elevada qualidade que contribuíram para uma ampla divulgação de projectos e planos municipais considerados de interesse e deram conta da actividade da Câmara em diversas áreas:

*O Município do Seixal. Passado e Presente*, que além de descrever o trabalho autárquico nos últimos anos apresenta uma útil caracterização da história e actuais características do concelho, revestindo-se de grande interesse pedagógico;

*A Nova Biblioteca Municipal do Seixal: Um equipamento para o futuro*, cujos objectivos foram atrás referidos;

*As colectividades do concelho do Seixal*, visando caracterizar o relevante papel do movimento associativo e popular na promoção da cultura, do desporto e ocupação dos tempos livres, assim como no combate pela liberdade e democracia;



IMAGENS DO SEIXAL  
EXPOSIÇÃO DE PINTURA  
DE  
ALBINO MOURA

*A escola e o meio no concelho do Seixal*, dando conta das experiências mais significativas que têm sido levadas a efeito no concelho do Seixal, o qual, aliás, pode ser considerado pioneiro neste domínio;

*O Rio Tejo*, mostrando os aspectos físicos e humanos relacionados com o rio.

Durante as comemorações do 152.º aniversário do concelho, efectuou-se uma exposição do pintor Albino Moura — *Imagens do Seixal* — de que constavam obras relativas a vários aspectos característicos das cinco freguesias.

No que concerne a publicações, podem citar-se *As instituições socio-culturais do concelho do Seixal*; *As Cegadas no concelho do Seixal*; *Roteiro do Seixal*. Outras publicações estão em fase de preparação.

## Juventude

A Comissão Municipal de Juventude tem continuado a desenvolver a sua actividade, com especial incidência no campo da formação e da animação cultural e desportiva. Além dos cursos de desenho e pintura, jornalismo e teatro, foi instalado um “atelier” de cerâmica, dando corpo a um projecto que tem em vista empenhar os jovens na produção artesanal. A C.M.J. colaborou também na animação do Parque Natural de Amora, na recepção aos jovens portugueses e estrangeiros que participaram na Barca da Amizade e estiveram no Seixal em 21 e 22 de Junho e promoveu, com o apoio da Câmara e em colaboração com as Associações de Estudantes, um grande espectáculo no Parque José Afonso em Corroios para assinalar o fim do ano lectivo. Durante os meses do Verão decorreu um animado e diversificado programa de animação na Casa Municipal da Juventude, em Amora: concertos, poesia, colóquios, etc. Foi

instituído um concurso de poesia juvenil, estando no prelo um livro que reuniu os trabalhos apresentados.

\*  
\* \*

O último semestre de 1988 marcou também o arranque de importantes equipamentos municipais, orçamentados em muitas centenas de milhares de contos e que representam uma aposta decisiva na elevação da qualidade de

vida das populações e no progresso material do concelho. Merecem especial destaque o Parque Municipal de Piscinas, o novo imóvel da Biblioteca e Arquivo Histórico Municipal, o Complexo Municipal de Atletismo, o Centro de Formação e Apoio Pedagógico, o Parque Histórico e Natural de Corroios, o Núcleo Sede do Ecomuseu Municipal na Quinta da Trindade e o início das obras correspondentes à 1.ª fase do Plano Geral de Saneamento do Concelho.

---

## SESIMBRA

1  
O Ano de 1988 iniciou-se em termos de animação com o Carnaval de Sesimbra

que contou com o Desfile de Escolas e Grupos de Samba e com a representação das tradicionais Cegadas.



Carnaval – Desfile das Escolas de Samba

2

Integrado no Plano de Desenvolvimento do Ténis de Mesa, decorreram 4 Torneios daquela modalidade nas classes de Pré-Infantis, Infantis e Cadetes.

3

Ainda em Fevereiro, passou por Sesimbra a 4.<sup>a</sup> Estafeta Internacional dos Três Castelos numa organização da Associação de Atletismo de Setúbal e da Região de Turismo de Setúbal que movimentou elevado número de participantes.

4

O Passeio Cultural, destinado a crianças de todas as Escolas Primárias do Concelho decorreu de Março a Julho e caracterizou-se por visitas organizadas por grupos de crianças a várias oficinas, onde para além de contactarem com uma arte manual, tiveram oportunidade de fazer alguns objectos para a sua Escola. Assim, contactaram com escritores, fizeram objectos de madeira, de barro, de escamas e de lã para além de visitarem o Museu do Mar e o Museu Arqueológico.

5

Com a Companhia de Teatro de Almada a Câmara Municipal de Sesimbra estabeleceu um protocolo de Cooperação cultural, tendo-se realizado vários espectáculos de teatro nas mais diversas aldeias do Concelho e destinados aos vários grupos etários, seguidos nalguns casos, de conversas sobre teatro com a assistência.

6

Na sequência do desenvolvimento gastronómico e turístico do Concelho, a Câmara organizou de novo este ano, de 19 a 27 de Março, em conjunto com a Comissão para o Desenvolvimento Gastronómico do Concelho e a Região de Turismo de Setúbal, a Festa do Peixe e do Marisco que teve grande

aceitação junto da população residente e flutuante.

7

Integrado no Plano de actividades da Comissão de Jovens do Concelho, realizou-se a Quinzena da Juventude de 27 de Março a 10 de Abril com passeios, teatro, vídeo, música e um acampamento. Participaram mais de 200 Jovens nestas iniciativas, tendo ficado em todas o desejo de continuar com mais e mais actividades.

8

O 25 de Abril foi uma vez mais condignamente comemorado no Concelho.

Em todas as aldeias houve manifestações culturais e desportivas, organizadas por dezenas de entidades, desde as Juntas de Freguesia às Colectividades, Ranchos Folclóricos, Estabelecimentos de Ensino e Escolas de Samba.

9

O Dia Mundial da Criança decorreu fundamentalmente na praia, em ambiente festivo, tendo a Escola Preparatória de Sesimbra organizado Corridas de Peixes, Construção de Puzzles Gigantes, Corrida de Andarilhos e um Torneio de Futebol na Praia. Para além destas actividades as crianças do Concelho puderam assistir a uma peça de teatro e conversar com um escritor de Literatura Infantil.

10

O mês de Junho foi animado pelas Festas dos Santos Populares, que contou com a colaboração de moradores que enfeitaram segundo a tradição as suas ruas onde, no decorrer das festas actuaram Grupos de Música Popular Portuguesa os indispensáveis fadistas e as famosas Marchas Populares, tornando estas noites mais quentes e mais longas.



Dia Mundial da Criança

A par dos Santos Populares decorreu uma actividade de âmbito Gastronómico — As Caldeiradas de Sesimbra — tendo aderido dezenas de Restaurantes do Concelho, porporcionando a todos quantos visitaram umas óptimas Caldeiradas a preceito!

11

De 29 de Maio a 3 de Julho decorreu o Festival do Mar, com um vasto leque de iniciativas, das quais destacamos:

- O Salão do Livro Infantil que em Sesimbra e na Quinta do Conde decorreu num período de 15 dias e com a presença de diversos escritores que vieram falar das suas obras e da Literatura Infantil a Professores e Alunos dos diferentes graus de ensino.
- O Desfile Etnográfico contou com a participação de largas dezenas de Jovens que nos contaram ao longo das ruas de Sesimbra a vida dos “pexitos” e dos “camponeses de há algumas dezenas de anos à actualidade através do seu

vestuário e dos objectos que transportavam: desde a arte das armações, a chinha, passando por actividades rurais, como as colheitas, de tudo um pouco puderam ver quantos estiveram em Sesimbra no dia 29 de Maio.

- A Feira Internacional de Artesanato, que contou com a participação de mais de dezena e meia de países veio mostrar outras culturas e consequentemente outras formas de viver que muito agradou às centenas de visitantes.
- Decorreu ainda um Encontro de Teatro Amador organizado pela Sociedade Musical Sesimbrense que veio colmatar uma falha no Concelho — a ausência de um ou mais grupos de teatro — estando neste momento a tentar criar um após as sementes deixadas por este Encontro.
- A Exposição Internacional de Gravura Contemporânea constituiu outro ponto alto do Festival do Mar, uma vez

que os sesimbrenses e quem os visitou na ocasião puderam desfrutar de trabalhos de cerca de sete dezenas de artistas nacionais e estrangeiros, contribuindo de forma marcante para a elevação do seu nível cultural.

- Paralelamente a esta iniciativa, decorreu um Atelier de Serigrafia ao Vivo que mostrava e ensinava a todos quantos o desejassem uma técnica de impressão nunca mostrada em público em Sesimbra.

Muitas mais actividades se realizaram, mas só as vamos enumerar: Feira Nacional de Artesanato; Provas Náuticas; Encontro de Poetas Populares e lançamento de um Livro com trabalhos dos Poetas do Concelho; actividades desportivas diversas; Festival de Folclore Infantil; espectáculos musicais.

12

Integrado no projecto de difusão da leitura a Câmara Municipal de Sesimbra lançou um conjunto de acções que visam a sensibilização para uma prática sã, ocupação dos tempos livres através da leitura.

Essa sensibilização passou pela dotação das Escolas do Ensino Primário bem como de algumas Colectividades de pequenas bibliotecas constituídas por cerca de 100 volumes de literatura moderna.

Este projecto passou igualmente pela motivação à leitura que contou com a participação de vários escritores que dialogaram com as crianças do Concelho sobre “O Escritor e a sua Obra”.

Na perspectiva de abranger os diferentes grupos etários foram entregues igualmente bibliotecas aos Centros de Educação Base de Adultos e aos Centros de Dia para Idosos.



# SETÚBAL

*Janeiro*

## **II Temporada Musical de Setúbal — 1988**

Iniciada a 30 com um concerto pelo duo Helena Vieira e João Paulo Santos, a II Temporada Musical de Setúbal prolongou-se até Abril, realizando-se um total de sete concertos em vários espaços nobres da cidade de Setúbal — Salão Nobre do Município, Igreja de Jesus e Cine-Teatro Luísa Todi. Esta actividade é realizada sob a égide da comemoração do nascimento da cantora lírica Luísa Todi, em 9 de Janeiro.

## **Ciclo de Conferências “A Filosofia e o Trabalho”**

Conjunto de conferências promovidas pelo Museu do Trabalho da CMS na escola secundária de Bocage. A primeira versou o tema “O Conceito de Trabalho em Aristóteles” pelo professor Aires Pereira.

## **Exposições**

“Artistas de Setúbal” — exposição colectiva de Artes Plásticas na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Setúbal, reunindo cerca de seis dezenas de artistas setubalenses ou radicados em Setúbal (inauguração no dia 30). Esta exposição integrou um conjunto de espectáculos; no dia da inauguração actuou o grupo Paz.

Também no Museu de Setúbal, António Ratinho apresentou a exposição “Vistas de Carnaval” (inauguração a 31).

Pereira de Sousa apresentou fotografias sob o título “Longe da Terra cá pela Serra” (inaugurada no dia 16).

## **Actividades preparatórias do projecto “História ao Vivo”**

Plenários de professores para preparação da “História ao Vivo”, que decorreu em Maio, tiveram lugar no Museu de Setúbal.

Foi apresentada no Museu de Setúbal a peça de marionettes “Era Uma Vez Uma Marionette”, dedicada às crianças das escolas do concelho.

É lançado o concurso “Novos Inventores Novos Artistas”.

*Fevereiro*

## **Concertos e Espectáculos**

Os grupos e solistas Opus Ensemble, Pedro Caldeira Cabral e “La Batalla”, Solistas de Setúbal e Grupo de Metais apresentaram-se ao público setubalense em concertos integrados na II Temporada Musical de Setúbal nos dias 6, 20 e 27, respectivamente, no Salão Nobre do Município, na Igreja de Jesus e novamente no Salão Nobre.

Continuou o ciclo de espectáculos promovidos no âmbito da exposição “Artistas de Setúbal” com apresentações de poetas, músicos e cantores sadinos, no dia 6 e da Banda da Sociedade Musical Capricho Setubalense no dia 20.

A Câmara Municipal de Setúbal apoiou o espectáculo “Cantar José Afonso” realizado a 20 na Sociedade Capricho Setubalense.

## Exposições

Foi aberta ao público a exposição “Casanova para Narcyso” — trabalhos de arquitectura de Helder Cerqueira, na Casa de Bocage, no dia 11.

O Ciclo de Conferências “A Filosofia e o Trabalho” teve continuidade com as palestras “O trabalho como Categoria Filosófica” por José Barata Moura e “Trabalho e Contrato Social” por José Viriato Marques.

Continuaram a bom ritmo as actividades de preparação da “História ao Vivo” com a realização de “ateliers” temáticos no Museu de Setúbal.

## Março

### Movimentações da Primavera

Exposição colectiva de artes plásticas e espectáculos, numa iniciativa de um grupo de jovens artistas setubalenses e que reuniu vinte sete artistas plásticos na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Setúbal/Convento de Jesus.

Incluiu cinco espectáculos: Quinteto de Jazz (dia 19), classes da Academia Luísa Todi e mostra de desenho infantil da ALT (dia 20), “performances” por Gilberto Correia e poesia por Viriato Marques (dia 26), poesia e música por Alexandre Murtinheira, Eduardo Carqueijeiro e Salvador Peres (dia 27) e concerto de piano por Miguel Henriques e poesia por Pedro Castro Henriques (já no dia 2 de Abril).

### Homenagem à família Albino

Várias actividades assinalaram uma homenagem do Município à Família Albino, “Gente do Espactáculo e Pioneiros do Turismo Cultural em Setúbal” — conforme o título da exposição patente ao público no Museu de Setúbal entre 8 de Março e 10 de

Abril. Esta homenagem incluiu ainda um Sarau com a participação de artistas setubalenses, no Salão Nobre do Município, no dia 25 e um Jantar de homenagem no dia 8 de Abril.

## Outras exposições

Em Março foram inauguradas três outras exposições: “A Natureza na Pintura” — integrada nas comemorações do Dia da Árvore no Museu de Setúbal, “Emoções-pintura de Jorge Rodrigues” na Casa de Bocage; a Câmara Municipal colaborou ainda na organização da exposição “História e Património da Freguesia de N.ª Sra. Anunciada”, iniciativa desta Junta de Freguesia.

Teve lugar mais um concerto da II Temporada Musical de Setúbal. A Orquestra de Câmara de Lisboa realizou uma apresnetação no Salão Nobre da Câmara no dia 5.

## Abril

### Comemorações do 14.º Aniversário do 25 de Abril

Como é já tradição o mês de Abril ficou assinalado pelo programa de comemorações do 25 de Abril. Este ano incluíram-se, para além das tradicionais cerimónias protocolares: um encontro, descentralizado, de Bandas Filarmónicas do Distrito de Setúbal com a participação das Sociedades Progresso e Valor Samouquense, Progresso Matos Galamba, União Arrentelense, Visconde de Alcácer, Sesimbrense, Humanitária Palmelense e Capricho Setubalense (co-organizadora do encontro). Tiveram ainda lugar espectáculos com os grupos Madre de Deus (música), marionettes de S. Lourenço; simultaneamente, a Câmara Municipal promoveu em colaboração com as Juntas de Freguesia bailes e convívios musicais em vários locais do concelho.

Várias exposições integraram o programa das comemorações: “Alentejo

— Fotografias de Eduardo Gageiro” — nos Paços do Concelho, “Escultura em Pedra de Carlos Dutra” — na Casa de Bocage, “Cacos, lapas e Farrapos... em Vermelho” — no Museu de Setúbal e, também no mesmo Museu, “No Labirinto da Comunicação — Memórias da Informática”; foi ainda apresentada em exposição a obra “História Contemporânea Portuguesa” — iniciativa da Associação 25 de Abril.

Em colaboração com a Associação José Afonso foi apresentada uma exposição documental sobre a vida e obra daquele artista na Casa de Bocage.

Foi encerrada, com um concerto pela Orquestra Portuguesa da Juventude no Cine-Teatro Luísa Todi, a II Temporada Musical de Setúbal.

### *Maio*

Destaque para duas actividades no mês de Maio: o ciclo “Anos Sessenta — Maio de 68, Vinte Anos” e o “Projecto História ao Vivo”.

### **Anos Sessenta — Maio de 68, Vinte Anos**

Iniciativa conjunta da Câmara Municipal e Bar Fora-de-Moda que assinalou os vinte anos do Maio de 68, debates com Eduardo Luís Cortesão (dia 26), Eduarda Dionísio, Alberto Martins e José Salvador (a 14), José Mário Branco, Helder Costa e João Brites (a 6), sessão musical com João Afonso e Sérgio Mestre (a 27) e noite de poesia com João D’Ávila (a 13). Incluíram-se ainda exposições temáticas — “A Imaginação no Poder Maio de 68/Crises Académicas” e de artes plásticas — “Treze Variações em Vermelho e Amarelo para uma Revelação por José Mascarenhas”. António Nelos apresentou uma “performance” sob o título “Revê-loção”, no (dia 7).

### **Projecto História ao Vivo**

É concretizado o Projecto História ao Vivo tendo por palco a fortaleza de S. Filipe. Participaram 3000 crianças de todas as escolas preparatórias e secundárias do concelho de Setúbal numa acção histórico-pedagógica de reconstituição de um episódio da história portuguesa ocorrido em 16 de Dezembro de 1640. Este projecto envolveu a colaboração trilateral entre especialistas portugueses, ingleses e brasileiros.

Foi ainda realizado um espectáculo de música do séc. XVII por Dolores Matos, João Paulo Cândido e Ana Luísa na escadaria dos Paços do Concelho e uma exposição do fotógrafo Stephen Wolfenden “Gente-People”, como actividades marginais deste projecto.

A Casa de Bocage continuou o seu programa de exposições com a apresentação de tapeçarias de Verena Erni.

A Câmara Municipal apoiou ainda iniciativas de duas escolas secundárias: o concurso de fotografia “Setúbal Aqui Tão Perto” e a Semana do Português que incluiu uma feira do livro, conferências e debates.

### *Junho*

**O IV Festival Internacional de Cinema de Troia** constituiu o principal acontecimento cultural na região de Setúbal durante este mês de Junho. Mereceu, obviamente, o apoio da Câmara Municipal de Setúbal.

Foram inauguradas as **exposições**: “Paisagens do Desassossego” — ilustrações de Tomás Maia para o Livro do Desassossego, no Museu de Setúbal/Convento de Jesus; “Esculturas de Abílio Febra” na Casa de Bocage.

No âmbito das actividades do **Projecto História ao Vivo** decorreram ainda duas iniciativas: uma Gala de Encerramento do projecto, no Castelo de S. Filipe, com a participação do Teatro de

Animação de Setúbal, Academia de Dança Contemporânea de Setúbal e um grupo de jovens de Suffolk (cidade participante no projecto), e uma exposição documental sobre a “História ao Vivo” e brinquedos artesanais.

O grupo de teatro “Máscara” estreou nos Claustros do Convento de Jesus, no

dia 11, a peça “Os Lusíadas” tendo apresentado um total de oito representantes.

Numa iniciativa conjunta da Câmara Municipal e Banco Fonsecas & Burnay a “Nova Filarmonia Portuguesa” realizou um concerto para juventude no Cine-Teatro Luísa Todi no dia 5.

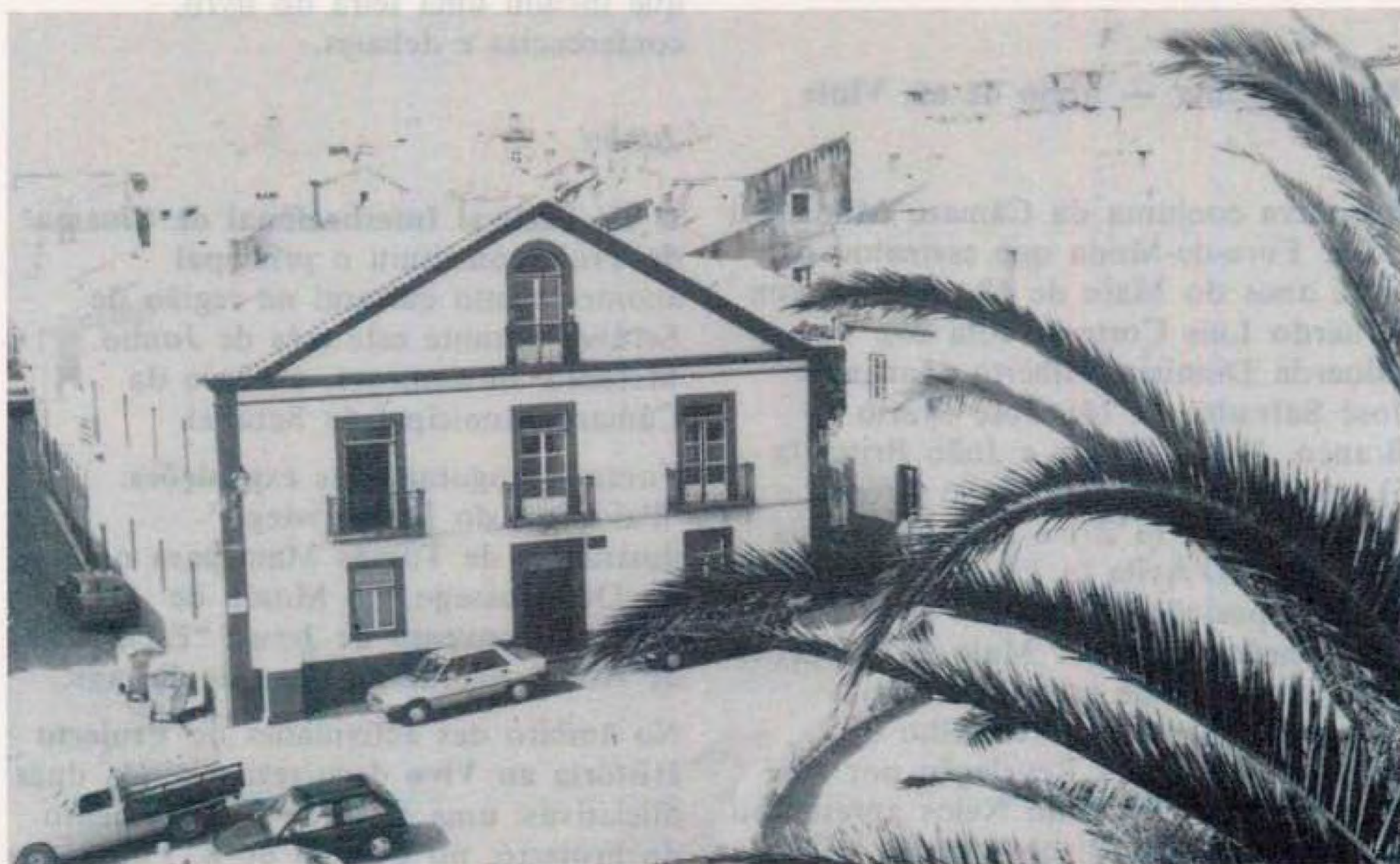
---

## SINES

### Centro Cultural Emmérico Nunes

Dando corpo ao seu Programa de Actividades para 1989, o Centro Cultural Emmérico Nunes vai desenvolver até ao final do ano acções

no campo do Teatro, das Artes Plásticas, do Património e da Informação, para além de garantir o regular funcionamento das suas Salas de Exposições. Assim:



Sines — Centro Cultural Emmérico Nunes

- Em 30 SET — “Fotografia” do Grupo Desp. e Cultural da A.P.S.
- Em 28 OUT. — “Gravura” da Soc. Portuguesa de Gravadores.
- Em 28 OUT. — “Colectiva de Tapeçaria” do “Grupo 3-4-5”.
- “Acção/Teatro anos 80”  
Mostra do Teatro independente que se fez em Portugal após 74.
- “Núcleo Vila Velha”  
Iniciar ainda este ano acções conducentes à sua demarcação, levantamento e regulamentação.
- “Jornal O MURO DA PRAIA”  
O n.º 0 encerrará o presente ciclo de actividades e passará a aparecer trimestralmente.
- “Centro de Documentação”  
Conforme está previsto no Programa de Actividades será instalado ainda este ano.

Não pode o Centro Cultural deixar de assinalar o 1.º Centenário de Emmérico Nunes (1888-1968) tendo programado a edição de uma biografia desse pintor.

## Teatro

O TEATRO DO MAR reiniciou a sua actividade em Junho passado e tem actualmente em preparação dois espectáculos:

“LORENZZACIO”, de Alfred Musset, que pela sua complexidade de execução e montagem não tem ainda data de estreia prevista.

“A BODA DOS PEQUENOS BURGUESES”, de B. Brecht, em adiantada fase de ensaios, com estreia prevista para Outubro próximo.

Por sua vez o “TEATRO AMADOR DE SINES” tem programada a estreia dum espectáculo musicado, na linha da “Revista à Portuguesa”, para as comemorações do Dia do Concelho — 24 de Novembro.

## 24 Novembro/Dia do Concelho

À semelhança dos anos anteriores, vai a Câmara Municipal de Sines promover as III Comemorações do 24 de Novembro/Dia do Concelho com que pretende celebrar o 626.º aniversário da outorga do Foral de Pedro I, bem como a elevação de Sines a vila.

## Música

A Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Sines, para além das habituais actuações nesta vila, tem programada a sua participação no 1.º Encontro de Fanfarras de Bombeiros Voluntários em Montemor-O-Novo.

A Banda Filarmónica da União Recreio Sport Siniense tem estado a realizar concertos periódicos nos bairros limítrofes da vila, iniciativa que se prolongará até ao fim do presente ano.

“A BANDA”, é este mesmo o nome dum Grupo Rock recém-formado em Sines e que acaba de ganhar o 2.º Prémio do concurso de Grupos da Festa do Avante preparando-se agora para se mostrarem em Almada e Setúbal.

## Formação

A conservação do Património Cultural foi a preocupação que assistiu aos Cursos de Formação Profissional efectuados sob a égide da Câmara Municipal de Sines e apoiados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional para as áreas da Tecelagem, do Ferro Forjado e da Construção Naval; na sequência deste último curso criaram-se condições para a construção de uma “Barca de Armação”, embarcação de origem árabe utilizada na nossa costa desde a 2.ª metade do Séc. passado até à década de 60.

No âmbito da Educação de Adultos estão a decorrer acções Sócio-Educativas para as áreas da Renda de Bilros, Tapetes de Arraiolos, Corte e Costura e



Alcácer do Sal



Grândola



Seixal



Alcochete



Moita



Sesimbra



Almada



Montijo



Setúbal



Barreiro



Palmela



Sines



Santiago do Cacém